



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
2013

**CÁTIA SOFIA GOMES
DE ALMEIDA**

**À DESCOBERTA DAS NARRATIVAS CLÁSSICAS DA
LITERATURA INFANTO-JUVENIL.**



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
2013

**CÁTIA SOFIA GOMES
DE ALMEIDA**

**À DESCOBERTA DAS NARRATIVAS CLÁSSICAS DA
LITERATURA INFANTO-JUVENIL.
ROBINSON CRUSOE NO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO.**

Relatório de Estágio Supervisionado apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino no 1º Ciclo do Ensino Básico, realizado sob a orientação científica da Doutora Cristina Manuela Sá, Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Dedicatória

Este trabalho é dedicado à minha família, aos meus amigos e a todos os que me apoiaram, demonstrando compreensão, respeito e paciência ao longo desta jornada.

O júri

Presidente

Professora Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal
Professora Associada, Universidade de Aveiro

Professora Doutora Cristina Vieira da Silva
Professora Coordenadora S/ Agregação, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Professora Doutora Cristina Manuela Branco Fernandes de Sá
Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro

Agradecimentos

Este relatório é o culminar de uma época de muito esforço, dedicação e empenho, mas, acima de tudo, de um crescimento pessoal e profissional. Tal só foi possível com o contributo de várias pessoas, às quais sinto necessidade de dirigir o meu mais profundo agradecimento.

Aos meus pais, Maria Fernanda Almeida e José Acácio Almeida, e à minha irmã, Carla Almeida, por toda a paciência em épocas mais conturbadas, pelo amor e carinho demonstrados, por acreditarem em mim e pelos sacrifícios que fizeram ao longo deste tempo.

À minha colega de estágio, Susana Ferreira, pelos cinco anos de companheirismo, de apoio nos momentos menos bons, pelo acreditar que seríamos capazes. O meu obrigado por teres estado presente em todas as etapas e seguirmos, agora, como verdadeiras amigas.

À minha orientadora, Cristina Manuela Sá, por toda a disponibilidade, incentivo e encorajamento em todas as fases do presente relatório. Pela sua enorme capacidade de organização de trabalho, dando-me sempre um feedback positivo do que havia sido desenvolvido.

À Professora Natália Abrantes, orientadora da Universidade do estágio do primeiro semestre, pela sua capacidade de me fazer acreditar na Educação, vivendo-a de forma apaixonante.

À Professora, Filomena Martins, orientadora da Universidade do estágio do segundo semestre, pela sua exigência e constante acompanhamento, que me fizeram crescer e tomar consciência das minhas reais dificuldades.

À Professora Kátia Carvalho, orientadora cooperante do estágio do segundo semestre, por nos incluir no contexto educativo de forma real e por sempre nos acompanhar sem esquecer o nosso duplo papel de professoras e alunas.

E, por fim, a todas as crianças com as quais contactei que, além de essenciais para este relatório, muito me ensinaram, enquanto pessoa e futura profissional na área da Educação.

Palavras-chave

Língua Portuguesa, Compreensão na leitura, Motivação para a leitura, Clássicos da literatura infanto-juvenil

Resumo

O presente estudo pretendia promover a motivação de alunos a frequentar o 1º Ciclo do Ensino Básico pela leitura de obras de literatura infanto-juvenil e o seu uso no desenvolvimento da sua compreensão na leitura.

Assim, trabalhámos com as crianças estratégias centradas na compreensão na leitura, nomeadamente a formulação de hipóteses antes da leitura, a obtenção de informação durante a leitura e a confirmação/infirmação das hipóteses formuladas após a leitura. Foram também propostas atividades que implicavam o uso da informação recolhida com diversas finalidades: neste caso, uma pesquisa sobre obras de literatura infanto-juvenil semelhantes à explorada com uma turma do 3º ano de escolaridade: *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe.

Recolhemos dados relativos ao desempenho dos alunos em compreensão na leitura e à sua motivação para a abordagem deste tipo de obras.

A análise de conteúdo dos dados recolhidos revelou que os alunos tinham efetivamente evoluído em termos de compreensão na leitura e revelavam bastante interesse pela abordagem de obras que podemos situar entre os “clássicos” da literatura infanto-juvenil.

Keywords

Transversal approach of the teaching/learning of the mother tongue, Reading comprehension, Motivation for reading, Classics of the children and adolescent literature.

Abstract

This study aimed to develop competencies in reading comprehension and promote the interest of children in primary school (8-9 year old) for the classics of children and adolescent literature.

With this purpose, we conceived and applied a didactic intervention focused on the study of relevant episodes of *Robinson Crusoe*, by Daniel Defoe.

It included tasks involving the use of certain reading strategies: producing hypotheses before reading, gathering information while reading, validating the hypotheses after reading and identifying main ideas in texts. One of them consisted of a research on children and adolescent literature meant to lead the pupils to reading such novels.

We collected data on the performance of the children that took part in this experiment, through the activities included in the didactic intervention. The content analysis of these data revealed that these children had improved in reading comprehension and acquired a certain taste for this kind of literature.

Mots-clés

Approche transversale de l'enseignement/apprentissage de la langue maternelle, Compréhension écrite, Enseignement des Sciences, Jardin d'enfants

Résumé

Cette étude avait pour but de contribuer au développement de compétences en compréhension écrite chez des élèves de la Maternelle et de les pousser à la lecture de classiques de la littérature pour jeunes.

Ainsi, on a mené à bout une intervention didactique centrée sur l'étude de quelques épisodes de *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, avec des enfants de CE2.

Cette intervention comprenait des tâches demandant le recours à la formulation d'hypothèses avant la lecture, au recueil d'information pendant la lecture, à la validation des hypothèses posées après la lecture et à l'identification d'idées principales dans les textes. L'une des tâches consistait à une recherche sur les classiques de la littérature pour jeunes.

On a recueilli des données concernant la performance des enfants en compréhension écrite et leur intérêt pour les classiques de la littérature de jeunesse.

L'analyse de contenu de ces données a révélé que les enfants avaient amélioré leurs compétences en compréhension écrite à différents niveaux. D'autre part, on a constaté qu'ils éprouvaient du plaisir au contact avec des classiques de la littérature de jeunesse.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. Problemática	1
2. Questões de investigação	1
3. Objetivos de investigação	2
4. Metodologia de investigação	2
5. Organização do relatório	3
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	
Capítulo 1 – Literatura infanto-juvenil	6
1.1. Sua natureza e características	7
1.2. Sua receção pelos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico	11
1.3. Os clássicos do género	13
Capítulo 2 – Desenvolvimento de competências em compreensão na leitura	16
2.1. O que é a leitura?	16
2.2. Sua importância no 1º Ciclo do Ensino Básico	18
2.3. Estratégias didáticas orientadas para a compreensão na leitura	20
PARTE II – O ESTUDO EMPÍRICO	
Capítulo 3 – Metodologia de investigação	26
3.1. Caracterização do estudo	26
3.2. A intervenção didática	27
3.2.1. Contextualização	27
3.2.2. Organização e implementação	31
3.2.2.1. Primeira sessão	31
3.2.2.2. Segunda sessão	33
3.2.2.3. Terceira sessão	33
3.2.2.4. Quarta sessão	34
3.2.2.5. Quinta sessão	34

Capítulo 4 – Análise e interpretação dos dados	36
4.1. Relativos à motivação para a leitura de obras da literatura infanto-juvenil	36
4.2. Relativos ao desenvolvimento da compreensão na leitura	37
4.2.1. Formulação de hipóteses e sua confirmação/infirmiação	38
4.2.2. Identificação das ideias principais de textos	39
4.2.2.1. Ordenação de parágrafos relativos à obra	39
4.2.2.2. Desenhos legendados alusivos a momentos da obra	43
4.2.2.3. Realização de uma pesquisa relacionada com a obra em estudo	45
 Capítulo 5 – Conclusões e sugestões	 47
5.1. Conclusões	47
5.1.1. Relativas à motivação para a leitura de obras da literatura infanto-juvenil	47
5.1.2. Relativas ao desenvolvimento da compreensão na leitura	48
5.2. Sugestões pedagógico-didáticas	50
5.2.1. Relativas à motivação para a leitura	50
5.2.2. Relativas ao desenvolvimento da compreensão na leitura	51
5.3. Limitações do estudo	52
5.4. Sugestões para outros estudos	52
 BIBLIOGRAFIA	 54
 WEBGRAFIA	 54
 ÍNDICE DE GRÁFICOS	
Gráfico 1 – Caracterização dos alunos relativamente à sua idade	29
Gráfico 2 – Caracterização dos alunos relativamente ao número de irmãos	29
Gráfico 3 – Caracterização dos pais dos alunos em termos de idade	30
Gráfico 4 – Caracterização dos pais dos alunos em termos de habilitações literárias	30
Gráfico 5 – Levantamento do local de residência dos alunos	31

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Indicadores de motivação para a leitura de obras da literatura infanto-juvenil	36
Quadro 2 – Natureza dos interesses manifestados pelos alunos em relação à obra a estudar	37
Quadro 3 – Desempenho dos alunos na formulação de hipóteses sobre um episódio da narrativa e sua confirmação/infirmiação	38
Quadro 4 – Desempenho dos grupos na atividade de ordenação de parágrafos relativos à obra completa	39
Quadro 5 – Desempenho dos grupos na atividade de ordenação de parágrafos relativos a um episódio da obra	40
Quadro 6 – Desempenho dos grupos na justificação da ordenação de parágrafos relativos a um episódio da obra	41
Quadro 7 – Natureza das falhas reveladas pelos grupos na justificação da ordenação de parágrafos do episódio da obra	42
Quadro 8 – Desempenho dos alunos na elaboração de desenhos legendados alusivos a momentos da narrativa à sua escolha	43
Quadro 9 – Desempenho dos grupos na redação de um texto da síntese de informação recolhida numa pesquisa individual feita a partir de um guião proposto	45

ANEXOS

Anexo 1 – Planificações das sessões da intervenção didática	58
Anexo 2 – Apresentação da obra em PowerPoint (até ao momento do naufrágio)	72
Anexo 3 – Texto sobre Daniel Defoe elaborado pela investigadora	76
Anexo 4 – Paráfrase do texto sobre Daniel Defoe feita pelos alunos	77
Anexo 5 – Parágrafos relativos à obra <i>Robinson Crusoe</i> , de Daniel Defoe	78
Anexo 6 – Folhas de registo individual para preenchimento pelos alunos	82
Anexo 7 – Apresentação em PowerPoint relativa à ordenação dos parágrafos e à apreciação do trabalho de cada grupo	83

Anexo 8 – Desenhos legendados alusivos a momentos da obra escolhidos pelos alunos	84
Anexo 9 – Caraterísticas das “ilhas” imaginadas pelos alunos	95
Anexo 10 – Excerto da obra relativo à descrição da ilha	96
Anexo 11 – Confirmação/infirmção das hipóteses sobre as características da ilha formuladas pelos alunos	97
Anexo 12 – Excerto da obra relativo ao encontro com Sexta-Feira	98
Anexo 13 – Guião de pesquisa elaborado pela investigadora	99
Anexo 14 – Textos de apresentação das pesquisas feitas pelos grupos	100
Anexo 15 – Folhas de registo individual preenchidas pelos alunos	103
Anexo 16 – Proposta de ordenação de parágrafos relativos a momentos da obra	136
Anexo 17 – Proposta de ordenação de parágrafos relativos a um episódio da obra	148
Anexo 18 – Justificações apresentadas pelos grupos para a ordenação dos parágrafos relativos a um episódio da obra	152
Anexo 19 – Guiões de pesquisa preenchidos pelos alunos	153

INTRODUÇÃO

“O 1º Ciclo do Ensino Básico é apenas um primeiro passo no percurso escolar do indivíduo, cada vez mais longo, à medida que as necessidades básicas de escolarização vão aumentando. Mas ele é também a base de um edifício que tem como finalidade essencial desenvolver as competências de comunicação e expressão dos sujeitos, tendo em conta as potencialidades que estes apresentam à partida.”

(Sá, 2004: 11)

1. Problemática

É nesta perspetiva que o presente projeto se estrutura, acreditando que o trabalho com obras de literatura clássica infanto-juvenil – um tema de relevo no âmbito do ensino/aprendizagem da língua portuguesa – pode ser um estímulo para a aquisição de conhecimentos em diversas outras áreas: por exemplo, a geografia, a história e a educação ambiental (integradas na área curricular disciplinar de Estudo do Meio), indo, assim, ao encontro do desenvolvimento de competências acima referido.

Por outro lado, discorda-se da ideia de que os clássicos da literatura infanto-juvenil não despertam interesse nas crianças, sendo, frequentemente, vistos como enfadonhos.

Destas reflexões, surgiu a motivação para a exploração de uma dessas obras: mais concretamente, *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe.

No âmbito do nosso projeto, pretendíamos levar a cabo uma intervenção didática centrada na exploração desta obra, de forma lúdica, mas não menos rigorosa, a fim de desenvolver competências em compreensão na leitura, por meio da *“descoberta de diversas modalidades de textos, escritos e multimodais”* (Reis, 2009: 22) em alunos a frequentar o 1º Ciclo do Ensino Básico (mais concretamente, o 3º ano de escolaridade).

2. Questões de investigação

Tendo em conta a nossa problemática e motivações, através da realização deste estudo, pretendíamos obter respostas para as seguintes questões de investigação:

- Serão as obras de literatura clássica infanto-juvenil motivadoras para os mais novos?

- Será que a exploração dessas obras pode contribuir para o desenvolvimento de competências em compreensão na leitura em alunos a frequentar o 1º Ciclo do Ensino Básico?

3. Objetivos de investigação

Qualquer proposta de investigação pressupõe a consecução de objetivos.

O nosso estudo tinha, assim, como objetivos:

- Desconstruir a ideia de que as obras de literatura clássica não são motivadoras para os mais novos;

- Contribuir para o desenvolvimento de competências em compreensão na leitura em alunos a frequentar o 1º Ciclo do Ensino Básico.

4. Metodologia de investigação

Tendo em conta as questões de investigação formuladas e os objetivos definidos para o presente estudo, adotamos um método de investigação do tipo qualitativo. Segundo Pardal & Correia (1995: 17), este *“privilegia, na análise, o caso singular e operações que não impliquem quantificação e medida”*.

A distinção entre métodos de investigação qualitativos e quantitativos é ténue e, por vezes, até controversa, uma vez que *“(...) o primeiro apoia a preparação de uma observação quantitativa e o segundo ameniza eventuais impressões subjetivas”* (Pardal & Correia, 1995: 19).

Por outro lado, ao levarmos a cabo a nossa intervenção didática com um grupo de alunos que acompanhamos de perto, no âmbito da unidade curricular de Prática Pedagógica Supervisionada A2, conseguimos refletir sobre as nossas práticas, o que nos permite afirmar que o estudo feito teve um cunho de investigação-ação. Significa isto que nos envolvemos *“ativamente na causa da investigação”* (segundo Bogdan e Biklen, citados em Carmo & Ferreira, 1994: 293).

Ao longo da nossa intervenção didática, recolhemos vários dados, através de atividades realizadas em grupo e individualmente. Estes mesmos dados referem-se à motivação dos mais novos para a leitura de obras da literatura infanto-juvenil e ao desenvolvimento de competências da compreensão na leitura.

Os dados recolhidos foram alvo de uma análise de conteúdo.

5. Organização do relatório

Este relatório apresenta-se dividido em duas partes.

A primeira parte corresponde ao enquadramento teórico do nosso estudo, sendo composta por dois capítulos.

No primeiro capítulo, abordamos aspetos ligados à literatura infanto-juvenil: sua natureza e características, receção pelos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico e referência aos clássicos do género.

No segundo, damos destaque ao desenvolvimento de competências em compreensão na leitura, procurando definir o que é a leitura, determinar qual a sua importância no 1º Ciclo do Ensino Básico e referir estratégias didáticas a adotar para o desenvolvimento de competências em compreensão na leitura.

A segunda parte refere-se ao estudo empírico, compreendendo três capítulos.

No Capítulo 3, apresentamos a nossa metodologia de investigação, fazendo uma breve caracterização do estudo, procedemos à sua contextualização e descrevemos as grandes linhas da intervenção didática levada a cabo.

No Capítulo 4, apresentamos a análise e interpretação dos dados obtidos, tendo em conta a motivação para a leitura de obras de literatura infanto-juvenil e o desenvolvimento de competências em compreensão na leitura.

Por fim, no Capítulo 5, apresentamos as nossas conclusões e sugestões e referimos as limitações do nosso estudo e sugestões para outros estudos.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1 – Literatura infanto-juvenil

“O gênero ‘Literatura Infantil’ tem, a meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças, que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens ou aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado à criança, desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, distinção preconceituosa se desfaz. Será a criança um ser à parte, estranho ao homem e reclamando uma literatura também à parte? Ou será a literatura infantil algo de mutilado, de reduzido, de desvitalizado – porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria infância?”

(Carlos Drummond de Andrade, citado por Soares in Evangelista, Brandão & Machado, 1999: 18)

Esta citação remete-nos para as muitas questões em torno da existência de uma literatura infanto-juvenil, tanto mais que, como é referido, as obras nela integradas são do interesse dos adultos e, muitas vezes, na sua origem, faziam parte da literatura a eles destinada. Esta dualidade originária acontece, também, frequentemente com os ditos “clássicos da literatura infanto-juvenil”. Em suma, não existem propriedades semânticas e/ou formais capazes de definir um texto/obra como “literatura para a infância”.

Não nos parece pertinente, no âmbito deste projeto, aprofundarmos esta questão, apesar de termos sentido a necessidade de chamar a atenção para ela.

Por conseguinte, vamos focar este nosso capítulo em aspetos que nos pareceram essenciais para a fundamentação da intervenção didática que levamos a cabo, com relevo para a natureza e as características da literatura dita infanto-juvenil e a sua receção pelos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Faremos ainda uma referência breve aos títulos dos clássicos do género, entre os quais figura a obra que exploramos aquando da implementação do nosso projeto.

1.1. Sua natureza e características

A história da literatura infanto-juvenil remonta à tradição oral, isto é, à literatura dita popular e tradicional.

De facto, segundo Barreto (1998: 15-16) *“fábulas, lendas, mitos, contos maravilhosos, novelas de cavalaria, contos de fadas são narrativas que circularam primordialmente por via oral, enriquecidas aqui e ali, adulteradas além (quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto!). Constituíram aquilo que podemos designar por pré-história da literatura infanto-juvenil.”*

Na base da literatura infanto-juvenil e seguindo a linha de conhecimento apresentada por Barreto (1998: 16), encontramos três livros originários do Oriente: o *Pantschatantra*, o *Mahabarata* e o *Vischno Sarma*. Trata-se de fábulas primitivas, em que foram condensadas as tradições orais daquela cultura e que se converteram num marco para a criação da literatura, incluindo a do mundo ocidental. De facto, *“embora sejam contos de tradição oriental, estes (...) assumem na literatura ocidental uma preponderância e interesse maior que na literatura árabe, que não parece rever-se neles”* (Barreto, 1998: 17).

Restringindo-nos agora ao mundo ocidental, sabemos que, segundo Barreto (1998: 18), *“com o Renascimento e a evolução das técnicas, onde situamos a invenção da imprensa por Gutenberg, o aparecimento da gravura e a generalização do uso do papel, começa a surgir com mais acuidade uma literatura culta com representantes em toda a Europa e naturalmente em Portugal (Camões e Bernardim Ribeiro, por exemplo). Mas não será nela que chocarão os ovos dos quais nascerá a literatura infantil. Esta germinará sobretudo da literatura popular, folclórica, da passagem ao papel das tradições orais que circulavam pelos povos”.*

Assim, no nosso país, regista-se algum atraso no aparecimento da literatura infanto-juvenil. Esta só se vai desenvolver verdadeiramente após a implantação da República, em 1910 (Barreto, 1998).

No entanto, já anteriormente tinha havido algumas tentativas de introdução de uma literatura especificamente destinada ao público infanto-juvenil, essencialmente a partir de 1870.

Segundo Barreto (1998: 217), *“nas origens, a literatura infantil no nosso país passou por uma fase em que vingaram as traduções de obras estrangeiras (...). Com a Geração de 70 surgiu a preocupação de produzir algo de nosso para as crianças. E começaram a aparecer recolhas de contos tradicionais, mais ou menos adaptados, em diferentes versões. Nos últimos anos do século XIX, o interesse pela criança e os seus problemas leva ao aparecimento de escritores empenhados numa escrita destinada a esse leitor/criança, olhando agora à luz de novas realidades pedagógicas, políticas e sociais.”*

Por conseguinte, concluímos que a explosão da literatura infanto-juvenil em Portugal está, também, associada à evolução da importância dada à criança, enquanto ser pensante e capaz de compreender a obra como um todo.

À dificuldade em discernir quais são os primórdios da literatura infanto-juvenil (nomeadamente no caso português) acresce a dificuldade de encontrar uma definição satisfatória para ela.

Diz-nos Barreto (1998: 12) que, *“segundo Nelly Novaes Coelho literatura infantil é, antes de tudo, ‘literatura’; e esta – o género matriz – apresenta os mesmos óbices a uma clara caracterização. (...) Ligada desde as origens à ‘diversão’ ou ao ‘aprendizado’ das crianças, a literatura infantil tem sido vista pelo adulto como algo ‘pueril’ (nivelada ao brincar) ou como algo ‘útil’ (nivelada ao ensino). (...) Em se tratando de literatura infantil, é preciso lembrar, de início, que além de ser um ‘fenómeno literatura’ ela é ‘um produto destinado às crianças’, que em suas origens ‘nasceu destinada aos adultos’. Ou melhor, que certas obras que foram famosas como literatura para adultos, com o tempo e através de um misterioso processo de adaptação, acabaram se transformando em ‘entretenimento para crianças’.”*

Lindeza (1994: 8) procura deslindar esta meada, considerando que literatura infantil *“é aquela que as crianças conquistaram para si, isto é, aquela que as crianças ativa e seletivamente receberam como tal”*.

Ora, se é o destinatário (criança) que “cativa” para si determinada obra (embora esta não seja uma ideia assim tão linear), podemos conjecturar que as especificidades que estão subjacentes à mesma são, também, capazes de inspirar gosto a quem a lê e torná-la de compreensão acessível para esse público. Pelo que é fácil perceber que é o público

que assume um papel fundamental na relação obra/leitor, isto é, consoante as características e preferências dos mais novos, são estes que vão, ao longo dos tempos, determinando, de alguma forma, as próprias características da literatura infanto-juvenil.

De facto, tal como nos referem Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada (citadas por Gomes, 1991: 21), *“para dar prazer [às crianças], um texto tem que ser assim: - narrativo, com princípio, meio e fim. Obedecendo a uma lógica, que se deve manter a mesma. – Cheio de peripécias, ações. – Focar assuntos que lhes interessam espontaneamente, ou seja, aventuras ou ficção científica. – Ser escrito numa linguagem bem clara, de preferência em discurso direto. E num tipo de letra que não canse.”*

Neste contexto, é também importante referir que, muitas vezes, a literatura infanto-juvenil é associada à *“transmissão de conceitos morais e edificantes”* (Barreto, 1998: 15).

A conceção, implementação e avaliação da nossa intervenção didática exigiu que tentássemos explicitar quais as características que definem uma obra como literatura clássica infanto-juvenil, que tivemos em conta no nosso estudo.

O conjunto destas características é bastante amplo nos vários autores consultados, não havendo por isso uma definição estereotipada, à semelhança da própria definição de literatura infanto-juvenil referida anteriormente.

Segundo Esther de Lemos (parafraseada por Gomes, 1991: 11), *“a grande obra literária infantil, com efeito, é aquela em cujo estilo não há qualquer torção sensível nem sombra de artificialidade: e que, mesmo quando num passo ou noutro obriga a criança a perguntar o significado de uma palavra ou de uma imagem, consegue despertá-la ou encantá-la sem pactuar de antemão com uma suposta ignorância, pieguice ou debilidade de espírito”*. Nesta perspetiva, podemos subentender que uma das características subjacentes é a vertente pedagógica, isto é, a literatura com o objetivo de formar e informar o público leitor.

Concomitantemente, *“segundo Vítor Manuel Aguiar e Silva ‘com efeito, a literatura infantil, quer oral quer escrita, tem desempenhado uma função relevantíssima, até aos seus destinatários, na modelização do mundo, na construção dos universos simbólicos, na consolidação de sistemas de crenças e valores. Esta função modalizadora,*

indissoluvelmente ligada à imaginação, à fantasia e ao prazer lúdico, manifesta-se de modo específico na exploração das virtualidades da língua que muitos textos da literatura infantil realizam com surpreendente criatividade (...)’ ” (Gomes, 1991: 11). Assim, estão ainda subjacentes à literatura infantil mais duas características fundamentais, que correspondem a uma vertente estética e a uma vertente lúdica. De facto, tal como nos diz Gomes (citando Aguiar e Silva), a literatura infanto-juvenil só o é, se se apresentar como uma obra de arte, bem como se aliar o jogo e a brincadeira ao próprio saber, respetivamente. Pelo que entendemos facilmente que a inclusão de um livro no universo da literatura infanto-juvenil implica o cruzamento das vertentes acima referidas. Logo, este deverá ser capaz de divertir, entreter e formar o leitor, colaborando na construção da sua personalidade e compreensão do mundo. Mais, deverá dar acesso ao imaginário, ao universo onírico (essencial para o desenvolvimento pessoal nestas faixas etárias), à transmissão/aquisição de competências sociais, linguísticas, narrativas e literárias (indispensáveis ao desenvolvimento social do indivíduo, reforçando a sua pertença a uma comunidade).

Importa, por fim, relacionar estas características com a nossa intervenção didática. Esta, na sua génese, teve o propósito de abordar uma obra de literatura infanto-juvenil (*Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe), que foi considerada na sua vertente pedagógica e, de alguma forma, também na sua vertente lúdica. De facto, através das atividades desenvolvidas, procuramos que esta obra levasse as crianças ao contacto com o imaginário, bem como pudessem dela retirar informação que sustentasse novos conhecimentos.

1.2. Sua recepção pelos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico

“Não é a linguagem que afasta os jovens dos clássicos (...). Ainda que algumas palavras tenham caído em desuso, ainda que o estilo seja rico e complexo, nem uma coisa nem outra constituiria obstáculo se a história lhes interessasse. Mas a história geralmente não lhes interessa porque o contexto em que se movem as personagens lhes parece tão distante como se fizesse parte de outra fase da vida da humanidade.”

(Magalhães & Alçada, 1994: 56)

A desmotivação patente na citação acima apresentada é evidenciada, quando alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico exprimem os sentimentos que neles desperta a leitura de obras da literatura infanto-juvenil.

Na relação escola-professor-aluno, é essencial não ignorar o que mais pode afastar o jovem público da literatura clássica, entendendo, como dizem Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada (1994: 56-57), que *“as novas gerações em bloco adquiriram uma maneira muito própria de estar no mundo”* e que *“as regras sociais, os modelos de comportamento, as formas de as pessoas se relacionarem umas com as outras, e até certas normas morais (...) foram banidas e perderam totalmente o sentido.”*

A desconstrução desse sentimento (por parte de quem lê)/ideia (por parte de quem trabalha com o leitor) é um dos objetivos deste projeto.

Do ponto de vista dos professores, o trabalho com textos literários está, quase sempre, associado a sensações de dificuldade e a pouca adesão por parte das crianças, uma vez que se torna difícil *“para os jovens o mergulho nas obras do século passado”* (Magalhães & Alçada, 1994: 57).

Assim, por um lado, os professores sentem que os alunos, na sua maioria, as encaram como enfadonhas e, por outro, desmotivados pela reação do público, veem a sua abordagem como mais um trabalho a executar.

Contudo, *“um trabalho de pesquisa devidamente orientado pelo professor, que leve os alunos a descobrirem outra forma de viver e de pensar, a estabelecerem comparação com a época em que vivem, a traçarem um quadro do que se modificou, pode ser aliciante”* (Magalhães & Alçada, 1994: 57/58).

Um outro lado da questão prende-se, recentemente, com *“a ideia de que compete à escola cultivar o amor à leitura (...)”* (Magalhães & Alçada, 1994: 68) e *“(...)basta recuar trinta ou quarenta anos para verificar que as coisas se encaravam de maneira diferente”* (Magalhães & Alçada, 1994: 68). De facto, *“sempre se atribuiu à literatura infantil (como também à juvenil) um carácter educativo, formador, por isso ela quase sempre se vincula à escola, a instituição, por excelência, educativa e formadora de crianças e jovens (...)”* (Soares, citado em Evangelista, Brandão & Machado, 1999: 18-19). Pelo que hoje podemos constatar que *“na escola a leitura passou a ser vista como uma aliada do estudo e não como concorrente. Hoje todos reconhecem que é desejável que os alunos leiam muitas obras muito diversas, mesmo que o conteúdo nada tenha a ver com as matérias escolares. Tornou-se ponto assente que a leitura representa um enriquecimento pessoal.”* (Magalhães & Alçada, 1994: 68).

É nesta perspetiva da relação escola-professor-aluno-literatura que se define literatura como sendo *“um tipo de leitura que requer estratégias próprias, mas que também é produção de conhecimento”* (Soares, citado por Evangelista, Brandão & Machado, 1999: 14).

Assim, pretende-se *“uma escolarização adequada da literatura: aquela que não desvirtuasse, que propiciasse ao leitor a vivência do literário, e não uma distorção ou uma caricatura dela e que, finalmente, conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar”* (Soares, citado em Evangelista, Brandão & Machado, 1999: 14).

É, assim, fácil entender que, quando se procede a essa escolarização da literatura clássica de forma inadequada, se cria um grande obstáculo à sua aceitação. Temos aqui uma das principais causas do mau desempenho dos alunos na sua compreensão e da desmotivação que revelam em relação a estas obras.

Então, pensamos que, a fim de reverter esta situação (má receção da literatura clássica pelos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico), será necessário que a relação Escola-literatura infanto-juvenil se altere. É importante dar às nossas crianças a possibilidade de experimentar *“uma leitura que subverte, que desafia e não pode ser domesticada”* (Soares, citado por Evangelista, Brandão & Machado, 1999: 14).

Neste contexto, o trabalho desenvolvido pelo docente é crucial, na medida em que é este que desafiará os jovens para essa mesma leitura, sendo que quanto melhor for o desafio, maior e melhor será a participação e empenho do público a que se dirige. De facto, *“na maior parte dos casos é necessário intervir. Não há nenhuma estratégia certa e segura neste campo. As soluções eficazes variam muito conforme a idade, o nível de escolaridade, a maneira de ser dos alunos, os motivos que os afastam da leitura num determinado momento. Só com empenho, imaginação, abertura de espírito, flexibilidade, se chega a atingir resultados positivos.”* (Magalhães & Alçada, 1994: 76).

Mais, espera-se do docente que este seja, ainda, capaz de selecionar estratégias didáticas, conceber atividades e mobilizar recursos que lhe permitam captar a atenção do seu público para esta literatura e para a abordagem profícua de obras que fazem parte deste universo.

1.3. Os clássicos do género

Os clássicos da literatura infanto-juvenil são mais que muitos. Baseando-nos na obra de Barreto (1998), iremos apresentar, de seguida, alguns títulos de clássicos da literatura infanto-juvenil mais sonantes no seio do grande público português, incluindo aqui a obra que foi abordada na nossa intervenção didática.

Assim, segundo Barreto (1998), falar de clássicos da literatura infanto-juvenil implica não descartar, por exemplo:

- *“Os Três Mosqueteiros”* (1845), de Alexandre Dumas, que se caracteriza por ser um autor que via na História o seu elemento cénico, dando especial ênfase à ação;
- *“O Pequeno Príncipe”* (1943), de Antoine de Saint-Exupéry, que corresponde a *“uma abordagem simbólica sobre a condição humana”* (Barreto, 1998: 150);
- *“Contes de Ma Mère l’Oye”* (1697), de Charles Perrault, em que se incluem os tão conhecidos contos *O Gato das Botas* e *O Pequeno Polegar*, entre outros;
- *“Contos para crianças”* (1835-1842), de Hans Christian Andersen, obra essa que se caracteriza pela presença de sentimentos simples aliados a uma imaginação fértil capaz de os narrar;

- *“Contos de Grimm”* (1812-1822), dos Irmãos Grimm, em que ressalta *“a tendência literária e fantasiosa de Wilhem”* (Barreto, 1998: 182);

- *“Fables”* (1668), de Jean de La Fontaine, que *“foi buscar a inspiração a Esopo e a Fedro e doseou-a com a sua própria experiência, criando uma fórmula de sucesso: um conto, uma moralidade”* (Barreto, 1998: 188-189);

- *“A volta ao mundo em oitenta dias”* (1873), de Jules Verne, entre muitos outros romances de aventuras que o tornaram célebre;

- *“Alice Adventures in Wonderland”* (1865), de Lewis Carroll, que *“surgiu na sequência de um passeio por rio que empreendeu com as três filhas do diretor do Colégio; para uma das quais, Alice, prometera escrever a história que lhe contara nessa ocasião”* (Barreto, 1998: 196);

- *“Sítio do Pica-pau Amarelo”* (1929), de Monteiro Lobato;

- *“Robinson Crusoe”* (1719), de Daniel Defoe, a obra que escolhemos para a nossa intervenção didática.

Ainda segundo Barreto (1998: 159-160), esta obra (*Robinson Crusoe*) *“enaltece a vida natural, a capacidade do homem para enfrentar a adversidade, que no caso é a luta do marinheiro contra a solidão de uma ilha deserta. Mas pode ainda extrair-se de toda a história a energia humana, a aptidão de cada indivíduo para inventar e fazer coisas. Defoe tomou como modelo para o seu Robinson Crusoe, a figura do marinheiro escocês Alexandre Selkirk, o filho de um sapateiro, que numa discussão em pleno mar com o seu capitão caiu à água e a seu próprio pedido foi levado para uma ilha deserta onde viveu entre 1704 e 1709, altura em que foi recolhido pelo capitão Woodes Rogers, que soube do sucedido. Ao chegar a Inglaterra em 1711, Selkirk deu uma entrevista para o jornal «The Guardian» sobre o que ocorrera consigo.”*

A escolha desta obra como objeto de estudo no nosso projeto resultou do nosso gosto pessoal e de dois outros motivos.

Um deles relacionava-se com o elemento cénico principal do desenrolar da ação – a ilha. Pareceu-nos que este cenário, por ser um local que *a priori* não é do quotidiano das crianças, poderia potenciar o imaginário dos mais novos e motivá-los para o estudo da obra, fazendo com que não o vissem como enfadonho.

Por outro lado, este elemento cénico é fácil de relacionar com o tema de educação ambiental, que foi abordado pela colega que conosco trabalhou em Prática Pedagógica Supervisionada A1 e A2 e em Seminário em Investigação Educacional A1 e A2. De alguma forma, esta obra surge, assim, como garantia da continuidade da intervenção didática pensada pela díade, que em tantos aspetos diferia, mas seguia uma mesma linha temática.

Capítulo 2 – Desenvolvimento de competências em compreensão na leitura

O estudo de uma obra de literatura clássica pode levar à aquisição de conhecimentos nas mais variadas áreas do saber.

No caso deste projeto, destaca-se o desenvolvimento de competências em compreensão na leitura que se revela *“um dos objetivos essenciais da escolarização dos cidadãos”* (Carvalho, 2007: 27).

É fulcral, então, que se entenda o que é ler.

2.1. O que é a leitura?

Segundo Maria da Graça Castro Pinto (citada em Sá, 2004: 10), *“a leitura não deve ser uma prática apoiada na mera decifração, ela deve ser sim uma leitura-compreensão capaz de evocar no leitor as potencialidades do material impresso, i.e., o alargamento dos seus conhecimentos e da sua imaginação, permitindo-lhe também o acesso às mais variadas formas de escrita. (...)”*.

Ainda nas palavras desta autora (Pinto, citada em Sá, 2004: 13), a leitura surge também associada ao conceito de literacia, que corresponde à capacidade de *“usar as competências (ensinadas e aprendidas) de leitura, escrita e cálculo (...) e não a alfabetização, conceito, que remete antes para o «ato de ensinar e aprender (a leitura, a escrita e o cálculo)» (...) e consequentemente para a obtenção do saber assim transmitido (Pinto, 1998: 69)”*. Destaca-se, assim, o saber usar o que se lê, exigindo que se compreenda a ação de ler na sua totalidade.

Como é evidente, a forma como se concebe a leitura condiciona o seu processo de ensino/aprendizagem.

Segundo Fernanda Leopoldina Viana e Margarida Teixeira (2002: 14), *“i) aprender a ler significa aprender a descodificar palavras; ii) aprender a ler significa aprender a identificar palavras; iii) aprender a ler significa trazer significado para o texto, com o fim de obter dele significado. O primeiro ponto de vista supõe que, uma vez as palavras descodificadas, a compreensão virá por si. O segundo prevê que, logo que tenha lugar a compreensão individual das palavras, do sentido das frases ou parágrafos, a compreensão do texto operar-se-á automaticamente. O terceiro defende que a compreensão não*

resulta somente da decodificação prévia de cada palavra na frase, mas que o nosso conhecimento extratextual dá sentido ao texto, e o texto, por sua vez é portador de novos sentidos”.

Mais, segundo Gabriel Gonçalves (citado em Sá, 2004: 16), os objetivos essenciais da leitura passam por: ler e aprender a ler (leitura básica ou fundamental), usar a leitura para aprender (leitura informativa ou funcional) e ler para se distrair (leitura recreativa).

Assim, importa entender quais os processos subjacentes à compreensão de um texto (oral e/ou escrito), fazendo a ponte necessária para o tal processo de ensino/aprendizagem da leitura.

Na leitura, intervêm dois tipos de processos que, apesar de antagônicos, se complementam:

- processos descendentes, através dos quais *“o sujeito prevê o significado de um texto, isto é, dirige a si próprio perguntas sobre o texto (...), o leitor tem de recorrer ao seu conhecimento do mundo e à estrutura das frases”* (Viana & Teixeira, 2002: 15);

- processos ascendentes, levando ao reconhecimento da palavra, pelo que *“a compreensão da leitura, consiste no processamento sequencial do texto. O texto guia a compreensão e não envolve as experiências e as expectativas do leitor.”* (Viana & Teixeira, 2002: 15).

É a interação entre estes dois tipos de processos que permite a compreensão de um texto (oral e/ou escrito). Tal como Sá (2004: 18) nos explica, a compreensão assenta *“simultaneamente, em ‘processos ascendentes’, pois o leitor tem de ir buscar pistas ao texto, e em ‘processos descendentes’, dado que o leitor aplica ao texto esquemas que lhe dão a sua estrutura convencional e que ele procura identificar no texto concreto que está a procurar compreender”.*

Kintsch (citado por Sá, 2004: 14/15) considera que a compreensão de um texto oral ou escrito compreende as seguintes fases:

- “ - a análise perceptiva do texto (no caso do discurso oral, conduz à identificação do código fonémico (fonemas) e, no caso do discurso escrito, à identificação do código visual (grafemas);*

- a identificação das palavras (feita através do recurso ao léxico da língua usada, armazenado num sector da memória designado pela expressão ‘memória a longo prazo’);
- a análise sintática do discurso (fornece a sua estrutura linguística, expressa sob a forma de frases, e exige o recurso aos conhecimentos de gramática da língua, também armazenados na ‘memória a longo prazo’);
- a análise semântica do discurso (dá acesso ao conteúdo conceptual e proposicional do discurso (ou seja, aos conceitos, ideias e às ligações entre eles) e requer o recurso à memória semântica e ao ‘conhecimento do mundo’, elementos esses que também estão integrados na ‘memória a longo prazo’);
- a análise pragmática do discurso (permite determinar o tópico/tema do discurso e requer a intervenção de elementos que o indivíduo vai buscar à ‘memória a longo prazo’ (contexto extra-linguístico, expectativas do receptor do discurso em relação a este, conhecimento da estrutura típica de diferentes tipos de textos);
- a análise funcional do discurso (permite ao receptor determinar as finalidades com que este foi produzido e agir em conformidade)”.

Em suma, “a atividade de compreensão é encarada (...) como uma atividade multidimensional que visa a construção pelo sujeito leitor de uma representação semântica do texto em função dos seus projetos e objetivos pessoais de leitura, dos seus conhecimentos anteriores e de vários outros fatores (afetivos, intelectuais, experienciais)” (Sá, 2004: 15).

2.2. Sua importância no 1º Ciclo do Ensino Básico

Segundo Toffer (citado em Viana & Teixeira, 2002: 9-10), “a tecnologia do futuro requer, não milhões de homens letrados, prontos a trabalharem em uníssono, em tarefas repetitivas, nem a obedecer cegamente a ordens, mas homens que possam formular juízos críticos, que possam encontrar os seus caminhos através de ambiências novas, que estejam aptos a localizar novos relacionamentos dentro da realidade rapidamente em mutação (...)”.

Tal só é possível se, desde tenra idade (subentende-se idade escolar), os mais novos tiverem um contacto direto com uma literatura diversificada, onde, consoante as suas

capacidades cognitivas, possam, efetivamente, operar o processo de compreensão da leitura acima explicitado.

Ana Margarida Ramos (2007: 166) sustenta a importância das obras que fazem parte da literatura infantil, que deve ser amplamente difundida por pais e educadores/professores, uma vez que *“apelam incessantemente para os benefícios da leitura e para a necessidade de motivar os mais jovens para uma atividade que se revela, como nenhuma outra, fonte inesgotável de saber, porta para o maravilhoso e a aventura.”*

Pelo que se entende a importância atribuída ao desenvolvimento de competências em compreensão na leitura no 1º Ciclo do Ensino Básico, uma vez que, *“enquanto que no passado, ler, escrever e contar eram tanto aquisições essenciais como instrumentos de ação, hoje a situação é diferente e estas aquisições têm de ser perspectivadas como meio de formação geral de cada indivíduo”* (Viana & Teixeira, 2002: 9-10).

Assim sendo, concordamos com Sim-Sim (2004: 1), quando refere que *“o sucesso de todos os alunos (competências de leitura e escrita) (...) deverá ser uma das preocupações de qualquer sistema educativo”*. Pois é este sucesso que lhes permitirá (aos alunos) uma ativa participação na sociedade de que fazem parte, uma vez que é fundamental para eles *“saber ler fluentemente e escrever de forma eficiente para a realização de muitas atividades diárias”* (Sim-Sim, 2007: 5).

Objetivamente sabe-se, ainda, que a leitura corresponde a *“um processo de desenvolvimento, não um fim em si própria, mas um meio para atingir um fim: a formação da criança. Assim, (...) deverá ser definido de uma forma ampla e completa, tendo em conta os objetivos gerais do ato pedagógico.”* (Viana & Teixeira, 2002: 13).

No 1º Ciclo do Ensino Básico, o desenvolvimento de competências em compreensão na leitura deve ter em atenção a *“morosidade inerente ao domínio desta”* (Viana & Teixeira, 2002: 5) e, ainda, o facto de que o ensino da leitura não se pode restringir *“à descodificação alfabética”* (*ibidem*). Jamais poderemos esquecer que ler, segundo Weaver (citada por Sá 2004: 14), *“implica também compreender e, para isso, é necessário não só extrair sentido do texto, mas também ser capaz de ‘emprestar’ sentido ao texto*

lido, invocando, a propósito do seu tema, os conhecimentos que a nossa experiência de vida e as nossas leituras precedentes nos permitam adquirir.”

Desta forma, é importante referir que o ensino da compreensão na leitura se deve prolongar *“de forma sistematizada e consistente, ao longo de todo o percurso escolar”*, levando a *“aumentar as competências instrumentais, mas também a tornar o indivíduo capaz de funcionar adequadamente como cidadão, consumidor e produtor, compreendendo as mudanças no mundo, e os seus efeitos em cada um de nós”* (Viana & Teixeira, 2002: 9). Além disso, *“a eficácia da aprendizagem da leitura depende do ensino eficiente da decifração, do ensino explícito de estratégias para a compreensão de textos e do contacto frequente com boa literatura”* (Sim-Sim, 2007: 6).

Concluimos que só é possível difundir a ideia de transversalidade, no ensino da língua portuguesa no 1.º Ciclo do Ensino Básico, através de um conjunto de atividades que proporcionam aos alunos um contacto permanente com uma literatura diversificada. Segundo Sá (2004: 7) esta (transversalidade) é realmente importante na *“transmissão e apropriação dos diversos conteúdos disciplinares”* e leva *“a aprendizagens que se irão revelar úteis na frequência de qualquer outra disciplina do currículo do aluno e ainda pela vida fora”*, demonstrando assim a sua verdadeira importância.

2.3. Estratégias didáticas orientadas para a compreensão na leitura

“Os alunos têm dificuldades ao nível da compreensão na leitura (...). Maria de Lourdes Dionísio de Sousa (1999: 61) refere algumas das principais dificuldades: «(...) situadas ao nível da compreensão da informação micro e macro-textual, isto é, dificuldades em fazer sentido com as palavras, em fazer sentido com unidades frásticas e textuais; em estabelecer relações locais entre essas unidades pela compreensão de mecanismos de coesão lexical e gramatical – relações anafóricas, conectores frásticos implícitos ou explícitos; em compreender informação situacional implícita pelo recurso a quadros comuns; por fim, dificuldade em estabelecer relações entre partes de um texto (...)”
(Carvalho, 2007: 64/65)

Pelo acima exposto, depressa se conclui que o papel do professor é fulcral no que diz respeito ao desenvolvimento da compreensão na leitura. De facto, segundo Giasson (1993: 48) *“hoje em dia (...) cada vez se está mais consciente de que o ensino da*

compreensão deve ir mais longe do que o simples facto de se fazerem perguntas ou de se mandarem repetir atividades de leitura nos alunos”.

Tal como Sá (2004: 15) afirma, *“o novo ensino da leitura passa pelo desenvolvimento da competência de compreensão a vários níveis, abrangendo as dimensões globais e as dimensões mais elementares dos vários tipos de discurso presentes na sociedade, que se complementam entre si” e “está associado ao desenvolvimento de outras competências ligadas ao domínio da linguagem, tais como: ouvir, falar e escrever”.*

Este novo ensino só pode ser conseguido na sua plenitude, se se recorrer a um conjunto de estratégias didáticas traçadas pelo docente, por um lado orientadas para motivar o aluno para a leitura e, por outro, centradas no desenvolvimento da sua compreensão na leitura (cf. Sá, 2004).

Por conseguinte, é essencial que o professor selecione criteriosamente as estratégias didáticas que vão gerar e condicionar as atividades de leitura a propor aos alunos e as situações de leitura em que os vai envolver. Temos aqui um contributo essencial para que estes se tornem capazes de adquirir conhecimentos através da leitura e desenvolver competências com ela relacionada (embora este processo não dependa na totalidade do professor).

Sá (2009) apresenta um conjunto de estratégias didáticas associadas ao ensino explícito da compreensão na leitura, que se dividem em estratégias para a motivação da mesma e estratégias para o desenvolvimento de competências em compreensão desta.

Baseamo-nos neste conjunto de estratégias didáticas para conceber as atividades através das quais exploramos a obra *Robinson Crusoe*, no decurso da nossa intervenção didática, e também para criar categorias que nos permitiram analisar os dados recolhidos.

Assim, selecionamos algumas de entre as centradas na motivação para a leitura:

- *Criar materiais para a leitura*, através de atividades centradas nos alunos enquanto criadores de textos, o que os motivou, quer para a leitura (para os colegas), quer para a escrita (por exemplo, a redação de um texto sobre as várias pesquisas feitas relativamente a obras semelhantes à estudada e a sua posterior leitura à turma);

- *Rodear os alunos de um universo de leitura*, através de atividades que chamaram a sua atenção para vários aspetos da obra (sempre que se propunha o estudo de um episódio da obra, este era apresentada através de uma leitura em voz alta);

- *Variar as experiências de leitura dos alunos*, através de atividades que os levaram a tomar consciência de várias formas de ler (por exemplo, a primeira abordagem de um dos episódios da obra estudados com os alunos foi feita através da leitura em voz alta e a de outro, através da dramatização).

- *Promover a partilha de experiências de leitura*, através de atividades que deram aos alunos a oportunidade de discutir o sentido de palavras ou de passagens de um texto, tecer comentários sobre esses textos, ler passagens do texto apresentado (por exemplo, aquando da exploração dos dois episódios da obra que selecionamos para o nosso estudo, os alunos tiveram de os ler, de descobrir o significado das palavras que desconheciam e de explicar o que se havia passado).

Também adotamos algumas estratégias focadas no desenvolvimento da compreensão na leitura (Sá, 2009):

- *Trabalhar a apreensão das ideias veiculadas pelos textos lidos*, através de

- Atividades centradas em elementos do texto e nas suas ligações (por exemplo, ordenação de parágrafos relativos à totalidade da obra e a um dos seus episódios);
- Atividades centradas em ideias veiculadas pelos elementos do texto (por exemplo, reconto oral de um episódio da narrativa e resposta a questões orais sobre os textos explorados).

- *Trabalhar a identificação das ideias principais dos textos lidos*, através de atividades centradas na identificação das suas ideias principais e secundárias (por exemplo, a atividade de ordenação dos parágrafos alusivos à obra inteira e a um dos seus episódios e o trabalho de pesquisa, que obrigou os alunos a selecionar informação relevante).

Na panóplia de estratégias aqui evidenciadas, o docente ganha um destaque, pois é o facto de tomar *“consciência de que o aluno tem dificuldades ao nível da compreensão de pormenores da ação e de determinadas marcas superficiais que proporcionam coesão*

ao texto” que “obriga o professor a ter um maior cuidado no desenvolvimento e trabalho dos mesmos” (Carvalho, 2007: 67).

Contudo, não podemos esquecer que a ação do professor só terá resultados proveitosos, se a relação escola-professor-aluno e literatura infanto-juvenil se alterar.

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

Capítulo 3 – Metodologia de investigação

Neste capítulo, apresentamos a metodologia de investigação adotada no nosso estudo, tendo por base as questões de investigação formuladas e às quais procurávamos dar resposta, bem como os objetivos formulados para o mesmo.

É, ainda, indispensável apresentarmos aqui o contexto em que se desenvolveu a intervenção didática, de modo a que esta seja entendida da melhor forma mais fácil possível. Ainda com este propósito, fizemos uma breve descrição das sessões nela incluídas.

3.1. Caraterização do estudo

Tendo em conta os objetivos e as questões de investigação, adotamos uma metodologia de investigação do tipo qualitativo.

Segundo Bogdan e Biklen (citados em Carmo & Ferreira, 1998: 179-181), do ponto de vista do investigador, esta metodologia é:

- indutiva (uma vez que o investigador retira conclusões da análise dos dados recolhidos);
- holística (já que o investigador tem em conta o contexto e os participantes para o seu estudo);
- naturalista (dado que o investigador interage com os participantes de forma natural e discreta);
- descritiva (porque o investigador descreve os dados recolhidos com rigor e imparcialidade).

Por conseguinte, percebe-se que, segundo este método, se *“privilegia (...) o caso singular e operações que não impliquem quantificação e medida”* (Pardal & Correia, 1995: 17).

Já o papel do investigador nesta intervenção didática é o do alguém que se envolveu *“ativamente na causa da investigação”* (Bogdan e Biklen, citados em Carmo & Ferreira, 1998: 293), mostrando o seu cunho de investigação-ação.

Por outro lado, ao longo da nossa intervenção didática, desenvolvemos um estudo de caso. Isto é, *“viabilizando o conhecimento pormenorizado de uma situação, por recurso*

a métodos qualitativos e quantitativos, o estudo de caso permite compreender naquela o particular na sua complexidade, ao mesmo tempo que pode abrir caminho, sob condições muito limitadas, a algumas generalizações empíricas, de validade transitória” (Pardal & Correia, 1995: 22).

Ao longo da nossa intervenção didática, recolhemos vários dados, a partir de atividades realizadas em grupo e individualmente. Estes dizem respeito à motivação dos alunos para a leitura e, ainda, ao desenvolvimento da sua compreensão leitura. Especificamente, os primeiros dados referem-se a indicadores de motivação individuais registados pelos alunos e os segundos prendem-se com a formulação de hipóteses e sua confirmação/infirmiação e, ainda, com a identificação de ideias principais de textos trabalhados.

Todos os dados recolhidos foram alvo de uma análise de conteúdo.

3.2. A intervenção didática

3.2.1. Contextualização

Este projeto foi implementado no contexto em que decorreram as nossas atividades de Prática Pedagógica Supervisionada A2: o Colégio D. José I.

Esta instituição localiza-se na Rua Luís de Camões, sita na freguesia de Santa Joana, do concelho de Aveiro, tendo sido fundada em 1997.

Apresenta uma gestão hierárquica, sendo o elemento máximo o Ministério da Educação, seguido da Entidade Proprietária e, por fim, a Direção Pedagógica, constituída por dois elementos.

Apresenta um leque diversificado de ofertas educativas: Educação Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico (ambos subsidiados), 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, cursos de Educação e Formação de Jovens do Tipo 2 e Cursos Profissionais do Tipo 3 ¹. Por conseguinte, acolhe públicos de diferentes faixas etárias.

O Colégio D. José I apresenta um ambiente agradável e convidativo. Os espaços ao ar livre têm uma área considerável, estando devidamente tratados e equipados. Existem espaços mais direcionados para as crianças a frequentar a Educação Pré-escolar e 1º Ciclo

¹ Baseado em <http://www.coldjose1.pt/index.php/oferta-educativa/oferta-educativa>

do Ensino Básico e, portanto, mais frequentados por estas, e espaços utilizados pelos restantes alunos da instituição.

Os espaços internos incluem a Biblioteca/Mediateca, a Secretaria, a Papelaria/Reprografia, o Bar, um Refeitório (comum a todos os níveis de ensino, com horários diferenciados) e um Polivalente (localizado na área central do colégio).

O edifício compreende, também, uma sala para professores, duas salas destinadas à Educação Pré-escolar, quatro salas para o 1º Ciclo do Ensino Básico e salas para os restantes níveis de ensino, incluindo salas específicas para mecânica. O colégio dispõe, ainda, de uma sala de ATL, uma sala de recursos didáticos e um dormitório (local onde muitas vezes têm lugar as atividades de Expressões Artísticas e Motoras).

O contexto de ação onde desenvolvemos a intervenção didática foi a sala de aula destinada às crianças a frequentar o 3.º ano de escolaridade, situada no segundo piso do edifício.

Destacamos o seu ambiente agradável, fruto da iluminação natural, proveniente de duas janelas que dão para o exterior, bem como a presença de cores neutras nas suas paredes e uma temperatura adequada.

A sala apresentava dois placares, onde eram expostos os trabalhos mais significativos, sendo um destinado às áreas curriculares disciplinares de Português e Matemática e outro, às de Estudo do Meio e Expressões. As tecnologias estavam, igualmente, presentes, uma vez que nela havia: um computador, um projetor, um quadro interativo e um rádio. Também existia um quadro de giz.

Os alunos encontravam-se dispostos em pequenos grupos, ocupando mesas distribuídas pela sala. Tínhamos, assim, dois grupos de quatro elementos e outros dois de cinco, sendo que a constituição dos mesmos podia ser alterada a qualquer momento.

O grupo-alvo da nossa intervenção didática era constituído por 18 crianças (8 do género masculino e 10 do género feminino).

A partir das fichas de caracterização destes alunos, pudemos determinar a faixa etária a que pertenciam estes alunos.

No Gráfico 1, apresentamos os resultados desta análise:

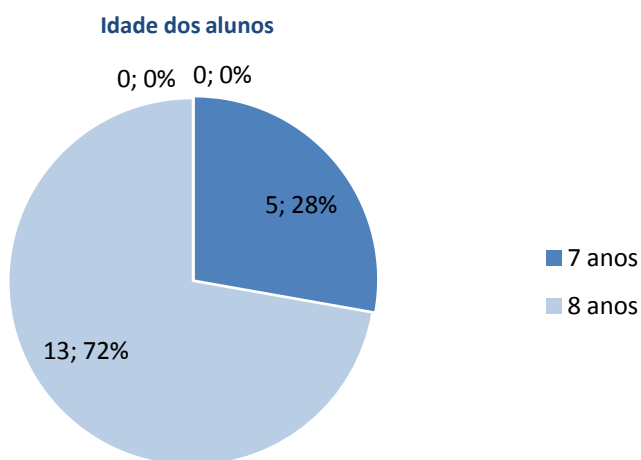


Gráfico 1 – Caracterização dos alunos relativamente à sua idade

A sua leitura revela-nos que a maioria dos alunos tinha oito anos (13 alunos, correspondendo a 72%).

A consulta das fichas permitiu-nos também determinar se estes alunos tinham ou não irmãos e, em caso afirmativo, quantos eram.

No Gráfico 2, apresentamos os resultados desta análise:

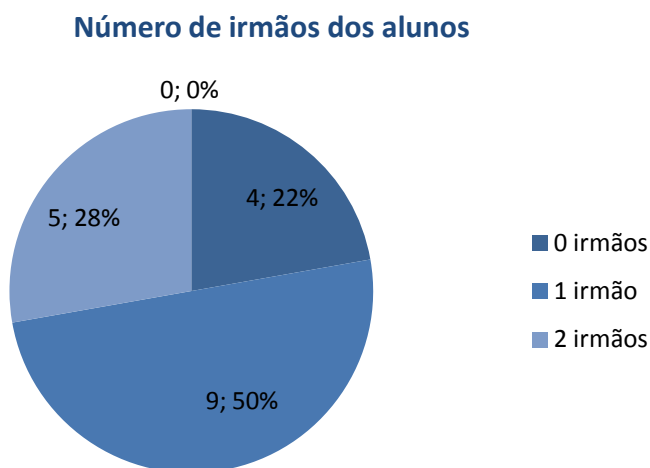


Gráfico 2 – Caracterização dos alunos relativamente ao número de irmãos

A sua leitura revela-nos que:

- metade dos alunos tinha um irmão;

- os restantes tinham dois irmãos (5 alunos, correspondendo a 28%) ou eram filhos únicos (4 alunos, correspondendo a 22%).

Nas fichas de caracterização, encontramos ainda dados à idade dos pais.

No Gráfico 3, apresentamos os resultados desta análise:

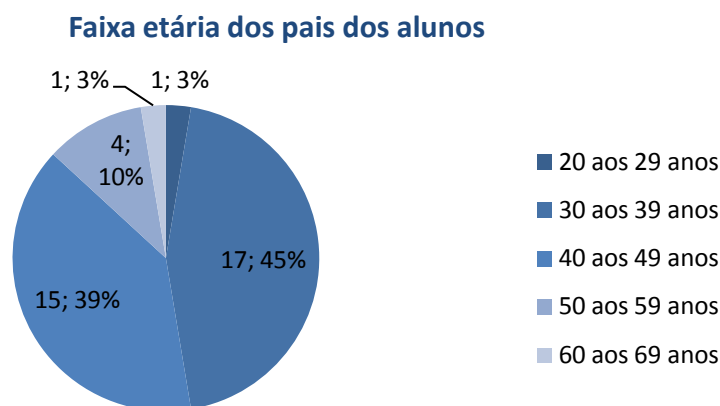


Gráfico 3 – Caracterização dos pais dos alunos em termos de idade

A leitura deste gráfico revela-nos que a idade dos pais era variável, sendo que 45% se situava no intervalo de idade dos 30 aos 39 anos e 39%, no dos 40 aos 49 anos.

A partir das fichas, pudemos também recolher dados sobre as habilitações literárias dos pais.

No Gráfico 4, apresentamos os resultados dessa análise:

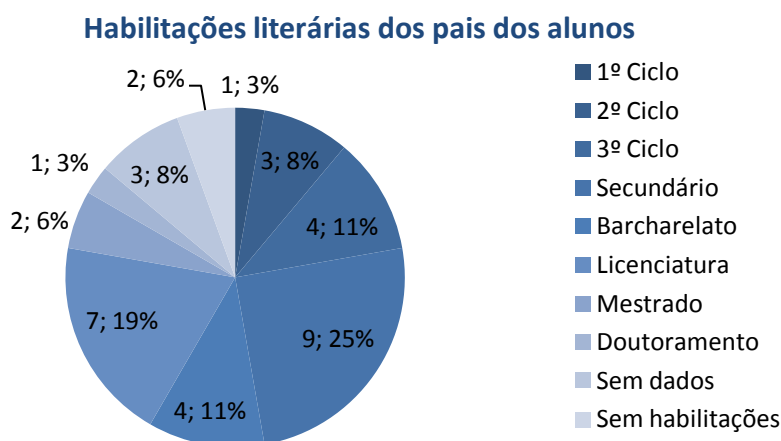


Gráfico 4 – Caracterização dos pais dos alunos em termos de habilitações literárias

Lendo-o, constatamos que a situação dos pais destes alunos, em termos de habilitações literárias, era muito variável:

- 11% dos pais tinham concluído o 3.º Ciclo do Ensino Básico;
- 26% tinham concluído o ensino secundário;
- 11% eram detentores de um diploma de bacharelato;
- 20% eram licenciados.

A análise das fichas permitiu-nos ainda determinar onde residiam os alunos que participaram no nosso estudo.

No Gráfico 5, apresentamos os resultados dessa análise:

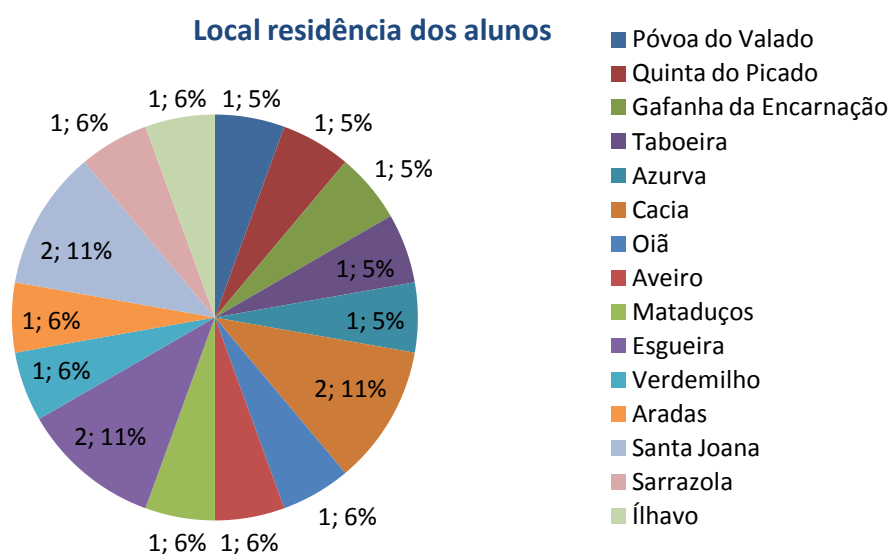


Gráfico 5 – Levantamento do local de residência dos alunos

A sua consulta revela-nos que a maior parte dos alunos residia nas freguesias de Cacia, Esgueira e Santa Joana.

3.2.2. Organização e implementação

A intervenção didática teve lugar no ano letivo de 2012/13 e incluiu cinco sessões, que decorreram entre novembro e dezembro de 2012.

Todas as planificações elaboradas para as sessões são apresentadas em anexo (cf. Anexo 1), o mesmo acontecendo com os materiais nelas utilizados.

3.2.2.1. Primeira sessão

De forma a motivar os alunos para o estudo de uma obra de literatura clássica infanto-juvenil – especificamente, *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe –, foi projetada uma

apresentação em PowerPoint (cf. Anexo 2) relativa aos vários episódios do romance até ao momento em que a personagem principal (Robinson Crusoe) sofre um naufrágio. Nela optou-se por mostrar pequenas imagens, que, de algum modo, aludiam aos acontecimentos relatados até esse momento.

Após esta breve apresentação, prosseguiu-se a sessão com um pequeno diálogo, no decurso do qual os alunos foram questionados sobre o autor e a obra. Pretendia-se verificar se já os conheciam.

De seguida, foi-lhes proposto que, em grupos, analisassem um pequeno texto que reunia informações acerca do autor – Daniel Defoe –, elaborado previamente pela signatária deste relatório (cf. Anexo 3).

Após a sua leitura em voz alta, feita por nós, esses mesmos grupos de alunos, com o nosso apoio, procederam à identificação da informação mais importante que constava desse texto.

Posteriormente, em grande grupo, questionamos a turma sobre as informações relevantes presentes no texto entregue. Segundo os alunos, diziam respeito aos seguintes tópicos:

- nome do autor;
- data de nascimento;
- histórias que escreveu e em que anos;
- onde morou;
- quando escreveu *Robinson Crusoe* e que idade tinha;
- o que fez de importante e as profissões que exerceu;
- quando morreu.

Estes tópicos funcionaram como plano de trabalho para a paráfrase do texto, realizada pelos alunos em situação de “ditado” à investigadora, que se limitou a registar essa informação por escrito (cf. Anexo 4).

Após este momento, distribuámos a cada grupo de alunos dezanove parágrafos que resumiam a obra a ser estudada (cf. Anexo 5), que estes deveriam ordenar de modo a reestruturar o romance. Os alunos poderiam fazer perguntas à professora/investigadora

durante a realização da atividade. As perguntas feitas prendiam-se, essencialmente, com vocábulos desconhecidos e pequenas confusões na ordenação de parágrafos específicos.

Foi, ainda, sugerido aos alunos que, em casa, ilustrassem a obra que tinham conhecido e escrevessem legendas para os seus desenhos. Cada dupla de alunos escolheu um momento da história.

Por fim, foi entregue, a cada aluno, uma folha de registo relativa a esta atividade (cf. Anexo 6), onde deveriam tomar notas sobre o que haviam aprendido, de que tinham gostado mais e o que gostariam de saber. Na sessão seguinte, estes registos foram entregues à investigadora, que os analisou.

2.2.2. Segunda sessão

Demos início à segunda sessão com a projeção de uma curta apresentação em PowerPoint (cf. Anexo 7), visando dar a conhecer a correta ordenação dos parágrafos da obra distribuídos na sessão anterior. Foi dado feedback a cada grupo de trabalho acerca da ordenação por si proposta.

Depois chegou o momento de os pares de alunos apresentarem os seus desenhos e as respetivas legendas (cf. Anexo 8). Instaurou-se, assim, um diálogo, no decurso do qual estes puderam expor e explicar as suas ilustrações. Posteriormente, e em conjunto, a turma sequencializou todos os desenhos, de forma a construir um friso pictórico relativo à obra em estudo.

3.2.2.3. Terceira sessão

Nesta sessão, exploramos um episódio específico da obra: a chegada de Robinson Crusoe a uma ilha, após o naufrágio.

De forma a motivar os alunos e a explorar o seu imaginário, começamos por pedir a cada um deles que se pusesse na pele da personagem e imaginasse como seria a ilha a que tinha chegado. No quadro, fizemos o registo das características das “ilhas” imaginadas pelos alunos (cf. Anexo 9).

De seguida, lemos em voz alta um excerto da obra relativo à descrição da ilha (cf. Anexo 10), a partir do qual, em diálogo, se fez o levantamento das suas características e o confronto com as apresentadas pelos alunos.

Esta sessão terminou com o preenchimento de um quadro-síntese, que permitiu aos alunos confirmar/infirmar as hipóteses sobre as características da ilha que tinham formulado (cf. Anexo 11).

Por fim, foi entregue, a cada aluno, uma folha de registo relativa a esta atividade (cf. Anexo 15).

3.2.2.4. Quarta sessão

Nesta sessão, exploramos um novo episódio da obra: o encontro de Robinson Crusoe com Sexta-feira.

Em colaboração com a nossa colega de Prática Pedagógica Supervisionada A2, fizemos uma dramatização muda deste episódio, em que cada uma representou uma das personagens e, através de gestos e pequenos sons, mostrou o encontro entre ambos que a obra nos descreve.

De seguida, lemos em voz alta o excerto da obra relativo a este episódio (cf. Anexo 12). Seguiu-se um diálogo em que se abordaram vários tópicos, incluindo a caracterização física de Sexta-feira e os possíveis sentimentos e emoções vivenciados pelas personagens aquando do seu encontro.

Foi também pedido aos alunos que, em grupos, ordenassem os vários parágrafos que constituíam o excerto da obra relativo a este episódio. Depois, cada grupo apresentou oralmente a sua ordenação e respetiva justificação.

A sessão terminou pelo lançamento de um desafio: a realização de um trabalho de pesquisa, que levaria os alunos a procurar obras da mesma natureza da que estava a ser estudada. Distribuímos a cada aluno um guião de pesquisa por nós elaborado (cf. Anexo 13), que deveriam preencher em casa e trazer na sessão seguinte.

3.2.2.5. Quinta sessão

Nesta última sessão, os alunos, em grupos, escreveram textos, em que reuniram e expuseram a informação decorrente da pesquisa feita em casa (cf. Anexo 14).

Depois, cada grupo apresentou o seu trabalho à turma, lendo o respetivo texto, que entregou também aos outros grupos. Assim, todos os alunos ficaram a par das pesquisas

feitas pelos seus colegas, tendo acesso a uma lista de obras da mesma natureza de *Robinson Crusoe*.

Para concluir a nossa intervenção didática e aproveitando os desenhos feitos pelos alunos, construiu-se um friso pictórico, que sintetizou a obra estudada e ficou disponível na própria sala.

Capítulo 4 – Análise e interpretação dos dados

4.1. Relativos à motivação para a leitura de obras da literatura infanto-juvenil

Estes dados foram obtidos através do preenchimento de uma folha de registo individual para atividades realizadas na primeira (cf. Anexo 6) e terceira sessões da intervenção didática (cf. Anexo 15).

No Quadro 1, apresentamos os resultados da análise desses registos:

Análise de folhas de registo individual das primeira e terceira sessões	
Aluno	Indicadores de motivação para a leitura de obras
A	O aluno indica que desejaria saber se ele (personagem principal – Robinson Crusoe) “se tinha tornado marinheiro”, bem como se existiam “vulcões na ilha”.
B	O aluno indica que gostaria de saber “quantos anos é que ele (personagem principal – Robinson Crusoe) tinha quando saiu da ilha”.
C	O aluno indica que gostaria de saber “como ele (personagem principal – Robinson Crusoe) vivia” e ainda como se “vestia quando era pequeno”.
D	O aluno indica que gostaria de saber “o resto da história do Robinson Crusoe”.
E	O aluno indica que gostaria de saber “como é que o Robinson compreendia a língua inglesa quando o capitão do barco inglês falou para ele”.
F	O aluno não faz qualquer referência ao que gostaria de saber acerca da obra.
G	O aluno indica que gostaria de saber “mais o resto da história” e se “ele (personagem principal – Robinson Crusoe) voltou para casa com segurança”.
H	O aluno indica que gostaria de saber “quantos anos agora tem o autor”.
I	O aluno indica que gostaria de saber “se foi o Robinson que fez tudo para o Sexta-feira ou se o Sexta-feira fez algumas coisas sozinho” e “se ele fez com as canas-de-açúcar o açúcar”.
J	O aluno indica que gostaria de saber o “resto da aventura” e se tinham “casas de banho”.
L	O aluno indica que gostaria de saber “mais informações do Robinson” e se ele “voltou a fazer viagens”.
M	O aluno indica que gostaria de saber “mais aventuras do Robinson”.
N	O aluno indica que gostaria de saber “qual foi a obra que ele (autor) fez primeiro” e se “ele (personagem principal – Robinson Crusoe) se dava bem com os animais”.
O	O aluno indica que gostaria de saber “a viagem que eles (personagem principal – Robinson Crusoe – e a personagem “Sexta-feira”) fizeram”.
P	O aluno indica que gostaria de saber que “apesar de já ter morrido, quantos anos o autor tem agora” e “quantos anos tem o Robinson”.
Q	O aluno indica que gostaria de saber “mais sobre a história do Robinson”.
R	O aluno indica que gostaria de saber “quando ele chegou a sua casa”.
S	O aluno indica que gostaria de saber “a viagem de volta” e o “que aconteceu pelo caminho para casa do Robinson Crusoe”.

Quadro 1 – Indicadores de motivação para a leitura de obras da literatura infanto-juvenil

Da leitura do quadro, conclui-se que todos os alunos indicaram informação relativa à obra, implicando a leitura da mesma, o que nos leva a crer que se sentiam motivados para o seu estudo. Constituiu exceção o aluno F.

Algumas das “curiosidades” apontadas são fruto, quer do contacto inicial que tiveram com a obra, quer de particularidades que, por algum motivo, lhes chamaram a atenção. É exemplo disso o aluno E, ao afirmar que desejava saber *“como é que o Robinson compreendia a língua inglesa quando o capitão do barco inglês falou para ele”*.

Estas “curiosidades” podem ser categorizadas quanto à sua natureza. No Quadro 2, apresentamos os resultados desta análise:

Interesses manifestados pelos alunos em relação à obra estudada		
Quanto à obra	Nº de ocorrências	%
Características da personagem principal (como a sua profissão, modo de vestir, idade)	5	21,73
Vida da personagem principal	3	13,04
Relações entre as duas personagens	2	8,7
Características do espaço em que se passa a ação da obra	2	8,7
Acontecimentos relatados na obra	8	34,8
Quanto ao autor	Nº de ocorrências	%
Biografia	2	8,69
Bibliografia	1	4,34
Total	23	100

Quadro 2 – Natureza dos interesses manifestados pelos alunos em relação à obra a estudar

A leitura do quadro permite-nos constatar que os interesses dos alunos quanto à obra a estudar se subdividiam em dois grandes campos: o da obra em si e o do autor.

No que se refere à obra, os principais interesses manifestados por estes alunos prendiam-se com conhecer os acontecimentos relatados (34,8%) e características da personagem principal (21,73%).

No que se refere ao autor – aspeto que suscitou menos curiosidade nestes alunos – os interesses manifestados prendem-se com a sua biografia e outras obras que este tivesse escrito.

4.2. Relativos ao desenvolvimento da compreensão na leitura

Recolhemos, também, dados relativos ao desenvolvimento de competências em compreensão na leitura, decorrentes de atividades realizadas em pequenos grupos ou coletivamente.

Estes diziam respeito à formulação e confirmação/infirmação de hipótese e, ainda, à identificação de ideias principais de textos explorados.

4.2.1. Formulação de hipóteses e sua confirmação/infirmação

Como já foi referido, na terceira sessão, foi realizada uma atividade que tinha por finalidade trabalhar algumas estratégias de leitura: mais concretamente, a formulação de hipóteses sobre uma parte da narrativa a ser explorada e a confirmação/infirmação dessas mesmas hipóteses.

Da realização da atividade, resultou o seguinte quadro, preenchido com os alunos:

Episódio da obra “Robinson Crusoé” - Chegada do protagonista à ilha -	
Hipóteses formuladas pelos alunos	Confirmação/infirmação das hipóteses
Segundo os alunos, a ilha: - não era habitada; - tinha frutos tropicais, plantas e árvores (palmeiras); - tinha comida (peixes e tartarugas); - tinha lagos, madeiras, conchas e areia; - tinha índios e pinturas rupestres nas pedras; - tinha tesouros; - tinha insetos e animais rastejantes; - tinha vulcões com pedregulhos perto.	Após a leitura e exploração do episódio da narrativa em estudo, concluíram que a ilha: - tinha animais (galináceos, tartarugas, papagaios, raposas e lebres); - tinha plantas de cacau e árvores de fruto; - tinha prados, savanas e boas madeiras; - tinha cana-de-açúcar; - tinha flores e relva; - tinha colinas.

Quadro 3 – Desempenho dos alunos na formulação de hipóteses sobre um episódio da narrativa e sua confirmação/infirmação

Da leitura do quadro, conclui-se que alguns dos elementos imaginados pelos alunos estavam efetivamente descritos na própria obra. São exemplos disso as referências às tartarugas, às árvores e às madeiras.

Contudo, é de salientar:

- a criatividade dos alunos, revelada nos elementos que apresentaram (por exemplo, vulcões e pinturas rupestres); a referência a estes elementos decorre de diálogos que tiveram lugar no âmbito da área curricular disciplinar de Estudo do Meio, aquando da exploração do conteúdo “Conhecer costumes e tradições de outros povos”;

- a sua capacidade de relacionar esta atividade com informações sobre a obra veiculadas anteriormente; quando se referiram à presença de índios, estavam,

claramente, a fazer uso das informações que tinham obtido na primeira sessão, dedicada à ordenação de parágrafos alusivos à obra.

4.2.2. Identificação das ideias principais de textos

Várias das atividades propostas tinham como principal finalidade levar os alunos a identificar ideias principais de episódios da obra em estudo e de textos com ela relacionados.

4.2.2.1. Ordenação de parágrafos relativos à obra

Com esta finalidade, na primeira sessão, propusemos aos alunos, organizados em grupos, que ordenassem parágrafos relativos à obra (cf. Anexo 16).

No Quadro 4, apresentamos os resultados da análise do desempenho dos grupos nesta atividade:

Sequencialização da obra com recurso à ordenação de dezanove parágrafos	
Grupo	Falhas na ordenação
Grupo 1 (constituído pelos alunos A, H, M e P)	Este grupo trocou a ordem de cinco parágrafos, especificamente: o 2.º pelo 3.º, o 3.º pelo 2.º, o 10.º pelo 12.º, o 12.º pelo 13.º e o 13.º pelo 10.º.
Grupo 2 (constituído pelos alunos F, J, N e O)	Este grupo trocou a ordem de nove parágrafos, especificamente: o 4.º pelo 11.º, o 7.º pelo 4.º, o 8.º pelo 7.º, o 10.º pelo 8.º, o 11.º pelo 12.º, o 12.º pelo 15, o 13.º pelo 17.º, o 15.º pelo 13.º e o 17.º pelo 10.º.
Grupo 3 (constituído pelos alunos B, C, E, G e R)	Este grupo trocou a ordem de seis parágrafos, especificamente: o 7.º pelo 13.º, o 8.º pelo 12.º, o 10.º pelo 7.º, o 11.º pelo 8.º, 12.º pelo 10.º e o 13.º pelo 11.º.
Grupo 4 (constituído pelos alunos D, I, L, Q e S)	Este grupo trocou a ordem de sete parágrafos, especificamente: o 2.º pelo 3.º, o 3.º pelo 2.º, o 6.º pelo 8.º, o 7.º pelo 6.º, o 8.º pelo 10.º, o 10.º pelo 13.º e o 13.º pelo 7.º.

Quadro 4 – Desempenho dos grupos na atividade de ordenação de parágrafos relativos à obra completa

A leitura do quadro permite-nos concluir que todos os grupos tiveram dificuldade em realizar esta atividade.

Por um lado, todos conseguiram ordenar a maioria dos dezanove parágrafos propostos.

Mas, por outro, todos trocaram a ordem de um número considerável de parágrafos: 5 (26,3%), para o Grupo 1; 9 (47,3%), para o Grupo 2; 6 (31,6%), para o Grupo 3; 7 (36,8%), para o Grupo 4.

Assim sendo, importava determinar se a ordenação dos parágrafos que cada grupo apresentava era coerente.

O conjunto de parágrafos apresentado englobava três grandes momentos da obra, respetivamente: i) partida do Robinson Crusoe para os mares e o seu naufrágio, ii) chegada à ilha e descoberta da mesma e, por fim, iii) encontro com Sexta-Feira e regresso da ilha.

A análise da ordenação feita por cada grupo revelou que as trocas de parágrafos feitas não retiraram coerência ao texto final.

Tal não aconteceu apenas para o Grupo 2 – o que trocou a ordem do maior número de parágrafos. Alterou a ordem dos segundo e terceiro momentos da obra acima referidos, pelo que introduziu a nova personagem – Sexta-Feira – no desenrolar da ação, num tempo inadequado.

Também na quarta sessão, propusemos aos alunos, organizados em grupos, que ordenassem parágrafos, desta vez focados no episódio do encontro do protagonista com Sexta-Feira (cf. Anexo 17).

No Quadro 5, apresentamos o resultado da análise feita:

Sequencialização de um episódio da obra com recurso à ordenação de oito parágrafos	
Grupo	Falhas na ordenação
Grupo 1 (constituído pelos alunos C, E, F, G e R)	Este grupo trocou a ordem de cinco parágrafos, especificamente: o 2.º pelo 4.º, o 3.º pelo 5.º, o 4.º pelo 7.º, o 5.º pelo 8.º e o 7.º pelo 3.º.
Grupo 2 (constituído pelos alunos M, N, O e S)	Este grupo trocou a ordem de cinco parágrafos, especificamente: o 3.º pelo 4.º, o 4.º pelo 5.º, o 5.º pelo 6.º, o 6.º pelo 8.º e o 8.º pelo 3.º.
Grupo 3 (constituído pelos alunos A, B, H e P)	Este grupo trocou a ordem de cinco parágrafos, especificamente: o 3.º pelo 4.º, o 4.º pelo 5.º, o 5.º pelo 7.º, o 6.º pelo 3.º e o 7.º pelo 6.º.
Grupo 4 (constituído pelos alunos D, I, J, L e Q)	Este grupo trocou a ordem de três parágrafos, especificamente: o 3.º pelo 7.º, o 6.º pelo 3.º e o 7.º pelo 6.º.

Quadro 5 – Desempenho dos grupos na atividade de ordenação de parágrafos relativos a um episódio da obra

A partir da leitura do quadro acima apresentado verificamos que, curiosamente, todos os grupos trocaram a ordem de cinco parágrafos (62,5 %), à exceção do Grupo 4, que só trocou a ordem de três (37,5%).

No entanto, os textos resultantes da ordenação de parágrafos feita pelos vários grupos eram coerentes. Pensamos que tal aconteceu por o texto ser mais curto que o anterior. Além disso, refere-se a uma situação habitual da vida quotidiana de qualquer ser humano: o encontro entre duas pessoas. Em conversa com os alunos, apuramos que as próprias falas do diálogo entre Robinson e Sexta-Feira os tinham ajudado a reconstituir a ordem correta dos parágrafos relativos a este episódio.

Conclui-se que os alunos identificaram as ideias principais deste episódio da narrativa, embora não tivessem conseguido reconstituir, na totalidade, a ordem pela qual surgiam no texto original.

Foi ainda pedido aos grupos que justificassem a ordenação feita (cf. Anexo 18).

No Quadro 6, apresentamos os resultados da análise dessas justificações:

Sequencialização de um episódio da obra com recurso à ordenação de oito parágrafos - Justificações apresentadas e suas falhas -		
Grupo	Justificação apresentada	Falhas na justificação
Grupo 1 (constituído pelos alunos C, E, F, G e R)	“Nós fizemos assim de acordo com o texto e esta foi a nossa expectativa. Agora que lemos para a turma vimos que está mal porque há partes que estão no fim e deviam estar no início, ou melhor, na introdução e estão na conclusão”.	Tendo ouvido ler o texto do episódio, tomaram consciência do facto de que introduziram parágrafos em momentos incorretos. No entanto, o grupo não foi capaz de identificar os parágrafos que estavam fora de sítio e de os ordenar correctamente.
Grupo 2 (constituído pelos alunos M, N, O e S)	“Nós fomos vendo o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto. Colocamos assim porque estes textos começam sempre quem é, como se chamam e depois é que dizem as características físicas e psicológicas”.	A justificação falha, uma vez que, na ordenação dos parágrafos, não têm em conta a informação recolhida durante a exploração do episódio, mas sim uma suposta estrutura do texto narrativo, que não é a adequada.
Grupo 3 (constituído pelos alunos A, B, H e P)	“Para nós faz sentido, porque primeiro ele tinha encontrado os barcos. Primeiro vimos que esta parte mostrava a história do início e fomos lendo para fazer sentido. Também sabemos que é assim porque só depois de ele o ver é que sabia que ele podia ser o seu companheiro”.	A justificação que apresentam é válida, uma vez que remete para a audição da leitura do excerto da narrativa, cujos parágrafos tinham de ordenar.
Grupo 4 (constituído pelos alunos D, I, J, L e Q)	“Porque achamos que faz sentido para nós quando colámos. Passamos logo para a descrição do Sexta-feira porque deve aparecer em primeiro porque é a personagem principal e um texto deve começar assim”.	A justificação falha, uma vez que, na ordenação dos parágrafos, não têm em conta a informação recolhida durante a exploração do episódio, mas sim uma suposta estrutura do texto narrativo, que não é a adequada.

Quadro 6 – Desempenho dos grupos na justificação da ordenação de parágrafos relativos a um episódio da obra

Perante as justificações apresentadas e as falhas nelas detetadas, podemos concluir que todos os grupos conseguiram apresentar argumentos para justificar a ordenação de parágrafos que tinham feito, o que implica uma meta-reflexão acerca do trabalho realizado.

No entanto, nem sempre os argumentos apresentados eram os mais adequados.

Assim, pareceu-nos importante analisar a natureza das falhas nas justificações dadas pelos grupos. No Quadro 7, apresentamos os resultados da análise feita:

Natureza das falhas reveladas pelos grupos na justificação da ordenação de parágrafos feita	
Grupo	Natureza das falhas na justificação
Grupo 1 (constituído pelos alunos C, E, F, G e R)	As falhas apresentadas têm a ver com a capacidade de identificar os parágrafos mal ordenados e em proceder às alterações necessárias, apesar de o grupo ter consciência de que tinha cometido erros na ordenação.
Grupo 2 (constituído pelos alunos M, N, O e S)	As falhas apresentadas decorrem de uma conceção errada de estrutura da narrativa.
Grupo 3 (constituído pelos alunos A, B, H e P)	Não se encontraram falhas na justificação apresentada.
Grupo 4 (constituído pelos alunos D, I, J, L e Q)	As falhas apresentadas decorrem de uma conceção errada de estrutura da narrativa.

Quadro 7 – Natureza das falhas reveladas pelos grupos na justificação da ordenação de parágrafos do episódio da obra

Pela análise do quadro acima exposto, podemos verificar que existem dois tipos de falhas:

- no caso dos Grupos 2 e 4, os erros cometidos derivam do desconhecimento da estrutura da narrativa, que pode efetivamente guiar o trabalho de ordenação dos parágrafos;

- no caso do Grupo 1, o problema parece derivar de uma má compreensão do texto, que impediu a correta identificação das suas ideias e da respetiva ordenação.

Pode também ter tido influência o facto de os alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico, de um modo geral, não estarem habituados a fazer este tipo de atividades.

Assim sendo e tendo em conta o Quadro 6, é de destacar que todos os grupos conseguiram justificar as propostas de ordenação dos parágrafos apresentadas, mesmo tendo a noção de que algumas delas continham incongruências.

Por outro lado, tendo em conta os Quadros 6 e 7, destaca-se, pela positiva, o Grupo 3, que toma consciência de que a sua ordenação apresenta falhas que derivam de não terem apreendido logo as ideias principais do episódio em questão. Os restantes grupos conseguiram compreender que tinham cometido erros, mas não identificaram corretamente as suas causas, nem conseguiram corrigi-los devidamente.

Por fim, comparando os dados obtidos nestas atividades sensivelmente da mesma natureza, parece-nos importante referir que a ordenação de parágrafos relativos a um episódio da narrativa em estudo se revelou mais difícil do que a ordenação dos parágrafos que se referiam a momentos essenciais da mesma. Talvez discernir os detalhes de um texto curto como este seja, francamente, mais difícil do que conseguir distinguir entre os vários momentos que compõem uma narrativa. Tal pode ser explicado por esta última possuir uma estrutura bem definida e bastante conhecida dos mais novos: a situação inicial (em que se faz a apresentação das personagens, do espaço e do tempo em que a história começa e do início da ação), a complicação (acontecimento que provoca um desequilíbrio, o que faz avançar a ação), as peripécias (acontecimentos que tendem a restabelecer o equilíbrio perdido) e a resolução (momento final, em que, em princípio, se restabelece o equilíbrio perdido).

4.2.2.2. Desenhos legendados alusivos a momentos da obra

Na segunda sessão, propusemos aos alunos que, individualmente, fizessem um desenho alusivo a um momento da obra por si escolhido (cf. Anexo 8) e o legendassem.

Só foi possível analisar 9 desenhos, porque os restantes não foram entregues à investigadora.

No Quadro 8, apresentamos os resultados da análise do desempenho dos alunos nesta atividade:

Análise de desenhos individuais acerca de um momento específico da obra		
Aluno	Conteúdo do desenho	Adequação ao episódio selecionado
C	Legenda: “Quando o Sexta-feira está a gritar porque viu um navio a chegar.” No desenho, as duas personagens são reconhecíveis e as suas emoções são reveladas pela sua expressão.	Está adequado ao episódio selecionado: um dos momentos finais da obra, relativo à chegada à ilha do navio que resgatou Robinson Crusoe e Sexta-Feira.
E	Legenda: “Robinson e Sexta-Feira a gritar”.	Está adequado ao episódio selecionado:

	A legenda não corresponde exatamente ao desenho, onde só é representada uma das personagens. São de salientar os caracteres que indicam o “grito” de Sexta-Feira – “Tii tu ta?”.	um dos momentos finais da obra, relativo à chegada à ilha do navio que resgatou Robinson Crusoe e Sexta-Feira.
F	Legenda: “A chegar a África”. Desenho e legenda estão relacionados entre si, uma vez que este representa os limites do mar e um pedaço de terra, assinalado por animais.	Está adequado ao episódio selecionado: um dos momentos iniciais da obra, relativo a um dos locais que Robinson visitou durante a viagem que o levou à ilha onde naufragou.
G	Legenda: “Quando o Robinson foi atirado para a ilha e o barco naufragou”. O aluno representou a tempestade que antecedeu o naufrágio, com recurso a nuvens cinzentas, chuva e agitação do mar. Pormenorizou, ainda, a aflição dos que iam a bordo.	Está adequado ao episódio selecionado: o naufrágio do barco em que Robinson seguia.
H	Legenda: “A partida quando o Robinson Crusoe foi para os mares”. O aluno representou uma cena de despedida, antes da partida da personagem para os mares.	Está adequado ao episódio selecionado: um dos momentos iniciais da obra, relativo à partida de Robinson para a sua viagem marítima.
O	Legenda: “O Robinson Crusoe à chegada à ilha”. No desenho, o aluno representa a ilha que imaginou e a personagem expressa sentimentos de tristeza e angústia.	Está adequado ao episódio selecionado: um dos momentos cruciais da obra, relativo à chegada de Robinson à ilha, após o naufrágio.
P	Legenda: “Quando o Robinson encontrou o índio e não sabia quem ele era”. O desenho mostra as duas personagens perfeitamente identificadas. A expressão de interrogação de Robinson está associada à legenda.	Está adequado ao episódio selecionado: um dos momentos cruciais da obra, relativo ao encontro de Robinson e Sexta-Feira.
Q	Legenda: “Quando foi à Baía”. O aluno representou a personagem no mar. Não é compreensível a relação estabelecida entre a imagem e a respetiva legenda.	Está adequado ao episódio selecionado: um dos momentos iniciais da obra, relativo a um local que Robinson visitou durante a viagem que o levou à ilha onde naufragou.
R	Legenda: “O encontro com o Sexta-feira”. O aluno representou as duas personagens referidas, bem como a ilha imaginada por ele – apenas areia e palmeiras.	Está adequado ao episódio selecionado: um dos momentos cruciais da obra, relativo ao encontro de Robinson e Sexta-Feira.

Quadro 8 – Desempenho dos alunos na elaboração de desenhos legendados alusivos a momentos da narrativa à sua escolha

A leitura do quadro permite-nos concluir que os desenhos feitos e as respetivas legendas estavam adequados aos episódios da obra selecionados pelos alunos.

Constitui exceção o desenho do aluno Q, em que não havia conformidade entre o desenho e a respetiva legenda. De facto, no seu desenho, o aluno não representava o local de destino da personagem que referia na sua legenda (Baía), apesar deste episódio se enquadrar num dos momentos da narrativa estudada.

4.2.2.3. Realização de uma pesquisa relacionada com a obra em estudo

Na quarta sessão, propusemos aos alunos que, em casa e individualmente, fizessem uma pesquisa relativa a outras narrativas que pudessem estar relacionadas com a obra em estudo (cf. Anexo 19). A informação reunida foi usada para, em grupo, escreverem um texto.

No Quadro 9, apresentamos os resultados da análise do desempenho dos grupos nesta atividade:

Produção de texto em grupos a partir de um guião de pesquisa individual	
Grupo	Falhas na organização do texto de pesquisa
Grupo 1 (constituído pelos alunos A, B, H e P)	Este grupo: - seguiu os tópicos do guião de pesquisa proposto; - tentou fazer uma apresentação e descrição de cada obra, relacionando-as umas com as outras.
Grupo 2 (constituído pelos alunos M, N, O e S)	Este grupo: - seguiu os tópicos do guião de pesquisa proposto; - apresentou a informação reunida sob a forma de tópicos; - não relacionou entre si a informação apresentada. Pareceu-nos que, praticamente, se limitou a reunir a informação recolhida pelos seus diversos elementos.
Grupo 3 (constituído pelos alunos C, E, F, G e R)	Este grupo: - seguiu os tópicos do guião de pesquisa proposto; - apresentou a informação reunida sob a forma de tópicos, designados por letras; - não relacionou entre si a informação apresentada. Pareceu-nos que, praticamente, se limitou a reunir a informação recolhida pelos seus diversos elementos.
Grupo 4 (constituído pelos alunos D, I, J, L e Q)	Este grupo: - seguiu os tópicos do guião de pesquisa proposto; - apresentou a informação reunida sob a forma de tópicos, designados por letras; - não relacionou entre si a informação apresentada. Pareceu-nos que, praticamente, se limitou a reunir a informação recolhida pelos seus diversos elementos.

Quadro 9 – Desempenho dos grupos na redação de um texto de síntese da informação recolhida numa pesquisa individual feita a partir de um guião proposto

A leitura do quadro apresentado permite constatar que todos os grupos seguiram as indicações dadas no guião de pesquisa.

No entanto, apenas um elaborou um texto coerente a partir da informação recolhida pelos seus membros. Os restantes apresentaram-na sob a forma de tópicos e nem sequer se preocuparam em os relacionar entre si.

Subentende-se que os grupos conseguiram identificar as ideias principais dos textos que usaram nas suas pesquisas, mas tiveram dificuldade em escrever um texto em que expusessem os resultados dessas mesmas pesquisas.

Capítulo 5 – Conclusões e sugestões

5.1. Conclusões

Depois de analisados os dados, podemos tecer algumas conclusões à luz das questões-problema formuladas inicialmente e dos objetivos que pretendíamos atingir.

Antes de mais, é necessário referir que, tendo em conta a brevidade desta intervenção didática (que contou apenas com cinco sessões) e a metodologia de investigação adotada (de índole qualitativa), não é possível generalizar estas conclusões.

5.1.1. Relativas à motivação para a leitura de obras da literatura infanto-juvenil

Parece-nos que conseguimos motivar os nossos alunos para o estudo desta obra, já que todos (à exceção de um) conseguiram identificar aspetos desta que lhes suscitavam curiosidade, que esperavam satisfazer através do seu estudo.

Para além disso, durante as sessões, foram fazendo observações sobre a obra, que se prendiam, quer com dúvidas que esta lhes suscitava, quer com o estabelecimento de relações entre esta e conteúdos de outras áreas curriculares. É exemplo desta correspondência a ligação à área de Estudo do Meio, mais concretamente à abordagem do conteúdo “Conhecer costumes e tradições de outros povos”, que fez com que os alunos estabelecessem pontes entre a sua realidade e as dos locais pelos quais “tinham passado” ao estudar a obra em questão.

Também nos parece que podemos relacionar com a motivação para a leitura a pesquisa sobre obras semelhantes a esta feita individualmente e seguida pela elaboração de uma síntese das obras encontradas feita em grupo. A pesquisa individual levou os alunos a procurar informação sobre outras obras semelhantes à que estava a ser explorada e a relacioná-las com esta, podendo suscitar o seu interesse por novas leituras. A redação do texto em que deveria ser referida informação sobre todas as obras encontradas pelos diversos elementos do grupo poderá ter chamado a atenção da turma para outros textos merecedores de uma leitura integral.

Tomando como referência uma tipologia de estratégias didáticas definida por Cristina Manuela Sá, com base em estudos seus e consulta dos de outros autores (Sá,

2009), consideramos que as nossas atividades de motivação para a leitura podem remeter para várias dessas estratégias:

- *Criar materiais para leitura*, com atividades ligadas a momentos de leitura em voz alta de textos escritos pelos próprios alunos;

- *Rodear os alunos de um universo de leitura*, com atividades ligadas a momentos de leitura em voz alta de textos, quer de textos escritos pelos próprios alunos, quer por outros;

- *Variar as suas experiências de leitura*, através de momentos de leitura em voz alta e comparação de um texto lido com a linguagem de outros textos;

- *Partilhar as suas experiências de leitura*, através de atividades que os levavam a falar para os outros de textos lidos por si, tecer comentários sobre esses textos e ler passagens do texto apresentado.

O interesse manifestado pelos alunos relativo à obra em estudo e decorrente (pelo menos em parte) das atividades por nós propostas no âmbito da sua exploração levam-nos a crer que o estudo deste clássico da literatura infanto-juvenil não foi visto, pelos mais novos, como algo de maçador.

5.1.2. Relativas ao desenvolvimento da compreensão na leitura

Também nos parece que conseguimos desenvolver competências em compreensão na leitura nos nossos alunos.

Pensamos que melhoraram a sua capacidade de recurso a uma estratégia de leitura importante: a formulação de hipóteses sobre o texto antes da sua leitura e a confirmação/infirmação dessas hipóteses durante a leitura e depois desta.

Além disso, foram bastante bem sucedidos em atividades que os obrigavam a identificar as ideias principais de textos explorados.

Contudo, é também de referir que foi nestas atividades que os alunos revelaram maiores dificuldades.

Para eles foi, francamente, mais difícil traduzir numa ordenação correta de parágrafos as ideias principais de um texto curto correspondendo a um episódio da obra em estudo (atividade realizada na quarta sessão) do que a totalidade da obra explorada. Tal facto pode derivar de, no primeiro caso, os alunos se poderem orientar pelo seu

conhecimento da estrutura da narrativa, que os pode ter ajudado a memorizar e evocar os momentos mais importantes da obra em questão. Acresce o facto de a narrativa ser um dos tipos/gêneros textuais mais estudados no 1º Ciclo do Ensino Básico e também na Educação Pré-Escolar. No segundo caso, em que a atividade estava focada num episódio, os alunos não conseguiram fazer uso desta estratégia, embora haja teorias de análise da estrutura da narrativa que consideram que esta também aparece espelhada nos episódios que compõem uma narrativa complexa, como é o caso de um romance de aventuras. Por conseguinte, tiveram de se apoiar na identificação das ideias principais do texto do episódio, em que normalmente têm dificuldades.

Também a elaboração de desenhos legendados sobre um episódio da obra à escolha do aluno permitiu que se procedesse à construção de um friso pictórico relativo à mesma. Esta atividade foi fulcral na captação e exposição das ideias principais da obra pelo olhar dos alunos, tendo sido globalmente bem-sucedida.

O mesmo aconteceu com a atividade de pesquisa individual de obras semelhantes à estudada, com recurso a um guião previamente fornecido, onde se elencavam os tópicos essenciais à pesquisa. Os alunos teriam de identificar as ideias principais dos textos consultados, para conseguirem explicar por que razão a obra pesquisada seria parecida com a estudada. A análise dos guiões individuais revelou-nos que os alunos foram capazes de identificar as ideias principais dos textos que consultaram e, por conseguinte, de indicar obras semelhantes à que tinham explorado, justificando adequadamente a sua seleção com referência a episódios dessas narrativas.

No entanto, verificamos que tiveram dificuldade para redigir (em grupo) um texto em que fossem sintetizadas as pesquisas feitas por todos os elementos. Só um grupo conseguiu elaborar um texto, tendo os restantes recorrido a uma listagem de tópicos. Com efeito, nesta atividade tinham de relacionar entre si ideias associadas a vários textos pesquisados, que é uma atividade mais complexa.

Em jeito de balanço e apesar de considerarmos que conseguimos desenvolver competências em compreensão na leitura nos nossos alunos, reiteramos a nossa convicção de que só através da realização sistemática e prolongada deste tipo de atividades conseguiremos contribuir para uma evolução efetiva dos mais novos.

5.2. Sugestões pedagógico-didáticas

Tendo em conta a implementação desta intervenção didática e posterior análise dos dados recolhidos a partir dela, é-nos possível redigir um conjunto de sugestões pedagógico-didáticas.

5.2.1. Relativas à motivação para a leitura

Tendo em conta as atividades promotoras da motivação para a leitura de obras de literatura clássica infanto-juvenil desenvolvidas nas sessões da nossa intervenção, apresentamos algumas sugestões pedagógico-didáticas relacionadas com a abordagem desta temática no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Pensando no que foi realizado, julgamos que, por um lado, teria sido interessante um maior aprofundamento dos interesses manifestados pelos mais novos. Assim, poderíamos ter feito atividades direcionadas para os aspetos que suscitaram curiosidade nos alunos, nomeadamente relativas às características específicas da personagem principal, visto que este foi um interesse manifestado por uma grande percentagem da turma.

Por conseguinte, sugerimos que, tendo em conta este parâmetro, houvesse um momento de exploração com a turma de todas as características da personagem Robinson Crusoe e, posteriormente, a aplicação desse levantamento teórico, através de desenhos, retratos e até trabalhos em 3D.

Por outro lado, parece-nos que poderíamos ter levado a cabo outras atividades, se tivéssemos tido um tempo mais alargado para a implementação desta intervenção didática.

De facto, teria sido uma mais-valia para o projeto se se tivesse feito a dramatização de todos os momentos principais da obra representados nos desenhos feitos pelos alunos. Fazer dos mais novos uma personagem específica, independentemente, da sua relevância ou não no decorrer da obra, para num espetáculo conjunto se apresentar a narrativa, que havia sido estudada em contexto de sala de aula, motivá-los-ia para uma leitura efetiva da mesma (embora tivesse que ser bastante adaptada para que se tornasse viável).

5.2.2. Relativas ao desenvolvimento da compreensão na leitura

A narrativa foi o tipo/género textual contemplado nas sessões da nossa intervenção didática, sendo também um dos mais abordados na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico.

No entanto, o facto de estarmos a explorar uma narrativa de dimensões superiores às habituais inspirou-nos alguns receios. O nosso estudo revelou-nos que a obra foi bem compreendida pelos alunos, o que nos leva a sugerir que os professores do 1º Ciclo apostem no estudo deste tipo de obras com as suas turmas.

Pensamos que o estudo de uma obra clássica da literatura infanto-juvenil que levámos a cabo com os nossos alunos nos ajudou a desenvolver neles competências em compreensão na leitura.

E, pensando no que foi realizado, surgem novas sugestões que vão ao encontro de um maior aprofundamento do que foi feito.

Assim, pensamos que poderíamos ter realizado atividades direcionadas para a formulação de hipóteses e sua confirmação/infirmação para outros episódios da obra estudada.

Já nas atividades que se prenderam com a identificação das ideias principais do texto, julgamos que a ordenação de parágrafos, quer em relação à obra na sua totalidade, quer a um episódio específico, poderia ter sido mais pormenorizada. Isto é, após a realização dessas sessões, poderíamos ter proposto aos alunos o mesmo tipo de atividade, mas incluindo na lista parágrafos que nada tivessem a ver com a obra.

Sentimos também que poderíamos ter levado a cabo outras atividades, para melhorar as competências desenvolvidas pelos nossos alunos.

Assim, consideramos que teria sido uma mais-valia a conjugação da narrativa estudada com outros tipos/géneros textuais, por exemplo, através de uma sessão dedicada à elaboração de uma banda desenhada alusiva a um episódio específico da obra estudada. Além de tornarmos a sessão mais apelativa para os alunos, faríamos com que percebessem que as ideias principais de uma narrativa podem ser representadas de diversas formas.

Pensamos que atividades deste género contribuem para que os alunos compreendam melhor as obras estudadas.

5.3. Limitações do estudo

O desenvolvimento deste projeto teve limitações associadas ao fator tempo.

Por um lado, o pouco tempo disponível não nos permitiu aprofundar alguns aspetos essenciais que nos dariam respostas mais concretas na nossa análise de dados. Concretamente, referimo-nos às questões de desenvolvimento de competências de compreensão em leitura realizadas em grupos de alunos e não individualmente. Julgamos que este pormenor é diferenciador quando tentamos concluir se, de facto, aquele conjunto de alunos desenvolveu essas competências, na totalidade.

Por outro lado, limitou, ainda, o nosso projeto quanto a uma possível continuidade do mesmo, uma vez que, ao apresentarmos a totalidade da obra num curto espaço de tempo, descuramos pormenores e episódios, igualmente, importantes. A motivação inicial pelo desconhecido é sempre maior do que a motivação por algo já conhecido, pelo que julgamos que a continuidade do estudo da obra está comprometida.

Também a nossa falta de experiência nos campos da docência da investigação e dificultaram a rentabilização do tempo disponível para a implementação deste projeto.

5.4. Sugestões para outros estudos

Após a implementação deste projeto e posterior reflexão sobre o mesmo, foi-nos possível identificar aspetos que poderiam ter sido melhor trabalhados, aquando da implementação da nossa intervenção didática.

Seria importante que, numa nova intervenção didática, houvesse tempo para uma análise mais profunda dos episódios referenciados, bem como de novos episódios. Faria todo o sentido que, para cada episódio da obra estudado, os alunos fizessem uma síntese escrita.

Seria também interessante apostar num estudo que cruzasse a área curricular disciplinar de Língua Portuguesa com a de Expressões, o que implicaria recorrer a outras linguagens:

- dramática, por exemplo, através do recurso à dramatização e à mímica;

- plástica, nomeadamente através da ilustração e mesmo da banda desenhada, que combina a linguagem verbal e a imagem.

Além disso, seria interessante estabelecer uma maior interligação com conteúdos abordados em outras áreas curriculares, surgindo daí pequenos projetos cujos autores seriam os alunos. Estes mesmos projetos, além de criarem pontes entre vários assuntos explorados na sala de aula, seriam uma excelente forma de apresentar à comunidade educativa todo o trabalho desenvolvido de forma articulada, sem nunca esquecer o vasto programa que o 1º Ciclo do Ensino Básico tem de cumprir. Por exemplo, o facto de Robinson Crusoe, o herói da narrativa estudada com estes alunos passar por vários locais, na sua viagem que acabou em naufrágio, poderia ser aproveitado para levar os alunos, divididos em grupos, a fazer pesquisas, que depois seriam apresentadas à turma e aos professores e, de seguida, melhoradas para serem divulgadas junto da comunidade escolar e extraescolar.

Bibliografia

- Barreto, G. (1998). *Literatura para crianças e jovens em Portugal*. Porto: Campo das Letras.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia de investigação: Guia para a autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, P. (2007). *Estrutura da narrativa e abordagem da lecto-escrita no 1º Ciclo*. Dissertação de mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Defoe, D. (2004). *As aventuras de Robinson Crusoe*. Coleção “Geração Público”, 1ª ed. Porto: Printer.
- Evangelista, A., Brandão, H., & Machado, M. (1999). *A escolarização da leitura literária : o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Giasson, J. (1993). *A compreensão na leitura*. Coleção “Práticas Pedagógicas”, nº 18. Lisboa: Edições ASA (trad.).
- Gomes, J. A. (1991). *Literatura para crianças e jovens. Alguns percursos*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Lindeza, D. (1994). *Literatura infantil: história, teoria, interpretações*. Porto: Porto Editora.
- Magalhães, A. M., & Alçada, I. (1994). *Os jovens e a leitura nas vésperas do século XXI*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.
- Ramos, A. M. (2007). *Livros de palmo e meio. Reflexões sobre a literatura para a infância*. Lisboa: Caminho.
- Reis, C. (coord.) (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Sá, C. M. (2004). *Leitura e compreensão escrita no 1º Ciclo do Ensino Básico: algumas sugestões didáticas*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Sá, C. M. (2009). *Estratégias didáticas para o ensino explícito da compreensão na leitura*. Aveiro: Universidade de Aveiro/Departamento de Didática e Tecnologia Educativa [documento policopiado].

Sim-Sim, I. (2004). *Avaliação da linguagem oral: Um contributo para o conhecimento do desenvolvimento linguístico das crianças portuguesas*. 3.ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sim-Sim, I. (com colaboração de Cristina Duarte e Manuela Micaela) (2007). *O ensino da leitura: Compreensão de textos*. Lisboa: Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Viana, F. L., & Teixeira, M. (2002). *Aprender a ler: da aprendizagem formal à aprendizagem informal*. Coleção “Horizontes da Didática”. Porto: Edições ASA.

Webgrafia:

Colégio D. José I. Serviço de Oferta Educativa. Retrieved 2 outubro 2012, from <http://www.coldjose1.pt/index.php/oferta-educativa/oferta-educativa>.

ANEXOS

Anexo 1 – Planificações das sessões da intervenção didática

Colégio D. José I – 3º Ano					
Competências	Descritores de desempenho/ metas curriculares	Conteúdos	Estratégias /Atividades	Recursos didáticos	Avaliação
<p><i>Leitura</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Leitura para aprender (aprender a ler, obter informação e organizar o conhecimento) 	<ul style="list-style-type: none"> Ler pequenos textos informativos; Identificar o tema ou o assunto do texto, assim como os eventuais subtemas; Sublinhar as palavras desconhecidas, inferir o significado a partir de dados contextuais e confirmá-lo no dicionário; 	<ul style="list-style-type: none"> Palavras- chave; Pesquisa e organização da informação; Tema, tópico, assunto; Hierarquização da informação; 	<ol style="list-style-type: none"> Sistematização das relações semânticas entre palavras: onomatopeias; por meio de um cartaz; Iniciação do projeto “Robinson Crusoe” – apresentação em power point. 	<ul style="list-style-type: none"> Cartaz das onomatopeias; Fotocópias com informações para os trabalhos em grupo; Guião de suporte ao tratamento da informação acerca da obra, do autor e da época da história; Folhas do diário do Robinson Crusoe; 	<ul style="list-style-type: none"> Observação direta tendo em conta os descritores e objetivos enumerados na planificação; Guião de suporte ao tratamento da informação acerca da obra, do autor e da época da história;
<p><i>Escrita</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Escrever para aprender (para aprender a escrever; para construir e expressar conhecimento (s); 	<ul style="list-style-type: none"> Registar ideias relacionadas com o tema, organizando-as; Usar vocabulário adequado; Escrever pequenos textos informativos, a partir de ajudas que identifiquem a introdução ao tópico, o desenvolvimento do tópico com factos e pormenores, e a conclusão; Verificar se o texto contém as ideias previamente definidas; Verificar a adequação do vocabulário usado; Identificar e corrigir os erros e ortografia que o texto contenha 	<ul style="list-style-type: none"> Registo e organização da informação; Revisão de textos; 	<ol style="list-style-type: none"> Trabalhos de grupo acerca do autor e da obra O diário do Robinson Crusoe do 3º ano do Colégio D. José I; 		
<p><i>Conhecimento explícito da língua (gramática):</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Manipular e comparar dados para descobrir regularidades no funcionamento da língua; 	<ul style="list-style-type: none"> Detetar processos irregulares de formação de palavras e de inovação lexical. (2º CEB) 	<ul style="list-style-type: none"> Relações semânticas entre palavras: onomatopeia (2º CEB). 			

Metas curriculares associadas ao projeto			
	Oralidade <i>Escutar para aprender e construir conhecimentos</i> Identificar informação essencial. Pedir esclarecimentos acerca do que ouviu. <i>Produzir um discurso oral com correção</i> Usar a palavra com um tom de voz audível, boa articulação e ritmos adequados. <i>Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor</i> Adaptar o discurso às situações de comunicação. Recontar, contar e descrever.		Leitura e escrita <i>Ler textos diversos</i> Ler pequenos textos informativos. <i>Organizar os conhecimentos do texto</i> Identificar o tema ou o assunto do texto, assim como os eventuais subtemas. <i>Monitorizar a compreensão</i> Sublinhar as palavras desconhecidas, inferir o significado a partir de dados contextuais e confirmá-lo no dicionário. <i>Planificar a escrita de textos.</i> Registar ideias relacionadas com o tema, organizando-as. <i>Rever textos escritos.</i> Identificar e corrigir os erros e ortografia que o texto contenha.
	Tempo: 1 h 40 min	Local: Sala de aula	5 de Novembro de 2012

Colégio D. José I – 3º Ano					
Competências	Descritores de desempenho/ metas curriculares	Conteúdos	Estratégias /Atividades	Recursos didáticos	Avaliação
<p><i>Compreensão do oral:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Saber escutar, para organizar e reter informação essencial, discursos breves em português padrão com algum grau de formalidade. • Distinguir entre facto e opinião, informação implícita e explícita, o que é essencial do que é acessório. 	<ul style="list-style-type: none"> • Prestar atenção ao que ouve de modo a tornar possível: <ul style="list-style-type: none"> • apropriar-se de novos vocábulos; • descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas; • cumprir instruções; • responder a questões acerca do que ouviu; • identificar informação essencial e acessória; • identificar facto e opinião; • identificar informação explícita e implícita; • relatar o essencial de uma história ouvida ou de uma ocorrência; • fazer inferências; • esclarecer dúvidas; • recontar o que ouviu; • identificar diferentes intencionalidades comunicativas. • Pedir informações e esclarecimentos para clarificar a informação ouvida. • Utilizar técnicas para registar, tratar e reter a informação: <ul style="list-style-type: none"> • tomar notas; • articular a informação retida com conhecimentos prévios; • procurar informação complementar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Vocabulário: sinónimos e antónimos. • Informação essencial e acessória; • Facto e opinião; • Ideia principal; • Inferências; • Reconto. • Organização da informação: tema e assunto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação das produções feitas na sessão anterior relativamente ao Robinson Crusóé, por meio de uma sistematização em Power Point; • Apresentação dos desenhos elaborados pelos alunos; • Leitura silenciosa do texto “O que eu sei sobre o coração” de Alice Vieira da página 36 do manual; • Leitura em voz alta do texto, por alguns alunos; • Questionamento dos alunos acerca do texto; • Realização das questões da página 37 do manual. 	<ul style="list-style-type: none"> • Data show e quadro interativo. • Apresentação em Power Point; • Imagens da obra Robinson Crusóé; • Manual escolar “A Grande Aventura – Língua Portuguesa 3º ano” de Marisa Costa e Paula Melo, da Texto Editores; • Quadro a giz e/ou interativo; 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta tendo em conta os objetivos e competências enumeradas na planificação; • Produções orais dos alunos;
<p><i>Expressão oral:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Pedir e tomar a palavra e respeitar o tempo da palavra dos outros. • Planificar e apresentar exposições breves sobre temas variados. • Produzir breves discursos orais em português padrão com vocabulário e estruturas gramaticais adequados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Usar a palavra de uma forma clara e audível no âmbito das tarefas a realizar. • Produzir frases complexas • Planificar o discurso de acordo com o objetivo, o destinatário e os meios a utilizar. • Produzir discursos com diferentes finalidades de acordo com intenções específicas: <ul style="list-style-type: none"> • expressar sentimentos e emoções; • relatar, recontar, contar; • informar, explicar, dar instruções; • descrever; • partilhar informações e conhecimentos. • Respeitar as convenções que regulam a interação: <ul style="list-style-type: none"> • ouvir os outros; • esperar a sua vez; • respeitar o tema; • acrescentar informação pertinente; • Participar em atividades de expressão orientada, respeitando regras e papéis específicos: <ul style="list-style-type: none"> • reagir ao que é dito; • interpretar pontos de vista diferentes; 	<ul style="list-style-type: none"> • Princípios de cooperação e cortesia. • Regras e papéis da interação oral. • Reconto, descrição e narrativa. 			

	<ul style="list-style-type: none"> · justificar opiniões; · retomar o assunto; · precisar ou resumir ideias; · moderar a discussão; • Identificar informação essencial; • Pedir esclarecimentos acerca do que ouviu; • Fazer uma apresentação oral (cerca de 3 minutos) sobre um tema, com recurso eventual a tecnologias de informação; • Mobilizar vocabulário cada vez mais variado e estruturas frásicas cada vez mais complexas; 				
<p><i>Leitura:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Ler diferentes tipos de textos e em suportes variados para obter informação e organizar conhecimento. • Ler para formular apreciações de textos variados. • Distinguir entre facto e opinião, informação implícita e explícita, essencial e acessória. • Ler em voz alta com fluência textos com extensão e vocabulário adequados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ler de modo autónomo, em diferentes suportes, as instruções de atividades ou tarefas. • Encontrar num enunciado a informação necessária à concretização de uma tarefa a realizar. • Dominar as técnicas que, em suporte de papel e informático, permitem aceder à informação. • Dominar o léxico do livro e da leitura e dos meios informáticos de acesso à informação. • Localizar a informação a partir de palavras ou expressões-chave. • Utilizar técnicas para recolher, organizar e reter a informação: <ul style="list-style-type: none"> · sublinhar; · tomar notas; • Mobilizar conhecimentos prévios. • Fazer uma leitura que possibilite: <ul style="list-style-type: none"> · detetar informação relevante; · identificar o tema central e aspetos acessórios; · descobrir o sentido de palavras desconhecidas com base na estrutura interna e no contexto semântico; · relacionar a informação lida com conhecimentos exteriores ao texto; · captar sentidos implícitos; · responder a questões; · formular questões; · identificar o sentido global de um texto; · resumir textos, sequências ou parágrafos; · procurar informação complementar; • Recorrer a diferentes estratégias para resolver problemas de compreensão. • Ler, de acordo com orientações previamente estabelecidas, textos de diferentes tipos e com diferente extensão. • Expressar sentimentos, emoções, opiniões, provocados pela leitura de textos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Vocabulário relativo ao texto: título e autor. • Ficção-não ficção; • Informação relevante e acessória; • Assunto e ideia principal; • Texto narrativo: seus componentes (personagens, tempo e ação) e estrutura (introdução, desenvolvimento e conclusão). 			

<p><i>Escrita:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Recorrer a técnicas para registar, organizar e transmitir informação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar, de modo autónomo, respostas a questionários. • Utilizar técnicas específicas para registar, organizar e transmitir a informação. • Redigir textos (de acordo com o plano previamente elaborado; respeitando as convenções (orto) gráficas e de pontuação; utilizando os mecanismos de coesão e coerência adequados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Registo e organização do texto. 			
	Metas curriculares associadas ao projeto				
	<p>Oralidade</p> <p><i>Escutar para aprender e construir conhecimento</i></p> <p>Identificar informação essencial.</p> <p>Pedir esclarecimentos acerca do que ouviu.</p> <p><i>Produzir um discurso oral com correção</i></p> <p>Usar a palavra com um tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequados.</p> <p>Mobilizar vocabulário cada vez mais variado e estruturas frásicas cada vez mais complexas.</p> <p><i>Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor.</i></p> <p>Adaptar o discurso às situações de comunicação.</p> <p>Informar, explicar.</p> <p>Desempenhar papéis específicos em atividades de expressão orientada, respeitando o tema, retomando o assunto e justificando opiniões.</p>				
	Tempo: 1 h 40 min	Local: Sala de aula		06 de Novembro de 2012	

Colégio D. José I – 3.º Ano					
Competências	Descritores de desempenho/ metas curriculares	Conteúdos	Estratégias /Atividades	Recursos didáticos	Avaliação
<p><i>Compreensão do oral:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Saber escutar, para organizar e reter informação essencial, discursos breves em português padrão com algum grau de formalidade. 	<ul style="list-style-type: none"> Prestar atenção ao que ouve de modo a tornar possível: <ul style="list-style-type: none"> apropriar-se de novos vocábulos; descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas; cumprir instruções; responder a questões acerca do que ouviu; Pedir informações e esclarecimentos para clarificar a informação ouvida. Utilizar técnicas para registar, tratar e reter a informação: <ul style="list-style-type: none"> tomar notas; articular a informação retida com conhecimentos prévios 	<ul style="list-style-type: none"> Vocabulário; 	<ul style="list-style-type: none"> Projeto “Robinson Crusoe”: <ul style="list-style-type: none"> Análise de um episódio: a Ilha: <ol style="list-style-type: none"> Diálogo alunos/estagiária – descrição da ilha tal como os alunos a imaginam; Elaboração de um quadro-síntese dessas características com uma coluna nomeada de “nós pensamos que...”; <ol style="list-style-type: none"> Apresentação de uma pequena maquete da ilha, apenas com dois símbolos da mesma – árvore e ave; Apresentação oral de um excerto da obra relativo à descrição da ilha; Exploração do episódio, quanto ao vocabulário e às características apresentadas em relação à ilha; Trabalho coletivo: preenchimento de um quadro relativo às características da ilha; Confronto, em grande grupo, entre o quadro-síntese enumerado no ponto ii. e vi.. Conclusão do quadro- 	<ul style="list-style-type: none"> Quadro a giz; Desenhos dos alunos; Excerto da obra; Maquete da ilha; 	<ul style="list-style-type: none"> Observação direta tendo em conta competências e descritores de desempenho enumeradas na planificação; Produções orais e registos escritos dos alunos;
<p><i>Expressão oral:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Pedir e tomar a palavra e respeitar o tempo da palavra dos outros. Planificar e apresentar exposições breves sobre temas variados. Produzir breves discursos orais em português padrão com vocabulário e estruturas gramaticais adequados 	<ul style="list-style-type: none"> Usar a palavra de uma forma clara e audível no âmbito das tarefas a realizar. Produzir frases complexas. Produzir discursos com diferentes finalidades de acordo com intenções específicas: <ul style="list-style-type: none"> relatar, recontar, contar; descrever; partilhar informações e conhecimentos. Respeitar as convenções que regulam a interação: <ul style="list-style-type: none"> ouvir os outros; esperar a sua vez; respeitar o tema; acrescentar informação pertinente; Participar em atividades de expressão orientada, respeitando regras e papéis específicos: <ul style="list-style-type: none"> reagir ao que é dito; interpretar pontos de vista diferentes; justificar opiniões; retomar o assunto; precisar ou resumir ideias; moderar a discussão; 	<ul style="list-style-type: none"> Planificação do discurso: identificação do tópico/tema; Reconto; Regras e papéis da interação oral; 			
<p><i>Leitura:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Ler diferentes tipos de textos e em suportes variados para obter informação e organizar conhecimento. Ler para formular 	<ul style="list-style-type: none"> Ler de modo autónomo, em diferentes suportes, as instruções de atividades ou tarefas. Encontrar num enunciado a informação necessária à concretização de uma tarefa a realizar. Dominar as técnicas que, em suporte de papel e informático, permitem aceder à informação. 	<ul style="list-style-type: none"> Pesquisa e organização a informação: <ul style="list-style-type: none"> Tema, tópico, assunto; Palavras- 			

<p>apreciações de textos variados.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Distinguir entre facto e opinião, informação implícita e explícita, essencial e acessória. • Ler em voz alta com fluência textos com extensão e vocabulário adequados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Localizar a informação a partir de palavras ou expressões-chave. • Utilizar técnicas para recolher, organizar e reter a informação: <ul style="list-style-type: none"> · sublinhar; · tomar notas; • Mobilizar conhecimentos prévios. • Fazer uma leitura que possibilite: <ul style="list-style-type: none"> · detetar informação relevante; · identificar o tema central e aspetos acessórios; · descobrir o sentido de palavras desconhecidas com base na estrutura interna e no contexto semântico; · relacionar a informação lida com conhecimentos exteriores ao texto; 	<p>chaves;</p> <ul style="list-style-type: none"> · Leitura orientada; 	<p>síntese enumerado no ponto ii. com uma nova coluna “ e no texto...”;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Translineação – explicitação das regras da mesma, bem como entrega de um documento com a sistematização do conteúdo; <p>· Exercícios com palavras apresentadas no excerto trabalhado anteriormente;</p>		
<p><i>Escrita:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Escrever para aprender, para construir e expressar conhecimento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar técnicas específicas para registar, organizar e transmitir a informação; • Elaborar uma descrição – de uma cena, objeto, paisagem, pessoa ou personagem; • Rever os textos com vista ao seu aperfeiçoamento: <ul style="list-style-type: none"> · identificar erros; · acrescentar, apagar, substituir; 	<ul style="list-style-type: none"> • Registo e organização da informação; • Texto descritivo; • Revisão de textos; 			
<p><i>Conhecimento explícito da língua (gramática):</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Explicitar regras e procedimentos nos diferentes planos do conhecimento explícito da língua; • Mobilizar o saber adquirido para melhorar o desempenho na compreensão e expressão oral e escrita. 	<ul style="list-style-type: none"> • Explicitar regras e procedimentos: <ul style="list-style-type: none"> · Explicitar regras de ortografia (incluindo a translineação); · Mobilizar o saber adquirido na leitura e escrita de palavras, frases e textos. 	<ul style="list-style-type: none"> · Configuração gráfica: espaço, mensagem, período, parágrafo. 			
<p><i>Educação Literária:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Ler e ouvir ler textos literários. • Compreender o essencial dos textos escutados e lidos. • Ler para apreciar textos literários. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância. • Praticar a leitura silenciosa • Confrontar as previsões feitas sobre o texto com o assunto do mesmo • Manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados pelas histórias ouvidas 	<ul style="list-style-type: none"> • Obra de literatura clássica; 			

Metas curriculares associadas ao Projeto					
<u>Oralidade</u> <i>Escutar para aprender e construir conhecimento</i> Identificar informação essencial. Pedir esclarecimentos acerca do que ouviu. <i>Produzir um discurso oral com correção</i> Usar a palavra com um tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequados. <i>Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor.</i> Adaptar o discurso às situações de comunicação. Informar, explicar.		<u>Leitura</u> <i>Ler textos diversos</i> Ler pequenos textos narrativos. <i>Apropriar-se de novos vocábulos.</i> Reconhecer o significado de novas palavras. <i>Organizar os conhecimentos do texto</i> Identificar, por expressões de sentido equivalente, informações contidas explicitamente em textos narrativos. Pôr em relação duas informações para inferir delas uma terceira. Identificar o tema ou o assunto do texto, assim como os eventuais subtemas. Referir, em poucas palavras, o essencial do texto.		<u>Educação literária</u> <i>Ler e ouvir ler textos literários</i> Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância. Praticar a leitura silenciosa. <i>Compreender o essencial dos textos escutados e lidos</i> Confrontar as previsões feitas sobre o texto com o assunto do mesmo. <i>Ler para apreciar textos literários</i> Manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados pelas histórias ouvidas.	
Tempo: 1 h 40 min		Local: Sala de aula		19 de Novembro de 2012	

Colégio D. José I – 3.º Ano					
Competências	Descritores de desempenho	Conteúdos	Estratégias /Atividades	Recursos didáticos	Avaliação
<p><i>Compreensão do oral:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Saber escutar, para organizar e reter informação essencial, discursos breves em português padrão com algum grau de formalidade. Escutar para aprender e construir conhecimento. 	<ul style="list-style-type: none"> Prestar atenção ao que ouve de modo a tornar possível: <ul style="list-style-type: none"> apropriar-se de novos vocábulos; descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas; cumprir instruções; responder a questões acerca do que ouviu; Pedir informações e esclarecimentos para clarificar a informação ouvida. Utilizar técnicas para registar, tratar e reter a informação: <ul style="list-style-type: none"> tomar notas; articular a informação retida com conhecimentos prévios Manifestar sentimentos, sensações, ideias e pontos de vista pessoais suscitados pelos discursos ouvidos (uma audição musical, uma peça de teatro, notícias, reportagens, anúncios publicitários, histórias). 	<ul style="list-style-type: none"> Vocabulário. Ideia principal. Reconto. 	<ul style="list-style-type: none"> Projeto “Robinson Crusóé”: <ul style="list-style-type: none"> Consolidação da construção do friso da história com recurso a desenhos elaborados pelos alunos e consecutivas legendas produzidas pelos alunos; Análise de um episódio: encontro com a personagem “Sexta-feira”: <ul style="list-style-type: none"> Dramatização muda do episódio pelas estagiárias. Apresentação oral de um excerto da obra relativo ao encontro com o “Sexta-feira”; Exploração do episódio, quanto ao vocabulário e às características apresentadas em relação à personagem; Trabalho de grupo – ordenação de parágrafos correspondentes a momentos significativos quanto ao episódio em questão, fazendo o registo dessa ordenação numa cartolina; Apresentação da ordenação dos parágrafos feita por cada grupo e sua justificação. 	<ul style="list-style-type: none"> Data show; Quadro interativo; Excerto da obra; 	<ul style="list-style-type: none"> Observação direta tendo em conta competências e descritores de desempenho enumeradas na planificação; Produções orais e registos escritos dos alunos;
<p><i>Expressão oral:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Aprender a falar, construir e expressar conhecimento. Pedir e tomar a palavra e respeitar o tempo da palavra dos outros. Planificar e apresentar exposições breves sobre temas variados. Produzir breves discursos orais em português padrão com vocabulário e estruturas gramaticais adequados. 	<ul style="list-style-type: none"> Usar a palavra de uma forma clara e audível no âmbito das tarefas a realizar. Produzir frases complexas. Produzir discursos com diferentes finalidades de acordo com intenções específicas: <ul style="list-style-type: none"> Expressar sentimentos e emoções; Relatar, recontar, contar; Informar, explicar, dar instruções; Descrever. Respeitar as convenções que regulam a interação: <ul style="list-style-type: none"> ouvir os outros; esperar a sua vez; respeitar o tema; acrescentar informação pertinente; Participar em atividades de expressão orientada, respeitando regras e papéis específicos: <ul style="list-style-type: none"> reagir ao que é dito; interpretar pontos de vista diferentes; justificar opiniões; retomar o assunto; precisar ou resumir ideias; moderar a discussão; 	<ul style="list-style-type: none"> Frase complexa. Planificação do discurso: identificação do tópico/tema; seleção e hierarquização da informação essencial de acordo com o objetivo. Reconto. Regras e papéis da interação oral; 			

<p><i>Leitura:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Aprender a ler, obter informação e organizar o conhecimento. • Ler para apreciar textos diversos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dominar o léxico do livro e da leitura e dos meios informáticos de acesso à informação. • Localizar a informação a partir de palavras ou expressões chave. • Usar técnicas para recolher, organizar e reter a informação: <ul style="list-style-type: none"> • sublinhar; • tomar notas; • esquematizar; • Mobilizar conhecimentos prévios. • Antecipar o assunto de um texto. • Fazer uma leitura que possibilite: <ul style="list-style-type: none"> • Identificar a intenção comunicativa; • Detetar informação relevante; • Identificar o tema central e aspetos acessórios; • Relacionar a informação lida com conhecimentos exteriores ao texto; • Ler em voz alta para diferentes públicos. • Ler, de acordo com orientações previamente estabelecidas, textos de diferentes tipos e com diferente extensão. • Expressar sentimentos, emoções opiniões, provocados pela leitura de textos. • Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância e reagir aos textos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Texto. • Paratexto e vocabulário relativo ao livro (título, subtítulo, capa, contracapa, lombada, ilustração, ilustrador, índice...). • Autor. • Pesquisa e organização da informação: tema, tópico, assunto e palavras-chave; • Assunto e ideia principal. • Leitura orientada. 			
<p><i>Escrita:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Para aprender a escrever; para construir e expressar conhecimento (s). • Escrever em termos pessoais e criativos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Planificar textos de acordo com o objetivo, o destinatário, o tipo de texto e os conteúdos: <ul style="list-style-type: none"> • Recolher informação em diferentes suportes; • Organizar a informação; • Redigir textos (de acordo com o plano previamente elaborado, respeitando as convenções (orto)gráficas e de pontuação; utilizando mecanismos de coesão e coerência adequados): <ul style="list-style-type: none"> • Elaborar uma descrição – de uma cena, de um objeto, paisagem, pessoa ou personagem. • Rever os textos com vista ao seu aperfeiçoamento: <ul style="list-style-type: none"> • Identificar erros; • Acrescentar, apagar, substituir; 	<ul style="list-style-type: none"> • Planificação de textos. • Escrita composicional. • Texto descritivo. • Revisão de textos. 			

	<ul style="list-style-type: none"> • Condensar, reordenar, reconfigurar; • Reescrever o texto; • Cuidar da apresentação final dos textos. • Escrever diferentes textos mediante proposta do professor. 				
<p><i>Educação Literária:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Ler e ouvir ler textos literários. • Compreender o essencial dos textos escutados e lidos. • Ler para apreciar textos literários. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância. • Praticar a leitura silenciosa • Confrontar as previsões feitas sobre o texto com o assunto do mesmo • Manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados pelas histórias ouvidas 	<ul style="list-style-type: none"> • Obra de literatura clássica; 	•	•	
Metas curriculares associadas ao Projeto					
<p><u>Oralidade</u></p> <p><i>Escutar para aprender e construir conhecimento</i> Identificar informação essencial. Pedir esclarecimentos acerca do que ouviu. <i>Produzir um discurso oral com correção</i> Usar a palavra com um tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequados. <i>Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor.</i> Adaptar o discurso às situações de comunicação. Informar, explicar. Fazer uma apresentação oral (3 minutos) sobre um tema, com recurso eventual a tecnologias de informação. Desempenhar papéis específicos, em atividades de expressão orientada, respeitando o tema, retomando o assunto e justificando opiniões.</p>		<p><u>Leitura</u></p> <p><i>Ler textos diversos</i> Ler pequenos textos narrativos. <i>Organizar os conhecimentos do texto</i> Identificar, por expressões de sentido equivalente, informações contidas explicitamente em textos narrativos. Pôr em relação duas informações para inferir delas uma terceira. Identificar o tema ou o assunto do texto, assim como os eventuais subtemas. Referir, em poucas palavras, o essencial do texto.</p>		<p><u>Educação literária</u></p> <p><i>Ler e ouvir ler textos literários</i> Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância. Praticar a leitura silenciosa. <i>Compreender o essencial dos textos escutados e lidos</i> Responder, oralmente e por escrito, de forma completa, a questões sobre os textos. <i>Ler para apreciar textos literários</i> Manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados pelas histórias ouvidas.</p>	
Tempo: 1 h 40 min		Local: Sala de aula		3 de Dezembro de 2012	

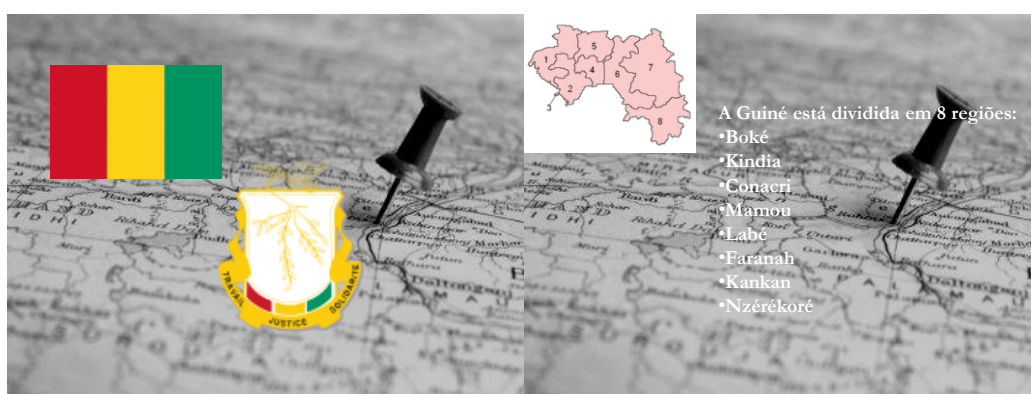
Colégio D. José I – 3.º Ano					
Competências	Descritores de desempenho	Conteúdos	Estratégias /Atividades	Recursos didáticos	Avaliação
<p><i>Compreensão do oral:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Saber escutar, para organizar e reter informação essencial, discursos breves em português padrão com algum grau de formalidade. Escutar para aprender e construir conhecimento. 	<ul style="list-style-type: none"> Prestar atenção ao que ouve de modo a tornar possível: <ul style="list-style-type: none"> apropriar-se de novos vocábulos; descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas; cumprir instruções; responder a questões acerca do que ouviu; Pedir informações e esclarecimentos para clarificar a informação ouvida. Utilizar técnicas para registar, tratar e reter a informação: <ul style="list-style-type: none"> tomar notas; articular a informação retida com conhecimentos prévios Manifestar sentimentos, sensações, ideias e pontos de vista pessoais suscitados pelos discursos ouvidos (uma audição musical, uma peça de teatro, notícias, reportagens, anúncios publicitários, histórias). 	<ul style="list-style-type: none"> Vocabulário. Ideia principal. Reconto. 	<ul style="list-style-type: none"> Projeto “Robinson Crusoe”: <ul style="list-style-type: none"> Consolidação da construção do friso da história com recurso a desenhos elaborados pelos alunos e consecutivas legendas produzidas pelos alunos; Trabalho de pesquisa acerca de obras da mesma natureza da obra “Robinson Crusoe”: <ol style="list-style-type: none"> Em grupos análise dos guiões preenchidos os individualmente pelos alunos em casa; Escrita de um texto onde veiculam a informação reunida pelo grupo; Leitura do texto de cada grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> Data show; Quadro interativo; Excerto da obra; 	<ul style="list-style-type: none"> Observação direta tendo em conta competências e descritores de desempenho enumeradas na planificação; Produções orais e registos escritos dos alunos;
<p><i>Expressão oral:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Aprender a falar, construir e expressar conhecimento. Pedir e tomar a palavra e respeitar o tempo da palavra dos outros. Planificar e apresentar exposições breves sobre temas variados. Produzir breves discursos orais em português padrão com vocabulário e estruturas gramaticais adequados. 	<ul style="list-style-type: none"> Usar a palavra de uma forma clara e audível no âmbito das tarefas a realizar. Produzir frases complexas. Produzir discursos com diferentes finalidades de acordo com intenções específicas: <ul style="list-style-type: none"> Expressar sentimentos e emoções; Relatar, recontar, contar; Informar, explicar, dar instruções; Descrever. Respeitar as convenções que regulam a interação: <ul style="list-style-type: none"> ouvir os outros; esperar a sua vez; respeitar o tema; acrescentar informação pertinente; Participar em atividades de expressão orientada, respeitando regras e papéis específicos: <ul style="list-style-type: none"> reagir ao que é dito; interpretar pontos de vista diferentes; justificar opiniões; retomar o assunto; precisar ou resumir ideias; moderar a discussão; 	<ul style="list-style-type: none"> Frase complexa. Planificação do discurso: identificação do tópico/tema; seleção e hierarquização da informação essencial de acordo com o objetivo. Reconto. Regras e papéis da interação oral; 			
<p><i>Leitura:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> Aprender a ler, obter informação e organizar o conhecimento. 	<ul style="list-style-type: none"> Dominar o léxico do livro e da leitura e dos meios informáticos de acesso à informação. Localizar a informação a partir de palavras ou expressões chave. Usar técnicas para recolher, organizar e reter a informação: <ul style="list-style-type: none"> sublinhar; tomar notas; esquematizar; 	<ul style="list-style-type: none"> Texto. Paratexto e vocabulário relativo ao livro (título, subtítulo, capa, contracapa, lombada, 			

<ul style="list-style-type: none"> • Ler para apreciar textos diversos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Mobilizar conhecimentos prévios. • Antecipar o assunto de um texto. • Fazer uma leitura que possibilite: <ul style="list-style-type: none"> • Identificar a intenção comunicativa; • Detetar informação relevante; • Identificar o tema central e aspetos acessórios; • Relacionar a informação lida com conhecimentos exteriores ao texto; • Ler em voz alta para diferentes públicos. • Ler, de acordo com orientações previamente estabelecidas, textos de diferentes tipos e com diferente extensão. • Expressar sentimentos, emoções opiniões, provocados pela leitura de textos. • Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância e reagir aos textos. 	<p>ilustração, ilustrador, índice...).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Autor. • Pesquisa e organização da informação: tema, tópico, assunto e palavras-chave; • Assunto e ideia principal. • Leitura orientada. 			
<p><i>Escrita:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Para aprender a escrever; para construir e expressar conhecimento (s). • Escrever em termos pessoais e criativos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Planificar textos de acordo com o objetivo, o destinatário, o tipo de texto e os conteúdos: <ul style="list-style-type: none"> • Recolher informação em diferentes suportes; • Organizar a informação; • Redigir textos (de acordo com o plano previamente elaborado, respeitando as convenções (orto)gráficas e de pontuação; utilizando mecanismos de coesão e coerência adequados): <ul style="list-style-type: none"> • Elaborar uma descrição – de uma cena, de um objeto, paisagem, pessoa ou personagem. • Rever os textos com vista ao seu aperfeiçoamento: <ul style="list-style-type: none"> • Identificar erros; • Acrescentar, apagar, substituir; • Condensar, reordenar, reconfigurar; • Reescrever o texto; • Cuidar da apresentação final dos textos. • Escrever diferentes textos mediante proposta do professor. 	<ul style="list-style-type: none"> • Planificação de textos. • Escrita compositiva. • Texto descritivo. • Revisão de textos. 			
<p><i>Educação Literária:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Ler e ouvir ler textos literários. • Compreender o essencial dos textos escutados e lidos. • Ler para apreciar 	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância. • Praticar a leitura silenciosa • Confrontar as previsões feitas sobre o texto com o assunto do mesmo • Manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados pelas histórias ouvidas 	<ul style="list-style-type: none"> • Obra de literatura clássica; 	•	•	
Metas curriculares associadas ao Projeto					

textos literários.	<p><u>Oralidade</u></p> <p><i>Escutar para aprender e construir conhecimento</i></p> <p>Identificar informação essencial.</p> <p>Pedir esclarecimentos acerca do que ouviu.</p> <p><i>Produzir um discurso oral com correção</i></p> <p>Usar a palavra com um tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequados.</p> <p><i>Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor.</i></p> <p>Adaptar o discurso às situações de comunicação.</p> <p>Informar, explicar.</p> <p>Fazer uma apresentação oral (3 minutos) sobre um tema, com recurso eventual a tecnologias de informação.</p> <p>Desempenhar papéis específicos, em atividades de expressão orientada, respeitando o tema, retomando o assunto e justificando opiniões.</p>	<p><u>Leitura e escrita</u></p> <p><i>Elaborar e aprofundar ideias e conhecimentos</i></p> <p>Estabelecer uma lista de fontes pertinentes de informação relativas a um tema, através de pesquisas na biblioteca e pela internet.</p> <p><i>Planificar a escrita de textos</i></p> <p>Registar ideias relacionadas com o tema, organizando-as.</p> <p><i>Redigir corretamente</i></p> <p>Usar vocabulário adequado.</p> <p><i>Escrever textos informativos</i></p> <p>Escrever pequenos textos informativos, a partir de ajudas que identifiquem a introdução ao tópico, o desenvolvimento do tópico com factos e pormenores, e a conclusão.</p> <p><i>Rever textos escritos</i></p> <p>Verificar se o texto contém as ideias previamente definidas.</p> <p>Verificar a adequação do vocabulário usado.</p> <p>Identificar e corrigir os erros de ortografia que o texto contenha.</p>
Tempo: 1 h 40 min	Local: Sala de aula	4 de Dezembro de 2012

Anexo 2 – Apresentação da obra em Power Point até ao momento do naufrágio





✓ Tem como língua oficial o castelhano, embora o português e o francês também o sejam.

✓ Mas o dialeto mais usado é o crioulo.

✓ Olhem alguns exemplos:

- ✓ Moda qui hó nome? (qual é o teu nome?)
- ✓ Nô bai pá escola! (nós vamos para a escola)

✓ Gastronomia

✓ Cultura guineense estabelecem-se no mundo através dos djembefolás (tocadores de djembê);



✓ Clima Tropical. Duas estações, uma quente e húmida. De Julho a Novembro é quente, de Dezembro a Junho é a húmida.

✓ Um monumento que destaco...

A minha viagem não terminou aqui... Voltei ao meu navio e rumei até...



Estamos, então, no Brasil. Ora vejam o que vos mostro de lá...

✓ Esta baía localiza-se no estado da Bahia e é a segunda maior do mundo e a maior do Brasil, tendo 56 ilhas.



✓ Gastronomia



✓ Cultura




✓ Festas Populares:

✓ 1º de Janeiro – Procissão Nosso Senhor dos Navegantes;





Depois de conhecer esta baía pensei em regressar à costa africana, mas eis que



Após uma tempestade enorme o meu navio afundou-se! E eu acordei numa ilha deserta!!! Sem saber muito bem como sair de lá....



Anexo 3 – Texto sobre Daniel Defoe elaborado pela investigadora

Nascido como Daniel Foe, no ano de 1660, e depois de ter acabado os estudos, tornou-se comerciante. Decidiu estabelecer-se como comerciante (1683) e viajou muito pela Europa com diversos empreendimentos comerciais, mas em nenhum deles teve pleno êxito. Atraído pela política, estabeleceu-se em Londres (1700) e tentou viver como jornalista. Metido em intrigas políticas, começou a escrever numerosos panfletos.

Falido, fundou (1704) o periódico *The Review*, onde expressou finalmente as suas excepcionais qualidades como jornalista.

Escreveu todo tipo de obras, tanto em prosa como em verso: história, biografia, romance, polêmicas políticas e religiosas, sátiras, poemas etc..

Ganhou celebridade internacional como romancista com a publicação de sua obra mais conhecida *Robinson Crusoe* (1719) e, então, resolveu retirar-se da vida pública para se dedicar exclusivamente à literatura. Nele narra as vicissitudes do jovem Robinson, que, após embarcar contra a vontade dos seus pais, corre diversas aventuras até naufragar e chegar a uma ilha deserta, onde permanece durante vinte e oito anos. Os ensinamentos morais desta obra são a confiança na providência divina e a necessidade de defender a própria integridade.

Com a escrita de *Moll Flanders* (1722) deu um passo decisivo na história do romance social. Apesar da sua vida turbulenta, foi um escritor muito prolífico e morreu em Londres, no ano de 1731, mantendo nos seus últimos anos de vida uma intensa atividade literária, publicando obras como *A Journal of the Plague Year* (1722) e *Roxana* (1724).

Anexo 4 – Paráfrase do texto sobre Daniel Defoe feita pelos alunos

As curiosidades do autor da obra de Robinson Crusoe

O nome do autor da história do *Robinson Crusoe* é Daniel Defoe, que nasceu em 1660.

Ele escreveu algumas obras: *Robinson Crusoe*, em 1719, *Roxana*, em 1724, *Moll Flanders* e *A Journal of the Plague Year*, ambas em 1722.

Morou em Londres a partir de 1700. Teve algumas profissões, como, por exemplo, comerciante, jornalista, político e escritor.

O autor, quando escreveu o *Robinson Crusoe*, tinha 59 anos e morreu em 1731.”

Alunos do 3º Ano do Colégio D. José I

Anexo 5 – Parágrafos relativos à obra *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe

Robinson Crusoé. Este é o meu nome. Nasci na velha cidade de Iorque, onde há um rio muito largo, cheio de navios que entram e saem. Quando criança, passava a maior parte do tempo a olhar aquele rio de águas tão quietas, caminhando sem pressa para o mar lá longe. Sonhava, porque queria ser marinheiro. Os meus pais ficavam tristes com este meu sonho, tinham medo das terríveis tempestades do mar. Com a chegada dos meus 18 anos fugi de casa e embarquei num navio.

Na minha primeira viagem tive medo e lembrei-me que os meus pais tinham razão. À noite houve uma grande tempestade que fazia baloiçar o navio de forma brusca. Pensei em desistir do meu sonho, mas no dia seguinte havia sol firme e mar calmo, esse medo desapareceu. Continuava a ter um grande desejo e curiosidade de conhecer o mundo inteiro.

Depois de encontrar um capitão (já pessoa de certa idade) que costumava viajar pela costa de África, fui com ele fazer uma viagem até lá. Era uma viagem de mercadorias para negociar com o povo Africano. Aprendi a ser um verdadeiro marinheiro e durante dez dias só tivemos tempo bom.

Mas eis que o tempo vai mudando, inicia-se uma grande tempestade. Nunca tinha visto nada assim. Durante dias fomos arrastados ao sabor das ondas e do vento, sem direção alguma e à espera do pior. Três dias depois um dos meus companheiros avisa que tínhamos Terra à vista, mas, nesse mesmo momento, o navio bate num banco de areia e fica imóvel.

As ondas continuavam gigantes e rebentaram o meu navio e eu fui engolido pelas águas. Depois disto não sei o que aconteceu até ao momento em que acordo numa praia. Ao levantar-me, muito devagar, lembrei-me de procurar o meu capitão e os meus amigos, mas não encontrei ninguém. Estava ali sozinho!

Continuei a procura incessante dos meus companheiros até a noite se aproximar. Chegou o escuro e chorei que nem uma criança. Era noite. Nunca me senti tão só, tão desamparado. Com medo de que alguma fera me atacasse olhei em volta e havia uma grande árvore onde me fui instalar. Era a minha casa da árvore, onde tentei dormir nos seus ramos, ao som das ondas a baterem nos rochedos.

Acordei do alto da minha casa da árvore e avistei o mar. O navio estava mais perto, pois a maré tinha-o trazido e embatido em novos recifes. Meti-me na água e fui a nado ver o meu navio. Procurei comida, roupa, utensílios e pensei como poderia levá-los para a praia de onde tinha vindo. Com alguns paus, tábuas e pedaços de corda construí uma jangada. Nela transportei tudo o que pude.

Cheguei à praia e com o que tinha trazido construí uma espécie de tenda onde passei a viver. Adormeci. Mas quando acordei reparei que havia um local que era o ponto mais alto da praia e decidi ir ver o que descobria. Que vista maravilhosa! – pensei eu. Mas descobri que estava numa ilha desabitada. Fiquei triste, com medo e a pensar o que iria fazer. Voltei para a minha tenda.

Com os utensílios que trouxe do navio e que ia buscando na minha jangada fui construindo o que me parecia ser útil. Trouxe de lá, também, tinta e papel e comecei a escrever diariamente tudo o que se passava – fiz o meu diário de viagem!.

Estive 10 meses naquele lugar deserto e só conhecia aquela parte onde tinha ido parar. Decidi sair e explorar aquela ilha. E tanta coisa encontrei: canas de açúcar, várias qualidades de fruta e uma tartaruga gigante.

O tempo era incerto, ora chovia, ora fazia sol. Até que durante semanas chovia com grande intensidade e tive de ficar “prisioneiro” na minha tenda. Já fazia um ano que tinha chegado aquela ilha deserta.

Estava cansado de estar sozinho e assim que o tempo permitiu voltei à descoberta da ilha. Encontrei madeira resistente para construir uma canoa. Esta canoa servia para fazer pequenas viagens em torno da ilha, o que me permitia ir descobrindo novas coisas a cada viagem.

Um dia depois de uma dessas viagens, ao regressar à ilha, descobri uma marca de um pé humano impressa na areia. O medo dominava-me, pois pensava que aquela seria a marca de selvagens presentes na ilha. Nunca mais me senti seguro na ilha que julgava estar deserta.

O tempo foi passando e aquela ideia de não estar sozinho na ilha inquietava-me. Até que um dia, logo pela manhã, tive uma surpresa. Várias canoas junto à praia. Trepei até ao ponto mais alto e vi índios a dançarem ao redor do fogo, onde assavam carne. Num instante um deles dirigiu-se a uma das canoas e trouxe de lá um prisioneiro que não dava descanso ao índio tentando fugir dali.

O prisioneiro, correndo velozmente, conseguiu fugir e veio em direção à minha pequena tenda. Gritei e disse-lhe:
- Corre para cá que defender-te-ei!
E assim foi ele conseguiu chegar perto da minha tenda.

Tentei aproximar-me dele, falar com ele, mas não entendia a minha linguagem. E eu estava feliz, já não estava sozinho, a solidão já não era a minha companhia. Ele estava exausto e depois de comer e beber adormeceu profundamente. Aquele prisioneiro era um índio selvagem e tudo o que ele dizia eu não entendia. Entendíamos-nos por gestos. Ele era forte, com cabelos compridos e negros, testa alta e larga, olhos muito brilhantes, tinha a face redonda e cheia, o nariz bem formado e os lábios finos. A pele era cor de azeitona.

Nada sabia sobre ele e pus-lhe o nome de Sexta-feira, por o ter salvado a uma sexta-feira. Fui-lhe ensinando muitas coisas: algumas palavras, a caça, a pesca, a minha história. Ele era inteligente e aprendia rápido, sabia que dependíamos de nós mesmos para sobreviver. Revelou-se um bom amigo e o tempo que passei com ele na ilha foi o mais feliz que tive. Mas as saudades de casa, dos amigos, do meu povo permaneciam e aumentavam a cada dia que passava.

Muitas peripécias aconteceram, mas nem sempre há tempo de contar tudo. Um dia acordei com os gritos do Sexta-Feira:
- Um navio! Um navio!
As emoções foram fortes. Seriam índios? - pensei eu. Não, não eram. Era um barco inglês que vinha buscar frutas que necessitavam no seu país.

Eu e Sexta-Feira ajudamo-los a encontrar e carregar os vários tipos de fruta que existiam na ilha. O comandante, depois de todo esse trabalho, perguntou-me se não queria voltar ao meu país. Não pensei duas vezes e no dia seguinte partimos até Inglaterra. Sexta-Feira, embora fosse um índio, tornou-se um amigo inseparável e viajou comigo para todo o lado. A ilha deserta foi a minha casa durante muito tempo, mas agora, passados 28 anos, 2 meses e 19 dias, regressava, finalmente, à minha terra.

Anexo 6 – Folhas de registo individual para preenchimento pelos alunos



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSÓE DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

O que mais gostei ...

O que gostava de saber ainda ...

O/A marinheiro (a) ...

Data

Anexo 7 – Apresentação em PowerPoint relativa à ordenação dos parágrafos e à apreciação do trabalho de cada grupo



Olá!
Agora vamos ver como
conseguiram ordenar a minha
história...



Grupo	Ordem da história
Grupo 1	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conseguiram ordenar a minha viagem muito bem até ao momento que cheguei à Ilha. ✓ Alteraram um bocadinho as peripécias que tive na Ilha, mas não deixou de fazer sentido. ✓ O regresso que escolheram para mim foi tal e qual aquele que vos contei. Boa!



Grupo	Ordem da história
Grupo 3	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conseguiram ordenar a minha viagem muito bem até ao momento que cheguei à Ilha. ✓ Alteraram um bocadinho as peripécias que tive na Ilha, mas não deixou de fazer sentido. ✓ O regresso que escolheram para mim foi tal e qual aquele que vos contei. Boa!



Grupo	Ordem da história
Grupo 2	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conseguiram ordenar a minha viagem muito bem até ao momento que cheguei à Ilha; ✓ Mas gostaram tanto do Sexta-Feira que mal eu cheguei à Ilha encontrei-o logo! Ups acho que se esqueceram que antes de o descobrir tive algumas peripécias; ✓ O regresso que escolheram para mim foi tal e qual aquele que vos contei. Boa!



Grupo	Ordem da história
Grupo 4	<ul style="list-style-type: none">✓ Conseguiram ordenar a minha viagem muito bem até ao momento que cheguei à Ilha.✓ Faltou o resto da história. Oh...

Anexo 8 – Desenhos legendados alusivos a momentos da obra escolhidos pelos alunos





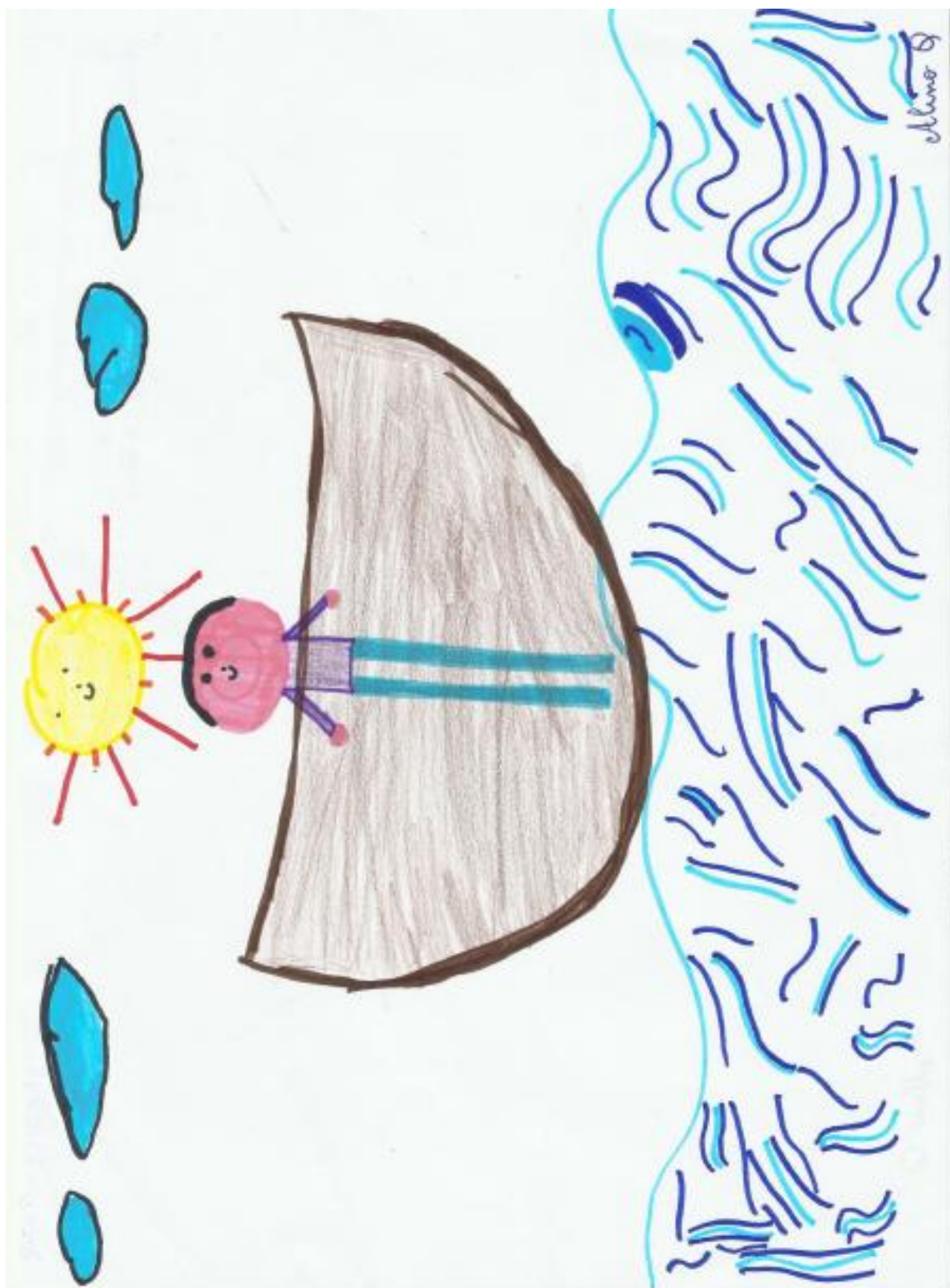














Anexo 9 – Caraterísticas das “ilhas” imaginadas pelos alunos

Episódio da obra “Robinson Crusoe” - Chegada do protagonista à ilha -
Hipóteses formuladas pelos alunos
Segundo os alunos, a ilha: <ul style="list-style-type: none">- não era habitada;- tinha frutos tropicais, plantas e árvores (palmeiras);- tinha comida (peixes e tartarugas);- tinha lagos, madeiras, conchas e areia;- tinha índios e pinturas rupestres nas pedras;- tinha tesouros;- tinha insetos e animais rastejantes;- tinha vulcões com pedregulhos perto.

Anexo 10 – Excerto da obra relativo à descrição da ilha

“Comecei a olhar em meu redor, para ver em que espécie de sítio me encontrava. Naquele momento, a única solução que se me ofereceu foi trepar a uma árvore larga e frondosa, mas espinhosa, que estava plantada perto de mim, e onde resolvi sentar-me toda a noite.

Não sabia ainda onde me encontrava; se no continente ou numa ilha; se habitado ou desabitado; se em perigo de animais selvagens ou não. Havia uma colina a não mais de uma milha de onde me encontrava, que se erguia muito alta e íngreme, e que parecia ultrapassar em altura algumas outras colinas, que formavam uma cordilheira a partir desta em direção ao Norte.

Viajei em exploração até ao cume da colina, no topo. Estava numa ilha, rodeado de mar por todos os lados: não havia terra à vista, exceto alguns rochedos e duas ilhotas. Verifiquei também que a ilha em que estava era árida, vi que havia aves em abundância, mas não sabia de que espécies. Subi um riacho e descobri, depois de subir uma ou duas milhas, que era senão uma pequena ribeira de água a correr. Nos bancos de areia deste ribeiro, descobri muitas savanas ou prados, planos, e cobertos de relva; e nas partes mais altas, havia diversas plantas, das quais não tinha qualquer noção ou conhecimento. Vi grandes plantas de aloé, mas não percebia para que serviam. Vi várias canas-de-açúcar, mas selvagens e, por falta de cultivo, imperfeitas.

Descobri, ainda, frutas diferentes, em especial encontrei melões no chão, em grande abundância, e uvas nas árvores. Desci um pouco pelo vale delicioso e vi aqui abundância de árvores de cacau, laranja, limão e árvores de citrinos; mas todas selvagens, e muito poucas que tivessem alguma fruta, pelo menos não naquela altura.

Encontrei a parte da ilha onde me encontrava mais feliz – os prados e as savanas eram doces, adornados de flores e relva, e cheios de boas madeiras. Vi papagaios em abundância. Descobri nos planaltos lebres e raposas.

Assim que cheguei à praia, fiquei surpreendido por ver que me tinha calhado sem sorte a pior parte da ilha, uma vez que aqui, na verdade, a costa estava cheia de tartarugas. Aqui havia também um número infinito de galináceos de várias espécies. Continuei e andei ao longo da costa em direção a Leste e dei a volta até chegar ao sítio de onde tinha partido”.

Daniel Defoe, *As aventuras de Robinson Crusóé*, Coleção Geração Públio, 1ª edição, 2004 (Texto adaptado e com supressões)

Anexo 11 – Confirmação/infirmção das hipóteses sobre as características da ilha formuladas pelos alunos

Episódio da obra “Robinson Crusoé” - Chegada do protagonista à ilha -	
Hipóteses formuladas pelos alunos	Confirmação/infirmção das hipóteses
Segundo os alunos, a ilha: <ul style="list-style-type: none"> - não era habitada; - tinha frutos tropicais, plantas e árvores (palmeiras); - tinha comida (peixes e tartarugas); - tinha lagos, madeiras, conchas e areia; - tinha índios e pinturas rupestres nas pedras; - tinha tesouros; - tinha insetos e animais rastejantes; - tinha vulcões com pedregulhos perto. 	Após a leitura e exploração do episódio da narrativa em estudo, concluíram que a ilha: <ul style="list-style-type: none"> - tinha animais (galináceos, tartarugas, papagaios, raposas e lebres); - tinha plantas de cacau e árvores de fruto; - tinha prados, savanas e boas madeiras; - tinha cana-de-açúcar; - tinha flores e relva; - tinha colinas.

Anexo 12 – Excerto da obra relativo ao encontro com Sexta-Feira

“Fui surpreendido uma manhã ao ver pelo menos cinco canoas todas juntas em terra, do meu lado da ilha, e as pessoas que faziam parte deste grupo desembarcaram e ficaram fora do alcance da minha vista. O número deles superou as minhas expectativas, pois vendo tantos, (...), eu não sabia o que pensar, ou como executar as minhas medidas para atacar vinte ou trinta homens desarmados. (...) Observei, com a ajuda dos meus binóculos que não eram menos de trinta homens, que tinham uma fogueira a arder e que tinham carne preparada. (...). Estavam todos a dançar, com não sei quantos gestos bárbaros, à sua própria maneira, à volta da fogueira.

Enquanto eu estava a olhar para eles, percebi, pelos meus binóculos, dois infelizes miseráveis arrastados para fora dos barcos. Dei conta que um deles caiu imediatamente, enquanto que a outra vítima tinha sido deixada sozinha. Neste momento, este pobre coitado (...) correu para longe deles e corria com uma rapidez tão incrível sobre a areia, na minha direção, eu quero dizer, em direção aquela parte da costa onde ficava a minha habitação.

Pressenti então, de forma clara e irresistível, que chegara a altura de arranjar um criado e talvez, um companheiro ou auxiliar, e que eu tenha sido, evidentemente, chamado pela Providência para salvar a vida desta pobre criatura.

Gritei, então, (...), fiz-lhe sinal com a mão. O pobre selvagem estava tão assustado que se deixou ficar quieto, sem dar um único passo para a frente ou para trás, apesar de parecer mais inclinado a escapar do que aproximar-se.

Gritei-lhe outra vez e fiz sinal para que avançasse, o que ele facilmente compreendeu, aproximando-se um pouco, parando de seguida e voltado a andar, para mais uma vez se deter. Voltei a chamá-lo e fiz todos os sinais de encorajamento que consegui, até que ele se aproximou pouco a pouco, ajoelhando-se (...) em sinal de reconhecimento por o ter salvo. Sorri para ele, observei-o e convidei-o a aproximar-se, até que finalmente chegou perto de mim, voltou a ajoelhar-se, beijou o chão, apoiou a sua cabeça sobre ele e, pegando-me num pé, colocou-o sobre a sua cabeça, como se me quisesse dizer que jurava ser meu escravo para sempre.



Uma vez aí, dei-lhe pão e um punhado de passas para comer, e um pouco de água para beber, o que ele precisava bastante. Uma vez recomposto, fiz-lhe sinais para que se deitasse e dormisse. O pobre selvagem encostou-se então e adormeceu.

Era um jovem formoso, bem constituído, com membros retos e fortes, (...), alto, com boa figura e creio que deveria ter uns vinte e seis anos. O seu cabelo era comprido e preto, embora não fosse encaracolado como a lâ, a sua testa era alta e larga. A cor da sua pele não era negra, mas sim morena, a sua cara era redonda e cheia, o seu nariz pequeno, lábios finos e os dentes brancos como marfim.

Depois de dormir cerca de meia hora, acordou e foi ter comigo. Primeiramente, fiz-lhe saber que o seu nome seria Sexta-Feira, que era o dia em que lhe tinha salvo a vida.

Daniel Defoe, *As aventuras de Robinson Crusóé*, Coleção Geração Público, 1ª edição, 2004 (Texto adaptado e com supressões)

Anexo 13 – Guião de pesquisa elaborado pela investigadora

 <p>Colégio D. José I SANTA JOANA-AVEIRO</p>	<h2 style="margin: 0;">Guião de Pesquisa</h2>	
<p>Nome: _____</p>		
<p>Data: _____</p>		



Agora que já conheces a aventura do “Robinson Crusoe”, será que consegues descobrir histórias parecidas?

Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.

Segue o guião abaixo com atenção!!

Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, do(s) autor(es) e ano em que foi/foram escrita(s).

Qual(is) o(s) tema(s) da(s) obra(s)?

Qual(is) a(s) personagem(ns) principal(is)?

Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é/são parecida(s) com a história do “Robinson Crusoe”.

Anexo 14 – Textos de apresentação das pesquisas feitas pelos grupos

As pesquisas

Com as pesquisas da nossa grupo de trabalhos, vamos fazer um texto.

Temos uma pesquisa sobre uma naufragio de Germino Stilton vamos falar um pouco mais sobre esse livro.

O autor do livro chama-se Germino Stilton isto é importante não acham!

A personagem principal é Germino Stilton isto se pode ser coincidência!

O nome do livro chama-se o naufragio no dos Linhas.

Logo temos outro livro chama-se Linhas e Moinhos.

Ele escrevi no ano de 1996 e as personagens principais são o Linhas e o Moinhos naufragos, mas por aqui é tudo nós depois acabamos este texto.

Hoje vamos falar o texto, vamos falar sobre mais 2 pesquisas!

Uma delas chama-se Relato de um naufragio o autor chama-se Gabriel Garcia Márquez e foi escrito no ano de 2011.

A personagem principal é Luis Alejandro Velasco, o tema deste livro é o relato de um homem que vive no mar.

Outra pesquisa chama-se Uma aventura na ilha deserta, o autor chama-se Luis María Magalhães e Gabriel Alcázar, o ano em que foi escrito foi 2003.

O tema é a participação numa ilha grande sobre a ilha deserta, a personagem principal é o livro.

No livro de Germino Stilton nós achamos que é parecido com o de Robinson Crusoe porque também sobre um naufragio no livro Linhas e Moinhos.

Nos outros dois livros sobre um naufragio e sobre uma ilha deserta, porém.

Grupo 1

Com as pesquisas descobrimos a La Tabernícola do mar.

Os livros que encontramos são Naufraço que sobrevivem para contar a sua história.

Os personagens principais é o Steven Callahan.

Os livros para ambos livros são subversivos: O Robin nos livros é na ilha e Steven Callahan foi a água, depois por causa de uma arma e quando terminou a água, assim equipamente, ele se transformou a água do mar em potável.

Os livros a história Timbal e Maculário.

Os livros que encontramos foram uma aventura de um navio em um para o Índia.

Os personagens é o Timbal.

Os livros porque o Timbal descobriu uma ilha. Afinal não era uma ilha mas era uma grande baliza e o Timbal ficou ali a noite. Timbal não deu muito para se salvar até que encontrou uma praia de areia.

A história que encontramos foi "Relato de um naufrágio".

O autor é Gabriel Garcia Marquez.

Em também escrito em 1950.

Este livro é uma história de um navio de guerra que caiu no mar e então a deriva numa baliza, com um líder durão e seus.

Os personagens é Genio Alejandro Rábalo.

É parecido a história e parecido porque ambos naufragaram, andaram à deriva e sobreviveram.

Grupo 2

Obra 1-

A obra "O Naufrágio" foi escrita por William Byrd e escrita no ano 2000. Trata-se de uma história de Robinson que se encontra no naufrágio e o Robinson igualmente. O personagem principal é o Tom Hanks.

Obra 2-

O nome da obra é "Roby Dick" o autor é Herman Melville no ano de 1851.

Os personagens principais são o Roby e a Polia.

Essa obra que a história começa com o Roby e a Polia e vai com o Roby (a Polia de Roby Dick).

Obra 3-

A obra "Roby Dick" foi escrita por Herman Melville em 1851.

Obra 4-


A obra "Roby Dick" foi escrita por Herman Melville e a obra principal é a história de Roby e a Polia, foi escrita em 1851 e tem o mesmo nome.

Obra 5-

Esta obra autor o autor Roby e foi escrita em 1851. O personagem principal é Juan de Roby, o Roby e a Polia e a Polia.

Grupo 4

Anexo 15 – Folhas de registo individual preenchidas pelos alunos



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

que a contabilidade é importante para a sociedade.

O que mais gostei ...

Quando o Robinson constrói o telha-pena.

O que gostava de saber ainda ...

Se se tinha tornado marinheiro.

O/A marinheiro (a) ...

Alfonso A

Data

5/11/2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOE DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

Aprendi a história do Robinson.

O que mais gostei ...

Gostei mais da parte do Sexta-feira.

O que gostava de saber ainda ...

Gostava de saber ainda o alfabeto chinês.

O/A marinheiro (a) ...

Aluno B

Data

Sexta-feira, 6 de novembro de 2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

O que há na ilha de Robinson Crusoe.

O que mais gostei ...

Gostei mais quando aprendi a repa-
rar o barco.

O que gostava de saber ainda ...

Estaria o barco ainda quando se
foi que ele tinha quando saiu da ilha.

O/A marinheiro (a) ...

— afonso B —

Data

segunda-feira, 19 de novembro de 2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

Temperatura

O que mais gostei ...

Ter o correio a carta

O que gostava de saber ainda ...

Como se vestia quando eram pequenos

O/A marinho(a) ...

Almeida

Data

20/11/2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÊ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

Aprendi que o Robinson fez amigos.

O que mais gostei ...

Dele ter dado o nome de sexta-feira, e de ele ter passado pelo Brasil.

O que gostava de saber ainda ...

O resto da história do Robinson Crusoe.

O/A marinheiro (a) ...

Flávio D

Data

Terça-feira, 6 de Novembro, 201



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSÓE DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

O resto da história do Robinson Crusóe

O que mais gostei ...

do resto da história

O que gostava de saber ainda ...

nada

O/A marinheiro (a) ...

Clara D.

Data



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

Alguns exemplos! A fazer no livro

O que mais gostei ...

De trabalhar Botago!

O que gostava de saber ainda ...

aposturas sobre o alfabeto (grego) chinês

O/A marinheiro (a) ...

Aluno E

Data

6/11/2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOE DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

que na experiência para ver de que maneira podia
fazer um objeto para de tal que não deixasse passar a luz,
que mesmo todos os materiais deixavam a luz passar pela
luz da mesma forma.

O que mais gostei ...

do resto da história de Robinson Crusoe
que é a história verdadeira da história ~~de Robinson~~
de Robinson Crusoe.

O que gostava de saber ainda ...

Como é que o Robinson comprava a
língua (lingueta) (quanto a capitã e da
barca inglesa falou para ele)

O/A marinho (a) ...

- chama E

Data

Segunda - feira, 19 de novembro de 2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

que Robinson Crusoe a história foi um grande
sucesso em Inglaterra e o que escreveu foi Daniel Defoe

O que mais gostei ...

que ele teve 3 profissões

O que gostava de saber ainda ...

que tinha 4 profissões

O/A marinheiro (a) ...

→ afonso F

Data

6/11/2018



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

Em apressi da ilha dele

O que mais gostei ...

O que gostava de saber ainda ...

O/A marinho(a) ...

Aluno F

Data



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

Hoje aprendi a história de Robinson Crusoe

O que mais gostei ...

O que eu mais gostei de hoje foi saber que Robinson foi um amigo que foi a busca - fazer

O que gostava de saber ainda ...

Queria saber mais sobre a vida de Robinson

O/A mazinheiro (a) ...

afonso G.

Data

11/12/12



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÊ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

12 fatos da história de Polímeros Químicos

O que mais gostei ...

de fazer a história

O que gostava de saber ainda ...

Se ele voltou para casa com frequência

O/A marinho(a) ...

afonso G

Data

21/11/2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

Mais sobre Robinson Crusoe

O que mais gostei ...

Quando o Robinson ficou na ilha

O que gostava de saber ainda ...

gostava saber agora quantos anos tem o autor

O/A marinheteiro (a) ...

Aluno H

Data

Terça-feira, 6 de novembro de 2013



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

que devo ter sempre meus papéis.

O que mais gostei ...

foi saber como o Robinson Crusoe vive na ilha.

O que gostava de saber ainda ...

foi se o Robinson fez tudo para a festa - fira ou se o Lorde - fira fez alguma coisa diferente.

O/A menino (a) ...

afonso I

Data

6/12/2022



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

Que quem se perde na ilha aprende
a explorar para encontrar coisas para
comer - mas ...

O que mais gostei ...

Foi ajudar-me o Robinson
a construir um casa que a luz
do sol não passa-se

O que gostava de saber ainda ...

Era se ele fez com as cascas-de-
-água e a água.

O/A marinheiro (a) ...

Aluno I

Data

19/11/2022



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

Que o Robinson existia.

O que mais gostei ...

De quando foi para a ilha.

O que gostava de saber ainda ...

O resto da aventura.

O/A marinheiro (a) ...

afonso j.

Data

6/11/2017



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOE DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

Robo e lha.

O que mais gostei ...

do primeiro

O que gostava de saber ainda ...

de como se faz

O/A macinheiro (a) ...

Aluno 7

Data

19/11/2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÊ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

Que a história do Robinson é fixe.

O que mais gostei ...

Do boneco Robinson.

O que gostava de saber ainda ...

Mais informações do Robinson.

O/A marinheiro (a) ...

... C. Flávio L.

Data

6/11/2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

Como era a ilha do Robinson Crusóe.

O que mais gostei ...

De encontrar a ilha e escrever o texto.

O que gostava de saber ainda ...

Se o Robinson volta a fazer viagens.

O/A marinheiro (a) ...

... Bruno L.

Data

19/11/2011



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÊ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

Eu aprendi a fazer o diário do Robinson e também a desenhar a ilha.

O que mais gostei ...

Fiz o desenho e colorei a ilha e também gostei de escrever o diário.

O que gostava de saber ainda ...

Gostava de saber mais aventuras do Robinson.

O/A marinheiro (a) ...

... afonso M ...

Data

Segunda-feira, 16 de Novembro de 2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÊ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

Eu hoje aprendi as palavras que se usam na ilha de Robinson.

O que mais gostei ...

Eu mais gostei das aventuras que ele passava na ilha.

O que gostava de saber ainda ...

Eu gostava de saber ainda mais aventuras.


O/A marinheiro (a) ...

Alvaro A

Data

Segunda-feira 24 de novembro de 2012

Robinson Crusoe



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÊ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...
Que ele tinha feito as obras do
1729.

O que mais gostei ...
De viver quando nasceu.

O que gostava de saber ainda ...
De fazer qual foi a obra que
ele fez primeiro.

O/A marinheiro (s) ...
Aluno N
 Data
6/11/2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

que ele estava numa ilha
com muitos animais.

O que mais gostei ...

gostei da parte que ele
estava na ilha com animais.

O que gostava de saber ainda ...

se ele dava-se bem
na ilha.

O/A marinheiro (a) ...

Aluno A

Data

17/11/2022



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÊ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

aprendi que o Robinson nasceu em
Angola.

O que mais gostei ...

gostei muito de ler o livro com o meu amigo
nesta festa.

O que gostava de saber ainda ...

gostei de saber a viagem que ele fez.

O/A marinheiro (a) ...

_____ *Flávio V* _____

Data

_____ *6/11/2012* _____



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

que havia na ilha

O que mais gostei ...

por ter descoberto mais coisas da ilha

O que gostava de saber ainda ...

*gostava de saber a que se ligava com esse
matéria*

O/A marujo (a) ...

Aluno D

Data

Legenda - fim 19/11/2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

que a casa de Robinson estava no meio do grupo de casais.

O que mais gostei ...

que o Robinson tinha o nome de Robinson - porque era inglês.

O que gostava de saber ainda ...

se o autor já tem nascido gostava de saber quanto tempo ele tem agora.

O/A marinheiro (a) ...

Aluno P

Data

6/11/2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÊ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

que o Robinson usou muitos materiais para fazer o barco.

O que mais gostei ...

de fazer o desenho do Robinson.

O que gostava de saber ainda ...

quanto custava o barco - feira.

O/A marinheiro (a) ...

Aluno P

Data

19/11/2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

O Robinson ficou prisioneiro na aquela ilha durante 28 anos e 2 meses e 19 dias.

O que mais gostei ...

Eu gostei mais de aprender, que durante 28 anos, meses e dias poder sobreviver numa ilha deserta.

O que gostava de saber ainda ...

Mais sobre a história do Robinson.

O/A marinheiro (a) ...

... afonso G

Data

terça-feira, 6 de novembro de 2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

As galáxias tem que ser separadas
em galáxias.

O que mais gostei ...

É que uma pessoa pode estar
muito alta durante uma noite,
sembrar e dar exemplo 28 anos
e mais e 19 dias.

O que gostava de saber ainda ...

Queria saber o que aconteceu
Robinson Crusoe.

O/A marimbista (a) ...

— Afonso A —

Data

Segunda-feira, 19 de novembro de 2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

que não se compie a mesma coisa
do que os outros países a não
ser Portugal,

O que mais gostei ...

foi de ver as imagens dos
outros países.

O que gostava de saber ainda ...

O que eu ainda mais gostava
de saber era quando ele des-
ceu a sua ilha.

O/A marinheiro (a) ...

Aluno B

Data

6/11/2012



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

aprendi que alguns países não se podem dizer
com letras escritas.

O que mais gostei ...

da novela da Progel.

O que gostava de saber ainda ...

Quanto são os países do mundo.

O/A marinheiro (a) ...

Aluno R

Data

19/11/2018



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

Apreendi que nunca se deve desalbedar
as coisas também se pode desalbedar
a futuras coisas ou coisas.

O que mais gostei ...

O que mais gostei foi uma atividade
que era para colocar por ordem e
depois para colorir.

O que gostava de saber ainda ...

gostava saber a viagem da volta

O/A marinho(s) ...

— Aluno 5 —

Data

06/11/2022



O DIÁRIO DO ROBINSON CRUSOÉ DO 3º ANO DO COLÉGIO D. JOSÉ I

Hoje aprendi ...

Aprenti nomes de palavras por exemplo:
frondosa, congrua, abundância, milhe,
casas, prados, plát, citrinos, adornados
e galinóces.

O que mais gostei ...

O que mais gostei foi a estrofi-
sência da luz de raios plásticos:
Cartas, folha de vegetal, folha de
alumínio, folha de papel, cartolina
e folha de acetato.

O que gostava de saber ainda ...

Importância de saber o que aconteceu
pelo caminho para casa do Robinson
Crusoe.


O/A marinheiro (a) ...

Aluno S


Data

Segunda-feira, 19 de novembro de

Anexo 16 – Proposta de ordenação de parágrafos relativos a momentos da obra



Robinson Crusoe – Guião da Obra



Grupo de trabalho: _____

1

Data: Segunda-feira, 8 de novembro de 2022

Este ano têm um novo amigo, O Robinson Crusoe. Irão conhecer a sua história e viver algumas aventuras. Para saberem um pouco mais sobre essa nova personagem propomos um desafio. Vai ser a nossa primeira aventura. Estás preparado?

Agora tens partes da história do Robinson e deves organizar e ordenar. Depois de feito esse trabalho, lê todo o texto para perceberes se faz sentido e está completo. No final basta colares a tua história pela ordem correta e assim ficas a conhecer mais este novo amigo.

Robinson Crusoe. Este é o meu nome. Nasci na velha cidade de Iorque, onde há um rio muito largo, cheio de navios que entram e saem. Quando criança, passava a maior parte do tempo a olhar aquele rio de águas tão quietas, caminhando sem pressa para o mar lá longe. Sonhava, porque queria ser marinheiro. Os meus pais ficavam tristes com este meu sonho, tinham medo das terríveis tempestades do mar. Com a chegada dos meus 18 anos fugi de casa e embarquei num navio.

Depois de encontrar um capitão (já pessoa de certa idade) que costumava viajar pela costa de África, fui com ele fazer uma viagem até lá. Era uma viagem de mercadorias para negociar com o povo Africano. Aprendi a ser um verdadeiro marinheiro e durante dez dias só tivemos tempo bom.

Na minha primeira viagem tive medo e lembrei-me que os meus pais tinham razão. À noite houve uma grande tempestade que fazia baloiçar o navio de forma brusca. Pensei em desistir do meu sonho, mas no dia seguinte havia sol firme e mar calmo, esse medo desapareceu. Continuava a ter um grande desejo e curiosidade de conhecer o mundo inteiro.

Mas eis que o tempo vai mudando, inicia-se uma grande tempestade. Nunca tinha visto nada assim. Durante dias fomos arrastados ao sabor das ondas e do vento, sem direção alguma e à espera do pior. Três dias depois um dos meus companheiros avisa que tínhamos Terra à vista, mas, nesse mesmo momento, o navio bate num banco de areia e fica imóvel.

As ondas continuavam gigantes e rebentaram o meu navio e eu fui engolido pelas águas. Depois disto não sei o que aconteceu até ao momento em que acordo numa praia. Ao levantar-me, muito devagar, lembrei-me de procurar o meu capitão e os meus amigos, mas não encontrei ninguém. Estava ali sozinho! (5)

Continuei a procura incessante dos meus companheiros até a noite se aproximar. Chegou o escuro e chorei que nem uma criança. Era noite. Nunca me senti tão só, tão desamparado. Com medo de que alguma fera me atacasse olhei em volta e havia uma grande árvore onde me fui instalar. Era a minha casa da árvore, onde tentei dormir nos seus ramos, ao som das ondas a baterem nos rochedos.

Acordei do alto da minha casa da árvore e avistei o mar. O navio estava mais perto, pois a maré tinha-o trazido e embatido em novos recifes. Meti-me na água e fui a nado ver o meu navio. Procurei comida, roupa, utensílios e pensei como poderia levá-los para a praia de onde tinha vindo. Com alguns paus, tábuas e pedaços de corda construí uma jangada. Nela transportei tudo o que pude.

Cheguei à praia e com o que tinha trazido construí uma espécie de tenda onde passei a viver. Adormeci. Mas quando acordei reparei que havia um local que era o ponto mais alto da praia e decidi ir ver o que descobria. Que vista maravilhosa! – pensei eu. Mas descobri que estava numa ilha desabitada. Fiquei triste, com medo e a pensar o que iria fazer. Voltei para a minha tenda.

Com os utensílios que trouxe do navio e que ia buscando na minha jangada fui construindo o que me parecia ser útil. Trouxe de lá, também, tinta e papel e comecei a escrever diariamente tudo o que se passava – fiz o meu diário de viagem! 9

Estava cansado de estar sozinho e assim que o tempo permitiu voltei à descoberta da ilha. Encontrei madeira resistente para construir uma canoa. Esta canoa servia para fazer pequenas viagens em torno da ilha, o que me permitia ir descobrindo novas coisas a cada viagem. 10

O tempo era incerto, ora chovia, ora fazia sol. Até que durante semanas chovia com grande intensidade e tive de ficar “prisioneiro” na minha tenda. Já fazia um ano que tinha chegado aquela ilha deserta. 11

Um dia depois de uma dessas viagens, ao regressar à ilha, descobri uma marca de um pé humano impressa na areia. O medo dominava-me, pois pensava que aquela seria a marca de selvagens presentes na ilha. Nunca mais me senti seguro na ilha que julgava estar deserta. 12

Estive 10 meses naquele lugar deserto e só conhecia aquela parte onde tinha ido parar. Decidi sair e explorar aquela ilha. E tanta coisa encontrei: canas de açúcar, várias qualidades de fruta e uma tartaruga gigante. 13

O tempo foi passando e aquela ideia de não estar sozinho na ilha inquietava-me. Até que um dia, logo pela manhã, tive uma surpresa. Várias canoas junto à praia. Trepei até ao ponto mais alto e vi índios a dançarem ao redor do fogo, onde assavam carne. Num instante um deles dirigiu-se a uma das canoas e trouxe de lá um prisioneiro que não dava descanso ao índio tentando fugir dali. 14

3

O prisioneiro, correndo velozmente, conseguiu fugir e veio em direção à minha pequena tenda. Gritei e disse-lhe:

- Corre para cá que defender-te-ei!

15

E assim foi ele conseguiu chegar perto da minha tenda.

Tentei aproximar-me dele, falar com ele, mas não entendia a minha linguagem. E eu estava feliz, já não estava sozinho, a solidão já não era a minha companhia. Ele estava exausto e depois de comer e beber adormeceu profundamente.

Aquele prisioneiro era um índio selvagem e tudo o que ele dizia eu não entendia. Entendíamos-nos por gestos. Ele era forte, com cabelos compridos e negros, testa alta e larga, olhos muito brilhantes, tinha a face redonda e cheia, o nariz bem formado e os lábios finos. A pele era cor de azeitona.

16

Nada sabia sobre ele e pus-lhe o nome de Sexta-feira, por o ter salvado a uma sexta-feira. Fui-lhe ensinando muitas coisas: algumas palavras, a caça, a pesca, a minha história. Ele era inteligente e aprendia rápido, sabia que dependíamos de nós mesmos para sobreviver. Revelou-se um bom amigo e o tempo que passei com ele na ilha foi o mais feliz que tive. Mas as saudades de casa, dos amigos, do meu povo permaneciam e aumentavam a cada dia que passava.

17

Muitas peripécias aconteceram, mas nem sempre há tempo de contar tudo. Um dia acordei com os gritos do Sexta-Feira:



- Um navio! Um navio!

18

As emoções foram fortes. Seriam índios? - pensei eu. Não, não eram. Era um barco inglês que vinha buscar frutas que necessitavam no seu país.

Eu e Sexta-Feira ajudamo-los a encontrar e carregar os vários tipos de fruta que existiam na ilha. O comandante, depois de todo esse trabalho, perguntou-me se não queria voltar ao meu país. Não pensei duas vezes e no dia seguinte partimos até Inglaterra. Sexta-Feira, embora fosse um índio, tornou-se um amigo inseparável e viajou comigo para todo o lado. A ilha deserta foi a minha casa durante muito tempo, mas agora, passados 28 anos, 2 meses e 19 dias, regressava, finalmente, à minha terra.

19

 Colégio D. João I Turma: _____	<h2 style="margin: 0;">Robinson Crusóé – Guião da Obra</h2>	
Grupo de trabalho: _____ <div style="text-align: center; margin: 5px 0;">2</div> _____		
Data: <u>Segunda-feira, 5 de</u> _____		

Este ano têm um novo amigo, O Robinson Crusóé. Irão conhecer a sua história e viver algumas aventuras. Para saberem um pouco mais sobre essa nova personagem propomos um desafio. Vai ser a nossa primeira aventura. Estás preparado?

Agora tens partes da história do Robinson e deves organizar e ordenar. Depois de feito esse trabalho, lê todo o texto para perceberes se faz sentido e está completo. No final basta colares a tua história pela ordem correta e assim ficas a conhecer mais este novo amigo.

Robinson Crusóé. Este é o meu nome. Nasci na velha cidade de Iorque, onde há um rio muito largo, cheio de navios que entram e saem. Quando criança, passava a maior parte do tempo a olhar aquele rio de águas tão quietas, caminhando sem pressa para o mar lá longe. Sonhava, porque queria ser marinheiro. Os meus pais ficavam tristes com este meu sonho, tinham medo das terríveis tempestades do mar. Com a chegada dos meus 18 anos fugi de casa e embarquei num navio.

Na minha primeira viagem tive medo e lembrei-me que os meus pais tinham razão. À noite houve uma grande tempestade que fazia baloiçar o navio de forma brusca. Pensei em desistir do meu sonho, mas no dia seguinte havia sol firme e mar calmo, esse medo desapareceu. Continuava a ter um grande desejo e curiosidade de conhecer o mundo inteiro.

Depois de encontrar um capitão (já pessoa de certa idade) que costumava viajar pela costa de África, fui com ele fazer uma viagem até lá. Era uma viagem de mercadorias para negociar com o povo Africano. Aprendi a ser um verdadeiro marinheiro e durante dez dias só tivemos tempo bom.

O tempo era incerto, ora chovia, ora fazia sol. Até que durante semanas chovia com grande intensidade e tive de ficar "prisioneiro" na minha tenda. Já fazia um ano que tinha chegado aquela ilha deserta.

As ondas continuavam gigantes e rebentaram o meu navio e eu fui engolido pelas águas. Depois disto não sei o que aconteceu até ao momento em que acordo numa praia. Ao levantar-me, muito devagar, lembrei-me de procurar o meu capitão e os meus amigos, mas não encontrei ninguém. Estava ali sozinho!

Continuei a procura incessante dos meus companheiros até a noite se aproximar. Chegou o escuro e chorei que nem uma criança. Era noite. Nunca me senti tão só, tão desamparado. Com medo de que alguma fera me atacasse olhei em volta e havia uma grande árvore onde me fui instalar. Era a minha casa da árvore, onde tentei dormir nos seus ramos, ao som das ondas a baterem nos rochedos.

Mas eis que o tempo vai mudando, inicia-se uma grande tempestade. Nunca tinha visto nada assim. Durante dias fomos arrastados ao sabor das ondas e do vento, sem direção alguma e à espera do pior. Três dias depois um dos meus companheiros avisa que tínhamos Terra à vista, mas, nesse mesmo momento, o navio bate num banco de areia e fica imóvel.

Acordei do alto da minha casa da árvore e avistei o mar. O navio estava mais perto, pois a maré tinha-o trazido e embatido em novos recifes. Meti-me na água e fui a nado ver o meu navio. Procurei comida, roupa, utensílios e pensei como poderia levá-los para a praia de onde tinha vindo. Com alguns paus, tábuas e pedaços de corda construí uma jangada. Nela transportei tudo o que pude.

Com os utensílios que trouxe do navio e que ia buscando na minha jangada fui construindo o que me parecia ser útil. Trouxe de lá, também, tinta e papel e comecei a escrever diariamente tudo o que se passava – fiz o meu diário de viagem!

Cheguei à praia e com o que tinha trazido construí uma espécie de tenda onde passei a viver. Adormeci. Mas quando acordei reparei que havia um local que era o ponto mais alto da praia e decidi ir ver o que descobria. Que vista maravilhosa! – pensei eu. Mas descobri que estava numa ilha desabitada. Fiquei triste, com medo e a pensar o que iria fazer. Voltei para a minha tenda.

Estava cansado de estar sozinho e assim que o tempo permitiu voltei à descoberta da ilha. Encontrei madeira resistente para construir uma canoa. Esta canoa servia para fazer pequenas viagens em torno da ilha, o que me permitia ir descobrindo novas coisas a cada viagem.

O prisioneiro, correndo velozmente, conseguiu fugir e veio em direção à minha pequena tenda. Gritei e disse-lhe:

- Corre para cá que defender-te-ei!

E assim foi ele conseguiu chegar perto da minha tenda.

Nada sabia sobre ele e pus-lhe o nome de Sexta-feira, por o ter salvado a uma sexta-feira. Fui-lhe ensinando muitas coisas: algumas palavras, a caça, a pesca, a minha história. Ele era inteligente e aprendia rápido, sabia que dependíamos de nós mesmos para sobreviver. Revelou-se um bom amigo e o tempo que passei com ele na ilha foi o mais feliz que tive. Mas as saudades de casa, dos amigos, do meu povo permaneciam e aumentavam a cada dia que passava.

O tempo foi passando e aquela ideia de não estar sozinho na ilha inquietava-me. Até que um dia, logo pela manhã, tive uma surpresa. Várias canoas junto à praia. Trepei até ao ponto mais alto e vi índios a dançarem ao redor do fogo, onde assavam carne. Num instante um deles dirigiu-se a uma das canoas e trouxe de lá um prisioneiro que não dava descanso ao índio tentando fugir dali. 14

Um dia depois de uma dessas viagens, ao regressar à ilha, descobri uma marca de um pé humano impressa na areia. O medo dominava-me, pois pensava que aquela seria a marca de selvagens presentes na ilha. Nunca mais me senti seguro na ilha que julgava estar deserta.

Tentei aproximar-me dele, falar com ele, mas não entendia a minha linguagem. E eu estava feliz, já não estava sozinho, a solidão já não era a minha companhia. Ele estava exausto e depois de comer e beber adormeceu profundamente.

Aquele prisioneiro era um índio selvagem e tudo o que ele dizia eu não entendia. Entendíamos-nos por gestos. Ele era forte, com cabelos compridos e negros, testa alta e larga, olhos muito brilhantes, tinha a face redonda e cheia, o nariz bem formado e os lábios finos. A pele era cor de azeitona. 15



Estive 10 meses naquele lugar deserto e só conhecia aquela parte onde tinha ido parar. Decidi sair e explorar aquela ilha. E tanta coisa encontrei: canas de açúcar, várias qualidades de fruta e uma tartaruga gigante.

Muitas peripécias aconteceram, mas nem sempre há tempo de contar tudo. Um dia acordei com os gritos do Sexta-Feira:

- Um navio! Um navio!

As emoções foram fortes. Seriam índios? - pensei eu. Não, não eram. Era um barco inglês que vinha buscar frutas que necessitavam no seu país.

Eu e Sexta-Feira ajudamo-los a encontrar e carregar os vários tipos de fruta que existiam na ilha. O comandante, depois de todo esse trabalho, perguntou-me se não queria voltar ao meu país. Não pensei duas vezes e no dia seguinte partimos até Inglaterra. Sexta-Feira, embora fosse um índio, tornou-se um amigo inseparável e viajou comigo para todo o lado. A ilha deserta foi a minha casa durante muito tempo, mas agora, passados 28 anos, 2 meses e 19 dias, regressava, finalmente, à minha terra. 16

 Ministério da Educação	Robinson Crusoe – Guião da Obra	
Grupo de trabalho: _____ <div style="text-align: center;">3</div>		
Data: <u>segunda-feira, 5 de novembro de 2012</u>		

Este ano têm um novo amigo, O Robinson Crusoe. Irão conhecer a sua história e viver algumas aventuras. Para saberem um pouco mais sobre essa nova personagem propomos um desafio. Vai ser a nossa primeira aventura. Estás preparado?

Agora tens partes da história do Robinson e deves organizar e ordenar. Depois de feito esse trabalho, lê todo o texto para perceberes se faz sentido e está completo. No final basta colares a tua história pela ordem correta e assim ficas a conhecer mais este novo amigo.

Robinson Crusoe. Este é o meu nome. Nasci na velha cidade de Iorque, onde há um rio muito largo, cheio de navios que entram e saem. Quando criança, passava a maior parte do tempo a olhar aquele rio de águas tão quietas, caminhando sem pressa para o mar lá longe. Sonhava, porque queria ser marinheiro. Os meus pais ficavam tristes com este meu sonho, tinham medo das terríveis tempestades do mar. Com a chegada dos meus 18 anos fugi de casa e embarquei num navio.

Na minha primeira viagem tive medo e lembrei-me que os meus pais tinham razão. À noite houve uma grande tempestade que fazia baloiçar o navio de forma brusca. Pensei em desistir do meu sonho, mas no dia seguinte havia sol firme e mar calmo, esse medo desapareceu. Continuava a ter um grande desejo e curiosidade de conhecer o mundo inteiro.

Depois de encontrar um capitão (já pessoa de certa idade) que costumava viajar pela costa de África, fui com ele fazer uma viagem até lá. Era uma viagem de mercadorias para negociar com o povo Africano. Aprendi a ser um verdadeiro marinheiro e durante dez dias só tivemos tempo bom.

Mas eis que o tempo vai mudando, inicia-se uma grande tempestade. Nunca tinha visto nada assim. Durante dias fomos arrastados ao sabor das ondas e do vento, sem direção alguma e à espera do pior. Três dias depois um dos meus companheiros avisa que tínhamos Terra à vista, mas, nesse mesmo momento, o navio bate num banco de areia e fica imóvel.

As ondas continuavam gigantes e rebentaram o meu navio e eu fui engolido pelas águas. Depois disto não sei o que aconteceu até ao momento em que acordo numa praia. Ao levantar-me, muito devagar, lembrei-me de procurar o meu capitão e os meus amigos, mas não encontrei ninguém. Estava ali sozinho!

Continuei a procura incessante dos meus companheiros até a noite se aproximar. Chegou o escuro e chorei que nem uma criança. Era noite. Nunca me senti tão só, tão desamparado. Com medo de que alguma fera me atacasse olhei em volta e havia uma grande árvore onde me fui instalar. Era a minha casa da árvore, onde tentei dormir nos seus ramos, ao som das ondas a baterem nos rochedos.

Um dia depois de uma dessas viagens, ao regressar à ilha, descobri uma marca de um pé humano impressa na areia. O medo dominava-me, pois pensava que aquela seria a marca de selvagens presentes na ilha. Nunca mais me senti seguro na ilha que julgava estar deserta.

Estava cansado de estar sozinho e assim que o tempo permitiu voltei à descoberta da ilha. Encontrei madeira resistente para construir uma canoa. Esta canoa servia para fazer pequenas viagens em torno da ilha, o que me permitia ir descobrindo novas coisas a cada viagem.

Com os utensílios que trouxe do navio e que ia buscando na minha jangada fui construindo o que me parecia ser útil. Trouxe de lá, também, tinta e papel e comecei a escrever diariamente tudo o que se passava – fiz o meu diário de viagem!.

Acordei do alto da minha casa da árvore e avistei o mar. O navio estava mais perto, pois a maré tinha-o trazido e embatido em novos recifes. Meti-me na água e fui a nado ver o meu navio. Procurei comida, roupa, utensílios e pensei como poderia levá-los para a praia de onde tinha vindo. Com alguns paus, tábuas e pedaços de corda construí uma jangada. Nela transportei tudo o que pude.

Cheguei à praia e com o que tinha trazido construí uma espécie de tenda onde passei a viver. Adormeci. Mas quando acordei reparei que havia um local que era o ponto mais alto da praia e decidi ir ver o que descobria. Que vista maravilhosa! – pensei eu. Mas descobri que estava numa ilha desabitada. Fiquei triste, com medo e a pensar o que iria fazer. Voltei para a minha tenda.

Estive 10 meses naquele lugar deserto e só conhecia aquela parte onde tinha ido parar. Decidi sair e explorar aquela ilha. E tanta coisa encontrei: canas de açúcar, várias qualidades de fruta e uma tartaruga gigante.

O tempo era incerto, ora chovia, ora fazia sol. Até que durante semanas chovia com grande intensidade e tive de ficar “prisioneiro” na minha tenda. Já fazia um ano que tinha chegado aquela ilha deserta.

O tempo foi passando e aquela ideia de não estar sozinho na ilha inquietava-me. Até que um dia, logo pela manhã, tive uma surpresa. Várias canoas junto à praia. Trepei até ao ponto mais alto e vi índios a dançarem ao redor do fogo, onde assavam carne. Num instante um deles dirigiu-se a uma das canoas e trouxe de lá um prisioneiro que não dava descanso ao índio tentando fugir dali.

O prisioneiro, correndo velozmente, conseguiu fugir e veio em direção à minha pequena tenda. Gritei e disse-lhe:

- Corre para cá que defender-te-ei!

E assim foi ele conseguiu chegar perto da minha tenda.

Tentei aproximar-me dele, falar com ele, mas não entendia a minha linguagem. E eu estava feliz, já não estava sozinho, a solidão já não era a minha companhia. Ele estava exausto e depois de comer e beber adormeceu profundamente.

Aquele prisioneiro era um índio selvagem e tudo o que ele dizia eu não entendia. Entendiamos-nos por gestos. Ele era forte, com cabelos compridos e negros, testa alta e larga, olhos muito brilhantes, tinha a face redonda e cheia, o nariz bem formado e os lábios finos. A pele era cor de azeitona.



Nada sabia sobre ele e pus-lhe o nome de Sexta-feira, por o ter salvado a uma sexta-feira. Fui-lhe ensinando muitas coisas: algumas palavras, a caça, a pesca, a minha história. Ele era inteligente e aprendia rápido, sabia que dependíamos de nós mesmos para sobreviver. Revelou-se um bom amigo e o tempo que passei com ele na ilha foi o mais feliz que tive. Mas as saudades de casa, dos amigos, do meu povo permaneciam e aumentavam a cada dia que passava.

Muitas peripécias aconteceram, mas nem sempre há tempo de contar tudo. Um dia acordei com os gritos do Sexta-Feira:

- Um navio! Um navio!

As emoções foram fortes. Seriam índios? - pensei eu. Não, não eram. Era um barco inglês que vinha buscar frutas que necessitavam no seu país.

Eu e Sexta-Feira ajudamo-los a encontrar e carregar os vários tipos de fruta que existiam na ilha. O comandante, depois de todo esse trabalho, perguntou-me se não queria voltar ao meu país. Não pensei duas vezes e no dia seguinte partimos até Inglaterra. Sexta-Feira, embora fosse um índio, tornou-se um amigo inseparável e viajou comigo para todo o lado. A ilha deserta foi a minha casa durante muito tempo, mas agora, passados 28 anos, 2 meses e 19 dias, regressava, finalmente, à minha terra.

	<h2 style="margin: 0;">Robinson Crusoe – Guião da Obra</h2>	
Grupo de trabalho: _____ <div style="text-align: center; font-size: 1.5em; font-weight: bold;">4</div>		
Data: <u>Segunda-feira, 5 de novembro de 2012</u>		

Este ano têm um novo amigo, O Robinson Crusoe. Irão conhecer a sua história e viver algumas aventuras. Para saberem um pouco mais sobre essa nova personagem propomos um desafio. Vai ser a nossa primeira aventura. Estás preparado?

Agora tens partes da história do Robinson e deves organizar e ordenar. Depois de feito esse trabalho, lê todo o texto para perceberes se faz sentido e está completo. No final basta colares a tua história pela ordem correta e assim ficas a conhecer mais este novo amigo.

Robinson Crusoe. Este é o meu nome. Nasci na velha cidade de Iorque, onde há um rio muito largo, cheio de navios que entram e saem. Quando criança, passava a maior parte do tempo a olhar aquele rio de águas tão quietas, caminhando sem pressa para o mar lá longe. Sonhava, porque queria ser marinheiro. Os meus pais ficavam tristes com este meu sonho, tinham medo das terríveis tempestades do mar. Com a chegada dos meus 18 anos fugi de casa e embarquei num navio.

Depois de encontrar um capitão (já pessoa de certa idade) que costumava viajar pela costa de África, fui com ele fazer uma viagem até lá. Era uma viagem de mercadorias para negociar com o povo Africano. Aprendi a ser um verdadeiro marinheiro e durante dez dias só tivemos tempo bom.

Na minha primeira viagem tive medo e lembrei-me que os meus pais tinham razão. À noite houve uma grande tempestade que fazia baloiçar o navio de forma brusca. Pensei em desistir do meu sonho, mas no dia seguinte havia sol firme e mar calmo, esse medo desapareceu. Continuava a ter um grande desejo e curiosidade de conhecer o mundo inteiro.

Mas eis que o tempo vai mudando, inicia-se uma grande tempestade. Nunca tinha visto nada assim. Durante dias fomos arrastados ao sabor das ondas e do vento, sem direção alguma e à espera do pior. Três dias depois um dos meus companheiros avisa que tínhamos Terra à vista, mas, nesse mesmo momento, o navio bate num banco de areia e fica imóvel.

As ondas continuavam gigantes e rebentaram o meu navio e eu fui engolido pelas águas. Depois disto não sei o que aconteceu até ao momento em que acordo numa praia. Ao levantar-me, muito devagar, lembrei-me de procurar o meu capitão e os meus amigos, mas não encontrei ninguém. Estava ali sozinho!

Cheguei à praia e com o que tinha trazido construí uma espécie de tenda onde passei a viver. Adormeci. Mas quando acordei reparei que havia um local que era o ponto mais alto da praia e decidi ir ver o que descobria. Que vista maravilhosa! – pensei eu. Mas descobri que estava numa ilha desabitada. Fiquei triste, com medo e a pensar o que iria fazer. Voltei para a minha tenda.

Continuei a procura incessante dos meus companheiros até a noite se aproximar. Chegou o escuro e chorei que nem uma criança. Era noite. Nunca me senti tão só, tão desamparado. Com medo de que alguma fera me atacasse olhei em volta e havia uma grande árvore onde me fui instalar. Era a minha casa da árvore, onde tentei dormir nos seus ramos, ao som das ondas a baterem nos rochedos.

Estive 10 meses naquele lugar deserto e só conhecia aquela parte onde tinha ido parar. Decidi sair e explorar aquela ilha. E tanta coisa encontrei: canas de açúcar, várias qualidades de fruta e uma tartaruga gigante.

Com os utensílios que trouxe do navio e que ia buscando na minha jangada fui construindo o que me parecia ser útil. Trouxe de lá, também, tinta e papel e comecei a escrever diariamente tudo o que se passava – fiz o meu diário de viagem!

Um dia depois de uma das viagens, ao regressar à ilha, descobri uma marca de um pé humano impressa na areia. O medo dominava-me, pois pensava que aquela seria a marca de selvagens presentes na ilha. Nunca mais me senti seguro na ilha que julgava estar deserta.

O tempo era incerto, ora chovia, ora fazia sol. Até que durante semanas chovia com grande intensidade e tive de ficar “prisioneiro” na minha tenda. Já fazia um ano que tinha chegado aquela ilha deserta.

Estava cansado de estar sozinho e assim que o tempo permitiu voltei à descoberta da ilha. Encontrei madeira resistente para construir uma canoa. Esta canoa servia para fazer pequenas viagens em torno da ilha, o que me permitia ir descobrindo novas coisas a cada viagem.

Acordei do alto da minha casa da árvore e avistei o mar. O navio estava mais perto, pois a maré tinha-o trazido e embatido em novos recifes. Meti-me na água e fui a nado ver o meu navio. Procurei comida, roupa, utensílios e pensei como poderia levá-los para a praia de onde tinha vindo. Com alguns paus, tábuas e pedaços de corda construí uma jangada. Nela transportei tudo o que pude.

O tempo foi passando e aquela ideia de não estar sozinho na ilha inquietava-me. Até que um dia, logo pela manhã, tive uma surpresa. Várias canoas junto à praia. Trepei até ao ponto mais alto e vi índios a dançarem ao redor do fogo, onde assavam carne. Num instante um deles dirigiu-se a uma das canoas e trouxe de lá um prisioneiro que não dava descanso ao índio tentando fugir dali.

(14)

O prisioneiro, correndo velozmente, conseguiu fugir e veio em direção à minha pequena tenda. Gritei e disse-lhe:

- Corre para cá que defender-te-ei!

E assim foi ele conseguiu chegar perto da minha tenda.

Tentei aproximar-me dele, falar com ele, mas não entendia a minha linguagem. E eu estava feliz, já não estava sozinho, a solidão já não era a minha companhia. Ele estava exausto e depois de comer e beber adormeceu profundamente.

Aquele prisioneiro era um índio selvagem e tudo o que ele dizia eu não entendia. Entendíamos-nos por gestos. Ele era forte, com cabelos compridos e negros, testa alta e larga, olhos muito brilhantes, tinha a face redonda e cheia, o nariz bem formado e os lábios finos. A pele era cor de azeitona.

15

Nada sabia sobre ele e pus-lhe o nome de Sexta-feira, por o ter salvado a uma sexta-feira. Fui-lhe ensinando muitas coisas: algumas palavras, a caça, a pesca, a minha história. Ele era inteligente e aprendia rápido, sabia que dependíamos de nós mesmos para sobreviver. Revelou-se um bom amigo e o tempo que passei com ele na ilha foi o mais feliz que tive. Mas as saudades de casa, dos amigos, do meu povo permaneciam e aumentavam a cada dia que passava.

Muitas peripécias aconteceram, mas nem sempre há tempo de contar tudo. Um dia acordei com os gritos do Sexta-Feira:

- Um navio! Um navio!

As emoções foram fortes. Seriam índios? - pensei eu. Não, não eram. Era um barco inglês que vinha buscar frutas que necessitavam no seu país.

Eu e Sexta-Feira ajudamo-los a encontrar e carregar os vários tipos de fruta que existiam na ilha. O comandante, depois de todo esse trabalho, perguntou-me se não queria voltar ao meu país. Não pensei duas vezes e no dia seguinte partimos até Inglaterra. Sexta-Feira, embora fosse um índio, tornou-se um amigo inseparável e viajou comigo para todo o lado. A ilha deserta foi a minha casa durante muito tempo, mas agora, passados 28 anos, 2 meses e 19 dias, regressava, finalmente, à minha terra.

(19)

Anexo 17 – Proposta de ordenação de parágrafos relativos a um episódio da obra

	<p>1 – “Fui surpreendido uma manhã ao ver pelo menos cinco canoas todas juntas em terra, do meu lado da ilha, e as pessoas que faziam parte deste grupo desembarcaram e ficaram fora do alcance da minha vista. O número deles superou as minhas expectativas, pois vendo tantos, (...), eu não sabia o que pensar, ou como executar as minhas medidas para atacar vinte ou trinta homens desarmados. (...) Observei, com a ajuda dos meus binóculos que não eram menos de trinta homens, que tinham uma fogueira a arder e que tinham carne preparada. (...). Estavam todos a dançar, com não sei quantos gestos bárbaros, à sua própria maneira, à volta da fogueira.</p>
2	<p>Gritei, então, (...), fiz-lhe sinal com a mão. O pobre selvagem estava tão assustado que se deixou ficar quieto, sem dar um único passo para a frente ou para trás, apesar de parecer mais inclinado a escapar do que aproximar-se.</p>
3	<p>Gritei-lhe outra vez e fiz sinal para que avançasse, o que ele facilmente compreendeu, aproximando-se um pouco, parando de seguida e voltado a andar, para mais uma vez se deter. Voltei a chamá-lo e fiz todos os sinais de encorajamento que consegui, até que ele se aproximou pouco a pouco, ajoelhando-se (...) em sinal de reconhecimento por o ter salvo. Sorri para ele, observei-o e convidei-o a aproximar-se, até que finalmente chegou perto de mim, voltou a ajoelhar-se, beijou o chão, apoiou a sua cabeça sobre ele e, pegando-me num pé, colocou-o sobre a sua cabeça, como se me quisesse dizer que jurava ser meu escravo para sempre.</p>
4	<p>2 – Era um jovem formoso, bem constituído, com membros retos e fortes, (...), alto, com boa figura e creio que deveria ter uns vinte e seis anos. O seu cabelo era comprido e preto, embora não fosse encaracolado como a lá, a sua testa era alta e larga. A cor da sua pele não era negra, mas sim morena, a sua cara era redonda e cheia, o seu nariz pequeno, lábios finos e os dentes brancos como marfim.</p>
5	<p>3 – Depois de dormitar cerca de meia hora, acordou e foi ter comigo. Primeiramente, fiz-lhe saber que o seu nome seria Sexta-Feira, que era o dia em que lhe tinha salvo a vida.</p>
6	<p>Uma vez aí, dei-lhe pão e um punhado de passas para comer, e um pouco de água para beber, o que ele precisava bastante. Uma vez recomposto, fiz-lhe sinais para que se deitasse e dormisse. O pobre selvagem encostou-se então e adormeceu.</p>
7	<p>Presenti então, de forma clara e irresistível, que chegara a altura de arranjar um criado e talvez, um companheiro ou auxiliar, e que eu tenha sido, evidentemente, chamado pela Providência para salvar a vida desta pobre criatura.</p>
8	<p>4 – Enquanto eu estava a olhar para eles, percebi, pelos meus binóculos, dois infelizes miseráveis arrastados para fora dos barcos. Dei conta que um deles caiu imediatamente, enquanto que a outra vítima tinha sido deixada sozinha. Neste momento, este pobre coitado (...) correu para longe deles e corria com uma rapidez tão incrível sobre a areia, na minha direcção, eu quero dizer, em direcção aquela parte da costa onde ficava a minha habitação. — Grupo 1</p>

"Fui surpreendido uma manhã ao ver pelo menos cinco canoas todas juntas em terra, do meu lado da ilha, e as pessoas que faziam parte deste grupo desembarcaram e ficaram fora do alcance da minha vista. O número deles superou as minhas expectativas, pois vendo tantos, (...), eu não sabia o que pensar, ou como executar as minhas medidas para atacar vinte ou trinta homens desarmados. (...) Observei, com a ajuda dos meus binóculos que não eram menos de trinta homens, que tinham uma fogueira a arder e que tinham carne preparada. (...). Estavam todos a dançar, com não sei quantos gestos bárbaros, à sua própria maneira, à volta da fogueira.

Enquanto eu estava a olhar para eles, percebi, pelos meus binóculos, dois infelizes miseráveis arrastados para fora dos barcos. Dei conta que um deles caiu imediatamente, enquanto que a outra vítima tinha sido deixada sozinha. Neste momento, este pobre coitado (...) correu para longe deles e corria com uma rapidez tão incrível sobre a areia, na minha direção, eu quero dizer, em direção aquela parte da costa onde ficava a minha habitação.

Gritei, então, (...), fiz-lhe sinal com a mão. O pobre selvagem estava tão assustado que se deixou ficar quieto, sem dar um único passo para a frente ou para trás, apesar de parecer mais inclinado a escapar do que aproximar-se.

Gritei-lhe outra vez e fiz sinal para que avançasse, o que ele facilmente compreendeu, aproximando-se um pouco, parando de seguida e voltado a andar, para mais uma vez se deter. Voltei a chamá-lo e fiz todos os sinais de encorajamento que consegui, até que ele se aproximou pouco a pouco, ajoelhando-se (...) em sinal de reconhecimento por o ter salvo. Sorri para ele, observei-o e convidei-o a aproximar-se, até que finalmente chegou perto de mim, voltou a ajoelhar-se, beijou o chão, apoiou a sua cabeça sobre ele e, pegando-me num pé, colocou-o sobre a sua cabeça, como se me quisesse dizer que jurava ser meu escravo para sempre.

Uma vez aí, dei-lhe pão e um punhado de passas para comer, e um pouco de água para beber, o que ele precisava bastante. Uma vez recomposto, fiz-lhe sinais para que se deitasse e dormisse. O pobre selvagem encostou-se então e adormeceu.

Depois de dormir cerca de meia hora, acordou e foi ter comigo. Primeiramente, fiz-lhe saber que o seu nome seria Sexta-Feira, que era o dia em que lhe tinha salvo a vida.

Era um jovem formoso, bem constituído, com membros retos e fortes, (...), alto, com boa figura e creio que deveria ter uns vinte e seis anos. O seu cabelo era comprido e preto, embora não fosse encaracolado como a lã, a sua testa era alta e larga. A cor da sua pele não era negra, mas sim morena, a sua cara era redonda e cheia, o seu nariz pequeno, lábios finos e os dentes brancos como marfim.

Pressenti então, de forma clara e irresistível, que chegara a altura de arranjar um criado e talvez, um companheiro ou auxiliar, e que eu tenha sido, evidentemente, chamado pela Providência para salvar a vida desta pobre criatura.

Grupo 2

1.^o

"Fui surpreendido uma manhã ao ver pelo menos cinco canoas todas juntas em terra, do meu lado da ilha, e as pessoas que fazem parte deste grupo desembarcaram e ficaram fora do alcance da minha vista. O número deles superou as minhas expectativas, pois vendo tantos, (...) eu não sabia o que pensar, ou como executar as minhas medidas para atacar vinte ou trinta homens desarmados. (...) Observei, com a ajuda dos meus binóculos que não eram menos de trinta homens, que tinham uma fogueira a arder e que tinham carne preparada. (...) Estavam todos a dançar, com não sei quantos gestos bárbaros, à sua própria maneira, à volta da fogueira.

2.^o

Enquanto eu estava a olhar para eles, percebi, pelos meus binóculos, dois infelizes miseráveis arrastados para fora dos barcos. Dei conta que um deles caiu imediatamente, enquanto que a outra vítima tinha sido deixada sozinha. Neste momento, este pobre coitado (...) correu para longe deles e corria com uma rapidez tão incrível sobre a areia, na minha direção, eu quero dizer, em direção aquela parte da costa onde ficava a minha habitação.

3.^o

Gritei, então, (...), fiz-lhe sinal com a mão. O pobre selvagem estava tão assustado que se deixou ficar quieto, sem dar um único passo para a frente ou para trás, apesar de parecer mais inclinado a escapar do que aproximar-se.

4.^o

Gritei-lhe outra vez e fiz sinal para que avançasse, o que ele facilmente compreendeu, aproximando-se um pouco, parando de seguida e voltado a andar, para mais uma vez se deter. Voltei a chamá-lo e fiz todos os sinais de encorajamento que consegui, até que ele se aproximou pouco a pouco, ajoelhando-se (...) em sinal de reconhecimento por o ter salvo. Sorri para ele, observei-o e convidei-o a aproximar-se, até que finalmente chegou perto de mim, voltou a ajoelhar-se, beijou o chão, apoiou a sua cabeça sobre ele e, pegando-me num pé, colocou-o sobre a sua cabeça, como se me quisesse dizer que jurava ser meu escravo para sempre.

6.^o

Presenti então, de forma clara e irresistível, que chegara a altura de arranjar um criado e talvez, um companheiro ou auxiliar, e que eu tenha sido, evidentemente, chamado pela Providência para salvar a vida desta pobre criatura.

7.^o

Uma vez aí, dei-lhe pão e um punhado de passas para comer, e um pouco de água para beber, o que ele precisava bastante. Uma vez recomposto, fiz-lhe sinais para que se deitasse e dormisse. O pobre selvagem encostou-se então e adormeceu.

8.^o

Depois de dormir cerca de meia hora, acordou e foi ter comigo. Primeiramente, fiz-lhe saber que o seu nome seria Sexta-Feira, que era o dia em que lhe tinha salvo a vida.

5.^o

Era um jovem formoso, bem constituído, com membros retos e fortes, (...), alto, com boa figura e creio que deveria ter uns vinte e seis anos. O seu cabelo era comprido e preto, embora não fosse encaracolado como a lá, a sua testa era alta e larga. A cor da sua pele não era negra, mas sim morena, a sua cara era redonda e cheia, o seu nariz pequeno, lábios finos e os dentes brancos como marfim.

Garcia 2

10
"Fui surpreendido uma manhã ao ver pelo menos cinco canoas todas juntas em terra, do meu lado da ilha, e as pessoas que faziam parte deste grupo desembarcaram e ficaram fora do alcance da minha vista. O número deles superou as minhas expectativas, pois vendo tantos, (...), eu não sabia o que pensar, ou como executar as minhas medidas para atacar vinte ou trinta homens desarmados. (...) Observei, com a ajuda dos meus binóculos que não eram menos de trinta homens, que tinham uma fogueira a arder e que tinham carne preparada. (...) Estavam todos a dançar, com não sei quantos gestos bárbaros, à sua própria maneira, à volta da fogueira.

25
Enquanto eu estava a olhar para eles, percebi, pelos meus binóculos, dois infelizes miseráveis arrastados para fora dos barcos. Dei conta que um deles caiu imediatamente, enquanto que a outra vítima tinha sido deixada sozinha. Neste momento, este pobre coitado (...) correu para longe deles e corria com uma rapidez tão incrível sobre a areia, na minha direção, eu quero dizer, em direção aquela parte da costa onde ficava a minha habitação.

34
Era um jovem formoso, bem constituído, com membros retos e fortes, (...), alto, com boa figura e creio que deveria ter uns vinte e seis anos. O seu cabelo era comprido e preto, embora não fosse encaracolado como a mãe, a sua testa era alta e larga. A cor da sua pele não era negra, mas sim morena, a sua cara era redonda e chela, o seu nariz pequeno, lábios finos e os dentes brancos como marfim.

42
Gritei, então, (...), fiz-lhe sinal com a mão. O pobre selvagem estava tão assustado que se deixou ficar quieto, sem dar um único passo para a frente ou para trás, apesar de parecer mais inclinado a escapar do que aproximar-se.

58
Gritei-lhe outra vez e fiz sinal para que avançasse, o que ele facilmente compreendeu, aproximando-se um pouco, parando de seguida e voltado a andar, para mais uma vez se deter. Voltei a chamá-lo e fiz todos os sinais de encorajamento que consegui, até que ele se aproximou pouco a pouco, ajoelhando-se (...) em sinal de reconhecimento por o ter salvo. Sorri para ele, observei-o e convidei-o a aproximar-se, até que finalmente chegou perto de mim, voltou a ajoelhar-se, beijou o chão, apoiou a sua cabeça sobre ele e, pegando-me num pé, colocou-o sobre a sua cabeça, como se me quisesse dizer que jurava ser meu escravo para sempre.

65
Pressenti então, de forma clara e irresistível, que chegara a altura de arranjar um criado e talvez, um companheiro ou auxiliar, e que eu tenha sido, evidentemente, chamado pela Providência para salvar a vida desta pobre criatura.

72
Uma vez aí, dei-lhe pão e um punhado de passas para comer, e um pouco de água para beber, o que ele precisava bastante. Uma vez recomposto, fiz-lhe sinais para que se deitasse e dormisse. O pobre selvagem encostou-se então e adormeceu.

80
Depois de dormir cerca de meia hora, acordou e foi ter comigo. Primeiramente, fiz-lhe saber que o seu nome seria Sexta-Feira, que era o dia em que lhe tinha salvo a vida.

Grupo 4

Anexo 18 – Justificações apresentadas pelos grupos para a ordenação dos parágrafos relativos a um episódio da obra

GRUPO 1

“Nós fizemos assim de acordo com o texto e esta foi a nossa expectativa. Agora que lemos para a turma vimos que está mal porque há partes que estão no fim e deviam estar no início, ou melhor, na introdução e estão na conclusão”.

GRUPO 2

“Nós fomos vendo o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto. Colocamos assim porque estes textos começam sempre quem é, como se chamam e depois é que dizem as características físicas e psicológicas”.

GRUPO 3

“Para nós faz sentido, porque primeiro ele tinha encontrado os barcos. Primeiro vimos que esta parte mostrava a história do início e fomos lendo para fazer sentido. Também sabemos que é assim porque só depois de ele o ver é que sabia que ele podia ser o seu companheiro”.

GRUPO 4

“Porque achamos que faz sentido para nós quando colámos. Passamos logo para a descrição do Sexta-feira porque deve aparecer em primeiro porque é a personagem principal e um texto deve começar assim”.

Anexo 19 – Guiões de pesquisa preenchidos pelos alunos

Guião de Pesquisa

Nome: Alfonso A

Data: domingo, 2 de dezembro de 2012

Agora que já conheces a aventura do "Robinson Crusoe", será que consegues descobrir histórias parecidas?

Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.

Segue o guião abaixo com atenção!!

Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, do(s) autor(es) e ano em que foi/foram escrita(s).

Simbad, o marinheiro.

foi escrita em 1996.

Qual(is) o(s) tema(s) da(s) obra(s)?

Navegar pelo mar.

Qual(is) o(s) personagem(ões) principal(is)?

Simbad e o famoso navegador.

Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é/são parecida(s) com a história do "Robinson Crusoe".

porque nas duas obras as duas personagens foram de aventuras na natureza pelo mundo e descobriram novas ilhas.

Guião de Pesquisa	
Nome:	Aluno B.
Data:	Segunda-feira, 3 de dezembro de 2012



Agora que já conheces a aventura do "Robinson Crusoe", será que consegues descobrir histórias parecidas?

Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.

Segue o guião abaixo com atenção!!

Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, de(s) autor(es) e ano em que foi/foram escrita(s).

Obra: "Uma Aventura na ilha deserta."
 Autor(es): Dna. Maria Magoalães e Isabel Relvão.
 Ano: 2003.

Qual(is) o(s) tema(s) da(s) obra(s)?

Tema: "Participação num filme gravado numa ilha deserta."

Qual(is) a(s) personagem(en)s principal(is)?


Personagens principais:
 Os gémeos Luísa e Teresa,
 o Pedro, o João e o Chico.


Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é(são) parecida(s) com a história do "Robinson Crusoe".

Eu acho que esta história é parecida com a história do Robinson Crusoe porque as duas histórias passam-se numa ilha deserta.

 Guião de Pesquisa	
Nome: <u>Alana C.</u> Data: <u>Quarta-feira, 28 de Novembro de 2012</u>	
	<p>Agora que já conheces a aventura do "Robinson Crusoe", será que consegues descobrir histórias parecidas?</p> <p>Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.</p> <p>Segue o guião abaixo com atenção!!</p>
<p>Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, do(s) autor(es) e ano em que foi/foram escrita(s).</p> <p><u>"O Soldadinho de Chumbo"</u> <u>by. Brunette</u></p>	<p>Qual(is) o(s) tema(s) da(s) obra(s)?</p> <p><u>Um soldado perdido</u></p>
<p>Qual(is) a(s) personagem(en) principal(is)?</p> <p><u>O Soldadinho e a Bailarina</u></p>	<p>Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é/são parecida(s) com a história do "Robinson Crusoe".</p> <p><u>Porque o Soldadinho perdeu como o Robinson.</u></p>

 Guião de Pesquisa	
Nome:	<u>Aluno D</u>
Data:	<u>Segunda-feira, 1 de dezembro de 2012 às 3:26:07</u>
	<p>Agora que já conheces a aventura do "Robinson Crusoe", será que consegues descobrir histórias parecidas?</p> <p>Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.</p> <p>Segue o guião abaixo com atenção!!</p>
<p>Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, do(s) autor(es) e ano em que foi/foram escrita(s).</p> <p>- Santa Catarina - autor - cristine Delphino - ano - 95-96</p>	<p>Qual(is) o(s) tema(s) da(s) obra(s)?</p> <p>A descoberta de Santa Catarina</p>
<p>Qual(is) o(s) personagem(es) principal(is)?</p> <p>Quatro dias de sol. onze naufragos. índios corajosos</p>	<p>Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é/são parecida(s) com a história do "Robinson Crusoe".</p> <p>Porque são parecidas tem índios e naufragos.</p>

 Guião de Pesquisa	
Nome: <u>afonso F</u>	
Data: <u>segunda-feira, 3 de dezembro de 2012</u>	



Agora que já conheces a aventura do "Robinson Crusoe", será que consegues descobrir histórias parecidas?

Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.

Segue o guião abaixo com atenção!!

<p>Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, do(s) autor(es) e ano em que foi/foram escrita(s).</p> <p><u>Obra: gulliver e o naufragio</u> <u>Ano: 1986</u> <u>Autor: ysana Rosa</u></p>	<p>Qual(is) o(s) tema(s) da(s) obra(s)?</p> <p><u>Tema: O naufragio de gulliver</u> <u>até à ilha dos anõesinhos.</u></p>
<p>Qual(is) a(s) personagem(ns) principal(is)?</p> <p><u>Personagens: gulliver e o Rei</u> <u>dos anõesinhos.</u></p>	<p>Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é/são parecida(s) com a história do "Robinson Crusoe".</p> <p><u>Relacionamento: O gulliver</u> <u>também se perdeu numa ilha</u> <u>e também naufragou para</u> <u>uma ilha.</u></p>


Guião de Pesquisa


Nome: Alvaro F

Data: Segunda-feira



Agora que já conheces a aventura do "Robinson Crusoe", será que consegues descobrir histórias parecidas?

Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.

Segue o guião abaixo com atenção!!

Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, da(s) autor(es) e ano em que foi/foram escrita(s).

San Antonio e o mundo dos 4 grandes
foi escrito em 1901.
o autor foi Manuel

Qual(is) o(s) tema(s) da(s) obra(s)?

"Caça ao tesouro"

Qual(is) a(s) personagem(en) principal(is)?

"Dante Doolley"

Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é/ão parecida(s) com a história de "Robinson Crusoe".

"Porque está numa ilha"



Guião de Pesquisa



Nome: Aluno G

Data: Segunda-feira 3 de Setembro 2012



Agora que já conheces a aventura do "Robinson Crusoe", será que consegues descobrir histórias parecidas?

Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.

Segue o guião abaixo com atenção!!

Nome(s) do(s) obra(s) que encontraste, do(s) autor(es) e ano em que foi/foram escrita(s).

O meu dia de natal.
de Francisco
San Martin em 2000

Qual(is) o(s) tema(s) da(s) obra(s)?

O dia de natal


Qual(is) a(s) personagem(es) principal(is)?

O Pai e a Mãe.

Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é/são parecida(s) com a história do "Robinson Crusoe".

Em 1800 também fez um amigo
índio.

Guião de Pesquisa	
Nome: <u>Aluno H.</u>	
Data: <u>Domingo, 2 de dezembro de 2012</u>	



gostas que já conheças a «aventura» do «Robinson Crusoe», ser: que consegues descobrir histórias parecidas?

Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.

Segue o guião abaixo com atenção!!

<p>Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, do(a) autor(es) e ano em que foi/foram escrita(s).</p> <p><u>Relato de um naufrágio</u> <u>O ano que foi escrito: 1955</u> <u>O nome do autor: Gabriel Márquez</u></p>	<p>Qual(es) o(s) tema(s) da(s) obra(s)?</p> <p><u>O tema da obra é o relato da experiência de um jovem que, em 1955, viveu ao mar, com outros 7 membros da tripulação do contratorpedeiro colombiano que participou da guerra dos colombianos.</u></p>
<p>Qual(is) a(s) personagem(ões) principal(is)?</p> <p><u>A personagem principal é um sobrevivente de nome Luis Alejandro Velasco.</u></p>	<p>Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é/são parecida(s) com a história do «Robinson Crusoe».</p> <p><u>Eu acho que esta obra tem ^{uma} semelhança com a história de Robinson Crusoe por que também se trata de um naufrágio e dos riscos a que estes navegadores estavam sujeitos.</u></p>



* a porcos.

são porcupas:

- vento forte,
- tempestades
- e chuvas fortes.

• sabe que esta história também é parecida com a de com
a de Lázaro, porque Lázaro também é um homem
curioso.

por isso durante todo o tempo, não cansa, não deixa, chegando a
estar faminto e quase sem pele, sendo as primeiras coisas.

		<h2 style="text-align: center;">Guião de Pesquisa</h2>			
Nome: <u>Afonso I</u>					
Data: <u>Domingo, 2 de Setembro de 2022</u>					



Agora que já conheces a aventura de "Robinson Crusoe", será que consegues descobrir histórias parecidas?

Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.

Segue o guião abaixo com atenção!

Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, do(s) autor(es) e ano em que foi/foram escrita(s).

O naufrago é o nome do autor chama-se William Broyles jr. Foi feito no ano 2000.

Qual(is) a(s) tema(s) da(s) obra(s)?


Uma pessoa que sobrevive numa ilha.

Qual(is) a(s) personagem(n) principal(is)?

Tom Hanks

Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é/são parecida(s) com a história de "Robinson Crusoe".

Porque eles ficaram naufragados e o Robien a mesma coisa.

 Escola E. J. 1. Nome: <u>Aluno 3</u> Data: <u>11/03/2012</u>	Guião de Pesquisa
---	--------------------------



Agora que já conheces a aventura do "Robinson Crusoe", será que consegues descobrir histórias parecidas?

Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.

Sigue o guião abaixo com atenção!!

Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, do(s) autor(es) e ano em que foi/foram escrita(s).

Moby Dick.
Herman Melville.
1851.

Qual(is) o(s) tema(s) da(s) obra(s)?

Um rapaz que se torna o amigo de uma baleia.

Qual(is) a(s) personagem(en)s principal(is)?


O rapaz e a Baleia.
(Ismael e Moby Dick).

Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é(são) parecida(s) com a história do "Robinson Crusoe".

Porque um rapaz se perde no mar e faz um amigo (a Baleia Moby Dick).

 Guião de Pesquisa	
Nome: <u>afonso l</u> Data: <u>3 de dezembro de 2012</u>	
	<p>Agora que já conheces a aventura do "Robinson Crusoe", será que consegues descobrir histórias parecidas?</p> <p>Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.</p> <p>Segue o guião abaixo com atenção!!</p>
Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, do(s) autor(es) e ano em que foi/eram escrita(s). <u>(Filme) Titanic - 1912 -</u> <u>Holond and Ueloff</u>	Qual(is) o(s) tema(s) da(s) obra(s)? <u>Naufrágio</u>
Qual(is) a(s) personagem(ns) principal(is)? <u>Como transatlântico</u>	Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é/são parecida(s) com a história do "Robinson Crusoe". <u>Porque conta a história de um naufrágio</u>

 <h2 style="text-align: center;">Guião de Pesquisa</h2>	
<p>Nome: <u>Aluno 1</u></p> <p>Data: <u>segunda-feira, 3 de dezembro de 2022</u></p>	
	<p>Agora que já conheces a aventura do "Robinson Crusoe", será que consegues descobrir histórias parecidas?</p> <p>Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.</p> <p>Segue o guião abaixo com atenção!!</p>
<p>Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, do(s) autor(es) + ano em que foi/foram escrita(s).</p> <p><u>Limbad o Menino</u></p>	<p>Qual(is) o(s) tema(s) da(s) obra(s)?</p> <p><u>Uma obra de um menino no mar numa viagem para a Índia</u></p>
<p>Qual(is) a(s) personagem(en)s principal(is)?</p> <p><u>As personagens principais são o Limbad</u></p>	<p>Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é/são parecida(s) com a história de "Robinson Crusoe".</p> <p><u>Porque o Limbad desembarcou numa ilha. Afinal não era uma ilha mas era uma grande baleia e o Limbad atirou-se ao mar. Limbad nadou muito para se salvar até que encontrou uma praia deserta.</u></p>

 Guião de Pesquisa	
Nome:	<u>efluna V</u>
Data:	<u>Segunda - feira</u>



Agora que já conheces a aventura do "Robinson Crusoe", será que consegues descobrir histórias parecidas?

Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.

Segue o guião abaixo com atenção!!

Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, do(s) autor(es) + ano em que foi/foram escrita(s).

"Relato de um Naufrago"
 Autor: gabriel garcia marquez
 Escrito em 1948

Qual(is) o(s) tema(s) da(s) obra(s)?



Um relato de um naufrago de guerra que está no mar e onde o seu nome mesmo é o mesmo, sem como o livro de antes de ser.

Qual(is) a(s) personagem(en)s principal(is)?

Uma personagem: Belasco

Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é/são parecida(s) com a história do "Robinson Crusoe".

de história é parecido porque ambos naufragados e andaram adiante a sobrevivência.

 Escola E. B. 2.ª 2018/2019	Guião de Pesquisa	
Nome: <u>Cláudio P.</u>		
Data: <u>Quarta-feira 8 de novembro de 2012</u>		





Agora que já conheces a aventura do "Robinson Crusoe", será que consegues descobrir histórias parecidas?



Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.

Segue o guião abaixo com atenção!!

Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, do(s) autor(es) e ano em que foi/foram escrita(s). <i>g. 2012/13</i> <u>Naufrágio na ilha dos pintos</u> <u>autor: Jerônimo Stilton</u>	Qual(n) o(s) tema(s) da(s) obra(s)? <u>Naufrágio na ilha dos pintos</u>
Qual(n) a(s) personagem(na) principal(is)? <u>Jerônimo Stilton</u>	Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é/são parecida(s) com a história do "Robinson Crusoe". <u>Porque o autor do naufrágio</u>

 <h2 style="text-align: center;">Guião de Pesquisa</h2>	
<p>Nome: <u>Alano R.</u></p> <p>Data: <u>Segunda-feira, 3 de Dezembro</u> <u>de 2012</u></p>	
	<p>Agora que já conheces a aventura do "Robinson Crusoe", será que consegues descobrir histórias parecidas?</p> <p>Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.</p> <p>Segue o guião abaixo com atenção!!</p>
<p>Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, do(s) autor(es) e ano em que foi/foram escrita(s).</p> <ul style="list-style-type: none"> - <u>A Ilha Mistiosa - Julio Verne 1874</u> - <u>A Escola do Robinson - Julio Verne 1881</u> - <u>Os Naufragos do Yonathian - Julio Verne 1900</u> 	<p>Qual(is) o(s) tema(s) da(s) obra(s)?</p> <p><u>Naufrágio</u></p>
<p>Qual(is) a(s) personagem(en) principal(is)?</p> <p><u>Não temos os livros.</u></p>	<p>Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é/são parecida(s) com a história do "Robinson Crusoe".</p> <p><u>Porque em todos estes livros existem naufrágios como na história do Robinson Crusoe.</u></p>

Guião de Pesquisa	
Nome: <u>Alano R</u>	
Data: <u>Quinta-feira, 29 de novembro de 2012</u>	
	<p>Agora que já conheces a aventura do "Robinson Crusoe", será que consegues descobrir histórias parecidas?</p> <p>Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.</p> <p>Segue o guião abaixo com atenção!!</p>
<p>Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, do(s) autor(es) e ano em que foi/foram escrita(s).</p> <p><u>As Viagens de Gulliver</u> autor: <u>Jonathan Swift</u> ano: <u>1726</u></p>	<p>Qual(e) o(s) tema(s) da(s) obra(s)?</p> <p><u>A história incide-se com um naufrágio do navio onde Gulliver regresse após o naufrágio ele foi levado para uma ilha e encontrou dois índios.</u></p>
<p>Qual(is) a(s) personagem(en) principal(is)?</p> <p><u>Gulliver.</u></p>	<p>Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é(são) parecida(s) com a história do "Robinson Crusoe".</p> <p><u>Porque as histórias falam sobre um naufrágio, ambos foram ter a uma ilha.</u></p>

 Guião de Pesquisa	
Nome:	<u>Aluno 5</u>
Data:	<u>Domingo, 2 de dezembro de 2018</u>
	<p>Agora que já conheces a aventura do "Robinson Crusoe", será que consegues descobrir histórias parecidas?</p> <p>Pesquisa em casa outras histórias que falem sobre pessoas naufragadas, perdidas em ilhas e/ou que tenham amigos índios.</p> <p>Segue o guião abaixo com atenção!!</p>
<p>Nome(s) da(s) obra(s) que encontraste, do(s) autor(es) e ano em que foi/foram escrita(s).</p> <p><u>Sobrevivência no Mar.</u></p>	<p>Qual(is) o(s) tema(s) da(s) obra(s)?</p> <p><u>Náufrago que sobreviveu para contar a sua história.</u></p>
<p>Qual(is) a(s) personagem(en)s principal(is)?</p> <p><u>Steven Callahan.</u></p>	<p>Explica por que é que achas que essa(s) obra(s) é/são parecida(s) com a história de "Robinson Crusoe".</p> <p><u>Ambos lutaram pela sobrevivência: o Robinson Crusoe foi na ilha e o Steven Callahan foi na água, começaram a pescar com a sua arma e quando terminou a água jurou o equívoco solar para transformar a água do mar em potável.</u></p>